

**UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP**  
Programa de Mestrado em Comunicação

**Revista Realidade:**

**Representações da sociedade na mídia impressa brasileira em 1966/1967 -  
tempos de transformações políticas e socioculturais**

**TALITA FRANCO DE GODOY**

**SÃO PAULO**

**2013**

**UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP**  
**Programa de Mestrado em Comunicação**

**Revista Realidade: Representações da sociedade na mídia impressa brasileira  
em 1966/1967 - tempos de transformações políticas e socioculturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado  
em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Comunicação, sob orientação da  
Professora Doutora Carla Reis Longhi.

**TALITA FRANCO DE GODOY**

**SÃO PAULO**  
**2013**

Godoy, Talita Franco de.

Revista Realidade : Representações da sociedade na mídia brasileira em 1966/1967 – tempos de transformação políticas e socioculturais / Talita Franco de Godoy - 2013.

185 f. : il. color.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Profª. Dra. Carla Reis Longhi.

**TALITA FRANCO DE GODOY**

**Revista Realidade: Representações da sociedade na mídia impressa brasileira  
em 1966/1967- tempos de transformações políticas e socioculturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado  
em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Comunicação.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Carla Reis Longhi  
Universidade Paulista - Unip

---

Professora Doutora Dulcília Buitoni  
Faculdades Cásper Líbero

---

Professora Doutora Barbara Heller  
Universidade Paulista - Unip

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora e orientadora Carla Reis Longhi, por sua dedicação, tanto nas aulas ministradas como nos produtivos encontros de orientação, além dos calorosos debates provindos das leituras no grupo de pesquisa "Mídia, Cultura e Política: identidades, representações e configurações do público e do privado no discurso midiático".

Também à professora Barbara Heller, que acompanhou este projeto desde o início, contribuindo com suas aulas. Nelas conheci o livro da Prof<sup>a</sup> Dulcília Buitoni, que gentilmente aceitou nosso convite e veio a participar da banca de qualificação, enriquecendo a pesquisa apresentada.

Ao professor Antonio Adami, pelo incentivo na minha participação nos eventos promovidos pelo grupo de pesquisa "Mídia, Cultura e Memória".

Agradeço aos colegas de Mestrado, embora a primeira turma tenha se dispersado logo, muitos ficarão sempre na memória, como Deusiney, Waner, Carlos André e outros, em especial Leila, parceira em todo esse trajeto.

À minha gestora Ana Paula e aos colegas do trabalho da UNIP Interativa, sou grata pela torcida e incentivo. Entre eles: Evandro, Thiago, Fernando, Maria Santos, Gaston, Célia, Nanci e todos os membros das equipes da tutoria de Estúdio e Associadas.

Em especial destaco meu justo agradecimento ao amigo Bruno César, por tantos livros emprestados, diálogos inspiradores e ideias proveitosas. Sou grata pelo tempo que ele investiu em mim respondendo às minhas perguntas e atendendo às minhas intermináveis solicitações. Reconheço o quanto ele foi generoso ao dividir comigo uma pequenina porção da sua intelectualidade tão admirável. Sei que ficará orgulhoso em saber o quanto contribuiu com meu crescimento acadêmico, intelectual e pessoal. Sua presença foi fundamental nessa jornada.

Agradeço à minha família e amigos, por compreenderem a necessidade dos meus isolamentos. Pesquisar é assim mesmo!

Sobre todos, agradeço a Deus, por inspirar minha força interior.

*“Não pode existir conhecimento sem emoção. Podemos estar cientes da verdade, mas até que tenhamos sentido sua força, ela não é nossa. À cognição do cérebro deve ser acrescentada a experiência da alma”.*

*Arnold Bennett*

## RESUMO

Este estudo tem por *corpus* a Revista Realidade, produto editorial impresso, lançado pela Editora Abril, no mês de abril de 1966. Verificou-se, como questão central, se ela trouxe contribuições à sociedade brasileira para as mudanças socioculturais que aconteceram naquela época. Buscou-se compreender como era a sociedade, por meio da análise do discurso em algumas reportagens selecionadas, assim como pelas cartas dos leitores. Analisou-se, também, os aspectos jornalísticos da revista, traçando o seu perfil como produto editorial. As edições Nº 07, 08, 10 e 11 fornecem a maior parte do material citado no estudo dentro das 12 edições analisadas. Constituiu-se o embasamento teórico em consulta a autores como Faro; Vilas Boas; Ferrari; Sodré; Medina; Foucault; Martim-Barbero; Ventura; Mota; Marão e Ribeiro, entre outros.

**Palavras-chave:** comportamento; discurso; sociedade; reportagem; Revista Realidade.

## ABSTRACT

This study has as its corpus magazine Realidade, editorial printed product, launched by Editora Abril, in April 1966. It was found, as the central issue, if it brought contributions to Brazilian society for social and cultural changes that have happened at that time. Sought to understand how was the society, through discourse analysis in some selected reports, as well as letters from readers. It also examined the journalistic aspects of the magazine, tracing its profile as editorial product. Issues no. 07, 08, 10 and 11 provide most of the material quoted in the study within 12 issues analyzed. It was the theoretical basis in consultation with authors such as Faro; Vilas Boas; Ferrari; Sodré; Medina; Foucault; Martin-Barbero; Ventura; Mota; Marão and Ribeiro, among others.

**Key-words:** behavior; speech; society; reportage; Magazine Realidade.



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 Capítulo I Jornalismo com Função Social na Revista Realidade.....</b>	<b>15</b>
1.1 Análise da Seção Brasil Pergunta .....	28
<b>2 Capítulo II O Produto Revista Realidade .....</b>	<b>35</b>
2.1 Análise Temática do Sumário .....	36
2.2 Características Editoriais.....	41
2.3 Edição Especial Nº 10: A Mulher Brasileira Hoje .....	47
2.4 Edição Especial Nº 18: A Juventude Brasileira Hoje .....	53
2.5 Matéria de Capa Edição Nº 08 - Os Novos Donos do Samba:.....	59
<b>3 Capítulo III Os Leitores da Revista Realidade .....</b>	<b>68</b>
3.1 Análise da Seção de Cartas dos Leitores .....	71
3.2 Cartas dos Leitores – Edição Especial Nº 10 .....	80
<b>4 Considerações Finais .....</b>	<b>88</b>
<b>Referências .....</b>	<b>90</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

Para compreender o presente e vislumbrar o futuro, se faz necessária uma viagem ao passado, onde se encontram alguns dos principais registros arquivados em meios de comunicação como rádio, televisão, jornais e revistas.

Este estudo faz uma busca num desses meios para rever uma parte da história da sociedade brasileira, tendo como tema o retrato do que ficou registrado nas páginas da mídia impressa e o jornalismo exercido por um desses veículos.

O objeto de estudo dessa pesquisa é a Revista Realidade, lançada pela Editora Abril, no mês de abril de 1966, em território nacional.

Esse trabalho visa analisar em algumas reportagens sobre sociedade, comportamento e cultura, além das cartas dos leitores - quais elementos da revista Realidade a caracterizam como veículo de comunicação que possivelmente exerceu função social no jornalismo, contribuindo para as reflexões e discussões a respeito das transformações socioculturais decorrentes no Brasil, no final dos anos 1960, e desta forma procura destacar suas representações sobre a sociedade daquela época, ou seja, responder de que forma a revista Realidade definia, ou representava, a sociedade brasileira.

Para tanto, esse estudo tem por objetivos específicos:

- Analisar o discurso empregado pela revista em reportagens selecionadas, bem como a fala dos leitores, por meio da seção de cartas, e as respostas apresentadas pelos editores.
- Selecionar e analisar as matérias que, de certo modo, confrontam as formas de poder hegemônico institucional citados por Foucault e que posicionam a revista Realidade como formadora de opinião, apontando uma nova possibilidade de comportamento;
- Analisar as cartas dos leitores, traçando um perfil da receptividade das reportagens que tratam assuntos como comportamento, cultura e sociedade, preconceitos, polêmicas e tabus.

A importância desse estudo se justifica por conta da época em que a revista Realidade marcou uma página rica na história da imprensa nacional, porém existem poucos estudos científicos nesta linha de análise sobre o produto como influência sociocultural, sendo que as demais tratam em destaque o jornalismo literário, o aspecto histórico devido ao momento político, ou ainda em análise do produto em si,

no âmbito editorial, mas não exatamente com foco nas suas possíveis contribuições para as mudanças socioculturais, como se pretende aqui. Esse estudo visa trazer contribuição teórica por destacar novas informações como pesquisa social. As planilhas apresentadas como Apêndice destacam-se como diferencial desse estudo.

Aspectos que ampliam a teoria já existente sobre a história da imprensa brasileira por seu desempenho na função social do jornalismo exercido, sua representação do comportamento sociocultural, assim como sua influência na cultura e na sociedade brasileira no final dos anos 1960.

Os profissionais que trabalharam naquela época apontam que a maioria dos estudos tem um olhar sobre a revista Realidade que não mostra sua contribuição social: “Ainda falta mostrar a influência da revista na mudança de costumes no Brasil, a mudança na maneira de fazer jornalismo, como tratava cada tipo de assunto e o estilo individual de seus repórteres” (MARÃO e RIBEIRO, 2010)<sup>1</sup>.

No final de 2010, foi lançado o livro “Realidade Re-vista”, escrito pelos ex-repórteres José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, comentado pelo ex-diretor Roberto Civita, à Revista Bravo!, como sendo um arquivo das melhores histórias e reportagens da Revista Realidade. Relembra o surgimento, desde sua idealização em 1965, poucos meses após o golpe militar. Civita enfatiza que o momento era de mudanças sociais e ajustes econômicos para o país. A equipe entrou no espírito da época: “Nós mesmos, os jornalistas da revista, éramos parte da revolução de costumes que acompanhou essa época de euforia” (CIVITA, 2011)<sup>2</sup>.

Como visto acima, os próprios autores da revista indicam a contribuição social que Realidade trouxe ao país pelo fato de ter sido idealizada num bom momento econômico e social, o que sugere um estudo que traga agora uma análise histórica, interpretativa e teórica sobre a representação do comportamento sociocultural brasileiro retratado em suas páginas e trate das possíveis contribuições

---

<sup>1</sup> MARÃO, José Carlos. *Por que falar de Realidade?* Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=620AZL001>> Acesso em 28/12/2010. O mesmo texto encontra-se no livro Realidade Re-vista, citado na bibliografia desse estudo.

<sup>2</sup> CIVITA, Roberto. *Uma revista contra os tabus*. In Revista Bravo!, Edição 163, março/2011. O idealizador da Revista Realidade, fala à Revista Bravo! por ocasião do lançamento do livro “Realidade Re-vista, de José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, Editora Realejo Livros, 2010. Disponível em <[HTTP://bravoonline.abril.com.br/conteudo/literatura/revista-tabus-621762.shtml](http://bravoonline.abril.com.br/conteudo/literatura/revista-tabus-621762.shtml)> Consultado em 05/06/2011

socioculturais com que a revista possa ter passado e a forma como possa ter influenciado o seu público leitor.

Para Wolf (2005, p.50), “os costumes e a moral *foram* a história dos Estados Unidos”, rotulando para sempre a década de 1960 como uma época de contracultura, ruptura de paradigmas, permissividade sexual, do abandono de comportamentos tidos como adequados. Surgiram outras interpretações para assuntos polêmicos. Procuramos aqui saber qual era a proposta apresentada ao leitor dessa nova leitura de mundo, a partir do discurso da revista Realidade e a resposta que o leitor lhe dava por meio do seu consumo e das suas manifestações, na seção de cartas do leitor.

As análises terão por fundamentação teórica dois autores em especial. Um deles: Michel Foucault, abordando a análise do discurso, de linha francesa, citando, entre outros aspectos: poder hegemônico, instituições, enfrentamentos, sexo e sexualidade.

O segundo autor é Jesús Martin-Barbero, com a teoria das mediações, apresentando uma análise de aspectos da revista Realidade que se encaixam no seu Mapa das Mediações e em sua teoria da receptividade. Dentro do Mapa das Mediações<sup>3</sup> será feito um desdobramento da revista, onde cada elemento será identificado e estudado, como as técnicas empregadas pela revista, seu discurso, seu público, a escolha dos temas abordados, entre outros.

Entre os eixos dessa análise, assim como no centro do Mapa elaborado por Martin-Barbero, está a comunicação que a revista estabelecia com o leitor e os diálogos que ela estabelecia entre a sociedade e as instituições. Isso se dará, como dito antes, por meio da análise reportagens e das cartas dos leitores enviadas à redação da revista, publicadas na seção específica.

A ênfase estará na análise da revista em relação às referências teóricas de Martin-Barbero e Foucault, porém, outros autores foram consultados como: José Salvador Faro, Marcos Napolitano, Renato Ortiz, Cremilda Medina e jornalistas que deixaram em livros suas impressões sobre a cultura e a sociedade no final dos anos 1960, como Zuenir Ventura, Nelson Motta, além dos ex repórteres da revista, que em 2010 lançaram um livro esclarecedor para o foco dessa pesquisa, José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro.

---

<sup>3</sup> Vide mapa no anexo.

A base metodológica de pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois não requer métodos estatísticos, embora em alguns casos aponte valores como números e porcentagens, mas que visam demonstrar dados interpretados como fenômenos sociológicos, apenas.

Para este estudo selecionou-se o período inicial da revista, a partir da sétima edição, justificando-se pelo fato de que, a revista passou de 270 mil exemplares, na edição Nº 01, subindo mês a mês, para a marca histórica de 475 mil exemplares distribuídos na edição Nº 07. A pesquisa se desenvolve, portanto, na análise de 12 edições (do Nº 07, outubro de 1966, ao Nº 18, setembro de 1967). Vale ressaltar que a revista teve ao todo 10 anos de existência, entretanto, nos seus 02 primeiros anos houve certa liberdade para tratar os assuntos que eram do seu interesse. Após a instituição do AI-5<sup>4</sup>, a censura fez com que a revista perdesse as características iniciais, tornando-se um produto desinteressante até mesmo para estudos acadêmicos. Prova disso é que a grande maioria circula em torno dos seus primeiros anos.

A escolha final do período se deve ao fato de que essas 12 edições apresentam os elementos procurados para servir de amostra da ideologia e do estilo da revista, além de ter as seções de cartas dos leitores com participações que bem ilustram o que se pretende aqui demonstrar sobre a receptividade do público leitor. Outro aspecto que faz parte da história da revista é a censura militar que causou problemas aos editores em algumas passagens, como no caso da edição especial Nº 10, de janeiro de 1967, considerada como elemento de grande importância no processo de construção desse estudo, ganhando mais ênfase do que outras edições, que tiveram apenas algumas reportagens selecionadas.

Como estratégia adotada, a partir da revista Realidade<sup>5</sup>, foram elaboradas três planilhas fundamentais<sup>6</sup>, uma para cada capítulo, e com os dados das planilhas foram extraídos números representativos como, por exemplo, quantas reportagens foram publicadas em determinada seção, ou quantos leitores comentaram determinada reportagem. O cruzamento desses dados com o material publicado na revista fornecem elementos para análise do produto e da sua receptividade pelo

---

<sup>4</sup> AI-5: Ato Institucional que determinava, entre outras regras divulgadas em documentos oficiais: “censura prévia aos veículos de comunicação que não se alinhasssem à ordem social preconizada pelo regime militar”.

<sup>5</sup> As edições de Nº07 a Nº18 foram adquiridas, como coleção particular, para a elaboração desse estudo.

<sup>6</sup> Todas as planilhas constam como Apêndice, além de outros itens, como quadro de porcentagens.

público leitor. Portanto, trata-se de uma pesquisa com método de abordagem dedutivo, e que se classifica como pesquisa exploratória. Para este cruzamento de informações o método utilizado se aproxima ao de uma análise de conteúdo.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, além da presente introdução: Capítulo I, “Jornalismo com função social na revista Realidade”, que traz a análise de algumas teorias em torno do jornalismo como o que é reportagem, estilos de texto, citando exemplos da revista Realidade, tratando dos seus aspectos jornalísticos por meio da seção Brasil Pergunta; Capítulo II, “O produto revista Realidade”, traz uma análise da estrutura da revista, destaca seus pontos fortes e cita algumas reportagens que representam sua linguagem, estilo e linha editorial, além da análise temática do sumário da revista; Capítulo III, “O leitor da revista Realidade”, analisa a seção de cartas do leitor, por meio de uma planilha que contém, na íntegra, todos os trechos de carta publicados na revista, dentro do período estudado aqui. Por último, as considerações finais, bibliografia, apêndices e anexos.

## **CAPÍTULO I**

### **1. JORNALISMO COM FUNÇÃO SOCIAL NA REVISTA REALIDADE**

Buscou-se por meio deste estudo, em específico no presente capítulo, saber de que forma a revista comunicava-se com seu público leitor, numa tentativa de se perceber se exerceu sua função social no jornalismo na forma como abordou assuntos polêmicos. O capítulo apresenta, em sua essência, algumas definições teóricas sobre o tema jornalismo, além de uma análise do Sumário da revista, buscando por meio dele saber quais foram os principais assuntos presentes dentro do período estudado, e também a análise da seção Brasil Pergunta, detalhada mais adiante.

Procuramos neste capítulo entender como os editores da revista Realidade buscavam lidar com os mesmos assuntos das revistas semanais ou dos jornais diários, se havia algum diferencial que podemos identificar como sendo a estratégia de mercado utilizada para se destacar em relação aos concorrentes, embora este não seja um objetivo específico.

O primeiro ponto a ser considerado, aqui, é em relação à reportagem e à notícia, partindo do conceito abordado por Lage (2005), que define notícia como informação jornalística, e que sendo mais elaborada evolui para reportagem. A notícia e a reportagem são caracterizadas pelos seguintes pontos: a notícia é breve, imediata, narra fatos apenas; a reportagem procura ser mais completa, extensa, descreve uma trama com relações entre o universo de dados (2005, pág. 114). Podem assumir diferentes estilos como a crônica, o artigo ou a crítica, indo além da informação de dados: “(reportagem) é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE, 2005, pág. 112). Quanto mais específico o público, mais particularizada é a linguagem utilizada no determinado meio de informação.

Marão e Ribeiro (2010) descrevem a experiência de participar de um projeto arrojado para o seu tempo. Tudo começava (ou podia começar), numa grande biblioteca, onde se fazia um levantamento sobre o tema proposto e sobre o que a imprensa já havia divulgado sobre o assunto, situando o repórter e fornecendo a ele dados gerais, como números, dados de pesquisas já realizadas, e depois de

conhecer a situação geral, o repórter partia a campo, talvez por uma ou mais semanas, para examinar de perto determinados casos e relatar algo em particular.

Para os editores da época, tudo deveria parecer o mais dinâmico e real possível dentro da narrativa, permitindo o que os autores consideram tomar “algumas liberdades” em relação ao texto:

Por exemplo, montar o texto em estilo narrativo, juntando aqueles casos como se tivessem acontecido em um só dia. O título poderia ser “24 horas em um pronto-socorro”. Era o uso do caso particular para mostrar o geral, que, aliás, também era explicado nos boxes, os quadros que acompanhavam as matérias. Esses recursos de texto eram usados para prender a atenção do leitor em assuntos que, se tratados da forma tradicional, seriam aborrecidos: a leitura seria abandonada antes da metade. Importante: o cenário era o Brasil (MARÃO; RIBEIRO, 2010, pág. 31).

Destacam-se dois pontos principais: o cenário que era o país, buscando destacar cada região; e os personagens, que eram gente comum. Quando surgia alguma personalidade nas matérias, buscava-se o seu diferencial:

...os personagens eram gente comum, nos quais o leitor podia se projetar. A pauta de Realidade trabalhou muito pouco com celebridades, a não ser em caos inevitáveis como espetáculos ou esportes. Ainda assim, nesses casos, agia ao contrário de outras matérias. Não se fazia uma reportagem sobre ou com Roberto Carlos, mas uma matéria completa sobre a tendência musical do iê-iê-iê, que é como chamavam as músicas brasileiras da jovem guarda, influenciadas pelo *rock* (MARÃO; RIBEIRO, 2010, pág. 31).

Para o sucesso do produto revista Realidade, era necessário o esforço de se fazer algo diferente, inovador, mantendo o desafio de continuar seguindo certos fundamentos mercadológicos, ou seja, uma lógica de produção.

Faro (1999, p.32) afirma que o jornalismo tem a capacidade e o dever de incorporar o cidadão no processo social, sendo o jornalismo uma mercadoria associada ao padrão cultural do leitor - então considerado o consumidor do produto notícia. Sendo assim, o jornalismo não deve ser analisado apenas pelo aspecto técnico e sim como atividade cultural, veículo em processo histórico-social de uma nação.

Ao ler certas reportagens publicadas em Realidade, alguns desses modelos são percebidos e usados pelos autores Sodré e Ferrari (1968), como narrativa literária, vista adiante, ainda neste capítulo.



Um dos motivos para que as revistas possam explorar mais a fundo determinados temas, está na explicação de Lage (pág. 29, 2005): “...as revistas, ao contrário dos jornais, não têm o compromisso de cobrir todos os assuntos de sua área de abrangência: devem selecioná-los sob pena de ter fantástico excesso de produção – e perda de investimento”.

A reportagem especializada demanda conhecimento técnico que nem todo jornalista possui. Esta é uma situação complexa até mesmo para os dias atuais. Lage (2005) faz uma crítica sobre o tema que leva à seguinte reflexão:

O universo das notícias (e, quase sempre, o da informação jornalística em geral) é o das aparências do mundo: o noticiário não permite nem persegue o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica e da boa parte da criação artística, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por trás das notícias corre uma trama infinita de relações e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam. Isso explica o custo social menor da especialização do jornalista, se comparando com a transformação do especialista em jornalista (LAGE, 2005, pág. 111).

A tática usada num primeiro momento pelos editores de Realidade, para suprir a carência de especialistas tratando a fundo assuntos específicos, foi contratar profissionais de áreas distintas: agrônomo, médico, físico e outros. Mas a dedicação e o resultado final era aquém do esperado (MARÃO e RIBEIRO 2010, pág. 412). Foi o empenho pessoal de cada jornalista de Realidade que a tornou capaz de publicar, em diversas edições, reportagens de cunho científico, além de explorar temas de ordem política, religiosa, personalidades (conhecidas ou não), mais a fundo, caracterizando-se por ser uma revista de assuntos de interesse geral, ou magazine de informação geral, como define Lage (1996):

Nas magazines de informação geral, o texto é organizado em tópicos frasais e documentações. Trata-se de abordar o assunto, não o fato. Este fica por conta dos jornais, do rádio e da televisão. A abertura das matérias é quase sempre uma narrativa climática seguida do primeiro tópico frasal. Geralmente, é uma estrutura baseada em antíteses: o fato e sua causa surpreendente, a aberrante aproximação de dois casos; do fato e sua consequência. Criando o clima de tensão e angústia, que é a própria motivação para a leitura, logo depois vem a explicação da antítese (LAGE, 1996, pág. 72).

Para Vilas Boas (1996), o magazine “admite usos estéticos da palavra e reursos gráficos de modo bem mais flagrante que os jornais. Além disso, a revista é mais artística quanto aos aspectos de programação visual” (VILAS BOAS, 1996,

pág. 71). Os avanços de recursos tecnológicos permitiam cada vez mais aprimoramento editorial em diversos setores.

A evolução industrial, tecnológica e econômica, afetaram também as condições socioculturais dos brasileiros na década de 1960. O final dessa década transformou-se numa época em que se deram mudanças de padrões de comportamentos e, em sua maioria, o moralismo afetava ou dizia respeito à mulher como no tema da liberação sexual que se deu após o surgimento da pílula anticoncepcional, o aborto, a entrada no mercado de trabalho, a situação da mulher após o divórcio ou a virgindade antes do casamento.

Extravagância de assuntos polêmicos onde a mulher brasileira representava um novo padrão de comportamento, sendo o alvo das atenções. Colocá-la em foco era parte da responsabilidade social para com o uso do jornalismo a favor de uma exposição na mídia de assuntos sob um foco diferenciado, contudo não se configura como uma “bandeira” da revista Realidade, e, sim um aspecto essencial para uma abordagem moderna de assuntos polêmicos.

Observando os primeiros anos da revista Realidade, entre 1966 e 1968, nota-se que a escolha assuntos polêmicos, tabus e preconceitos como temas das suas matérias, fazia com que a revista Realidade optasse por correr o risco de agradar ou desagradar demasiadamente. Ao que tudo indica, ela deu o passo certo, pois suas edições conquistavam um público leitor cada vez maior e participativo.

O exercício da cidadania pressupõe a sintonização com a realidade: e esta advém principalmente dos relatos jornalísticos. O cidadão, para decidir sobre o seu cotidiano e para dele participar conscientemente, precisa *saber o que se passa* – tomar conhecimento dos dados coletados apurados pelos jornalistas que estiveram no cenário noticioso. E essa necessidade social não se circunscreve absolutamente ao contato com os valores que os jornalistas ou empresários do jornalismo atribuem aos fatos da atualidade (MELO, 2006, p.48).

Mesmo com o temor da censura, a revista Realidade buscou exercer sua função social no jornalismo trazendo inovação editorial e ousadia nos temas selecionados. Um dos exemplos de inovação foi dar espaço para a mulher como personagem central de uma edição inteira ou mesmo colocar mulheres para pesquisar e escrever, o que também era um privilégio raro oferecido para algumas delas (Carmem da Silva, Oriana Falacci e Lana Nowikow, entre outras), que aos poucos foram cada vez mais conquistando seu espaço na mídia impressa.

Um dos casos em que as mulheres tiveram participações como profissionais, está na própria edição Nº 10 da revista Realidade, lembrado por Buitoni (2009) como “apreendido em nome da moral e dos bons costumes” (BUITONI, 2009, p.105). Carmem da Silva foi uma colaboradora especial nesta edição, no “Consultório Sentimental”, e jornalista responsável pela seção da revista Cláudia, também da Editora Abril: “A arte de ser mulher”, em que buscava dar um tom mais próximo ao de um aconselhamento psicológico do que o convencionalismo dos tradicionais consultórios sentimentais, outro avanço da época que indicava novas formas de se sentir, pensar e se comportar.

Buitoni (2009) constata a inovação da revista Realidade para com o público feminino: “Os temas apresentados nessa Realidade quase nunca surgiam nas páginas da imprensa feminina” (BUITONI, 2009, p.105). A importância de se ter uma mulher com a formação de Carmem da Silva atuante como uma espécie de orientadora de mulheres está no fato de que a sociedade conta com os órgãos de imprensa para sua formação de opinião e exercício de cidadania, como citado acima (Melo, 2006).

É pela imprensa que a sociedade se informa sobre os fatos de interesse público, apesar da imparcialidade duvidosa, por parte da mídia, ao emparelhar os interesses comerciais com os interesses do público leitor; e pela forma como se colocam os fatos, a imprensa se faz útil ao público:

A importância do jornalismo está contida na premissa de que precisa ser útil, de modo particular. Precisa dar ao público a sensação de que a vida não é apenas uma sequência de fatos ocasionais. A imprensa fracassa, neste sentido, tratando os assuntos à base de *flashes* que, instantaneamente, devem fazer com que o povo logo se esqueça e esteja pronto para absorver – e consumir – o que vem a seguir. Os critérios de seleção de notícias são falhos, superficiais. Da maior parte das notícias o público nem toma conhecimento. Estão boiando na superfície e os jornalistas só têm o trabalho de pescá-las. Não se quer dizer com isso que os assuntos que estejam em voga não mereçam discussão, mas, decerto, há vários temas ainda obscuros, que os jornalistas não se dão ao trabalho de investigar. Preferem ficar sob a luz dos assuntos que já conhecem e com os quais têm familiaridade – assuntos estes que não passam meras trivialidades, na imensa maioria dos casos (VICHIAITI, 2005, p. 58).

Autores como Vicchiatti (2005), fazem uma crítica ao exercício do jornalismo que já era uma preocupação dos editores da revista Realidade, sair do senso comum procurando tratar das questões polêmicas como uma mediadora que informava ao leitor, como quem busca a raiz dos problemas. A falta de empenho, na

elaboração mais apurada das reportagens, compromete sua qualidade final, que será apresentada ao público como informação. Portanto, o jornalista é responsável pela notícia que produz, ainda que toda a filosofia da empresa em que trabalha seja a determinante da objetividade ou não, da imparcialidade ou não, com que o texto é escrito.

Assim, o jornalista tem, na sua responsabilidade social, capacidades que vão além da função de notificar fatos:

O jornalista é, assim, um grande transformador da realidade social em que se insere, cuja ação se inspira numa síntese a ela adequada e que se elabora com as contribuições das áreas significativas do saber, em vista de reais problemas e de verdadeiras aspirações humanas, aplicando, nesta mesma ação, os meios técnicos especializados para sua plena eficácia (VICHIAITI, 2005, p.59).

Vilas Boas (1996) cita que algumas revistas, como *Life* e *Realidade*, lançaram mão do conto, mas não faziam literatura em suas reportagens. E compara que para o redator o uso da palavra é utilizado para expressar seus pensamentos e realidade, mas para o escritor ela é livre, podendo fazer e desfazer, sem o compromisso do redator com o real. O jornalismo torna-se um registro da memória:

De certa forma, os meios de comunicação impressos acabaram tomando o lugar do livro, principalmente no Brasil, onde o jornal serve como livro de texto. É um resumo dos conhecimentos humanos e acontecimentos do momento. Como categoria estética literária, a linguagem jornalística se caracteriza pela correção, clareza, precisão, harmonia e unidade (VILAS BOAS, 1996, p. 59).

Um dos exemplos dessa vertente do jornalismo como função social está no fato de que a revista *Realidade* é estudada hoje como referência de comportamento para o seu tempo, aproximando passado e presente, sendo arquivo de dados e ao mesmo tempo mecanismo de ativação da memória.

Outras funções sociais são citadas por Melo (2006) quando nos primórdios do jornalismo acadêmico, por volta dos anos 1950, ele já era considerado como o “quarto poder”; em 1960 surgem os comentários sobre a “lei da imprensa” e reflexões sobre o alcance social do jornalismo:

Este é um período em que o entusiasmo pela reflexão e pelo debate sobre o alcance social da atuação da imprensa e os limites éticos da ação dos profissionais do jornalismo no conjunto da sociedade brasileira, produz o resgate do “moralismo” (tão ao gosto dos políticos udenistas) de Rui

Barbosa, no seu famoso discurso sobre “a imprensa e o dever da verdade”, que encontra em Carlos Lacerda não apenas um exegeta brilhante, mas sobretudo um divulgador apaixonado e um arquiteto habilíssimo da nova doutrina liberal sobre a ‘missão da imprensa’ (MELO, 2006, p.21).

Por outro lado, surgiam pensadores que questionavam as liberdades da imprensa em relação aos interesses comerciais que poderiam ser envolvidos numa relação empresarial. Tais limites se davam no âmbito ético e moral ou legalista, mas os estudos da época prosseguiram no sentido de reafirmar a função social do jornalismo em noticiar temas importantes como serviço público, favoráveis ao desenvolvimento social e econômico (MELO, 2006, p.22).

Associar a essência do jornalismo e de sua função social com o seu sustento não foi uma questão simples desde o começo da história da imprensa. Pensando nas evoluções tecnológicas e industriais, a partir do século XIX, e do progresso pelo qual a imprensa passou, logo se associa a necessidade do público por notícias e informações sempre novas, atualizadas e de opinião articulada, com a necessidade de suprir seus custos para a sobrevivência de um meio informativo, como cita Lage (2005, pág. 14): “o mercado publicitário nascia e com ele a integração da imprensa com os interesses gerais da economia. Precisavam de anúncios e estes dependiam do número de leitores”.

E como a vida em sociedade também havia passado por uma evolução ao longo dos séculos, adaptando-se à sua modernidade, as fórmulas utilizadas na escrita jornalística também encontraram novas maneiras de manter seu público. A figura do repórter foi se fixando cada vez mais e seu texto foi passando por fases, surgindo o ensino acadêmico da profissão, no Brasil, por volta dos anos 1950.

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (a lei das três fontes: se três pessoas que não se conhecem nem trocavam impressões contam a mesma versão de um fato que presenciaram, essa versão pode ser tomada por verdadeira); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir portavozes dos diferentes interesses em jogo. A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira, na forma de *lead* – proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento (LAGE, 2005, pág. 18).

Apesar das artimanhas dos empresários, que sempre exigiam dos seus repórteres grandes furos a ponto de criar situações em que seus funcionários pudessem se sobressair com uma notícia inédita, prevalece o idealismo de um exercício autêntico da profissão, como ressalta Lage (2005, pág. 19): “o jornalismo progressista não é aquele que seleciona discursos tidos como avançados em dado momento, mas o que registra com amplitude e honestidade fatos e ideias do seu tempo”.

Embora seguidos até a atualidade, modelos tradicionais deram espaço a outros esquemas de textos, como apontam Sodré e Ferrari (1986, pág. 45), indicando que o texto pode seguir três modelos de reportagem: de fatos (*Fact-story*) que segue o padrão da pirâmide invertida, ou seja, por ordem de importância dos fatos, caracterizando-se pela objetividade; de ação (*Action-story*), relato que tem sua movimentação, partindo de um fato mais atraente e decrescendo na evolução dos demais, dando continuidade ao desenrolar dos acontecimentos, de forma envolvente para o leitor, atraente pelos detalhes apresentados, como uma cena de filme; e por último, a reportagem documental (*Quote-story*), “relato documental que apresenta os fatos de forma objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, pág. 64).

Para inovar nas aberturas dos textos, Sodré e Ferrari (1986, pág. 67) concordam que não é tão fácil ser criativo, original e alertam para o fato que não é bom criar uma grande expectativa no leitor correndo o risco de decepcioná-lo depois. Apontam que o ideal é que a abertura esteja adaptada ao gênero da reportagem: “na entrevista, uma citação; na reportagem de fatos, a principal sequência narrativa (em forma de notícia)”. E sempre que possível, fugir do ângulo comum buscando o mais importante.

Para sair do convencional, algumas sugestões (SODRÉ; FERRARI, 1986, pág. 68): realçar a visão (abertura fotográfica, cinematográfica ou descritiva); realçar a audição (abertura citação-declaração – real ou imaginária); realçar a imaginação (abertura comparativa ou imaginativa); realçar a pessoa (contar a história pessoal, colocando-se em causa ou pondo em cena o leitor); jogar com fórmulas (frases feitas ou “clichês”, retendo-os tal e qual ou alternando-os); jogar com as palavras (trocadilhos, paradoxos, anedotas, etc).

Na revista Realidade, destaca-se o uso de um estilo que não seguia exatamente um ritual para ser elaborado ao descrever, por exemplo, numa grande

reportagem, a ordem cronológica dos fatos, mas dava-se total liberdade para que o jornalista colocasse em prática seu talento como escritor.

Mesmo atualmente, não são todos os jornalistas que conseguem adaptar seu texto substituindo a técnica tradicional do texto jornalístico, conhecida como Lead<sup>7</sup> - que procura responder objetivamente logo no começo do texto algo como: “quem fez o que, quando, onde, como e por quê” - e libertar sua escrita para um texto semelhante ao texto literário, com os recursos do realismo que aproxima o leitor de uma história real, sendo que no caso do jornalismo os fatos são verídicos e na literatura são fictícios.

A linguagem aplicada na revista Realidade, em certos momentos fazia o leitor ter a sensação de ler ficção, e não jornalismo, embora o fosse. O uso dos recursos literários, denominado nos Estados Unidos como *New Journalism*<sup>8</sup>, conhecido aqui no Brasil como Jornalismo Literário, dava um toque inovador, embora já exercitados anteriormente por escritores que atuavam como jornalistas no passado. Nenhum outro veículo utilizou este recurso de forma tão profunda como a revista Realidade.

Apesar de alguns estudos definirem o estilo da revista Realidade como *Jornalismo Literário*, Marão e Ribeiro (2010, pág.31 e 32) deixam bem claro que nenhum dos jornalistas tinha essa orientação e simplesmente aproveitavam a abertura que os editores davam para que cada um escrevesse com liberdade criativa.

Como a redação era pequena, na primeira fase que durou pelos dois primeiros anos da revista, os repórteres voltavam de campo e iam para suas casas escrever, em suas máquinas de datilografia, modelo *Studio 44*, entregando o texto pronto aos editores. Além do tamanho da redação não comportar toda a equipe, o texto-reportagem exigia muita concentração e elaboração.

O comum na época era que o repórter usasse o espaço físico da redação para produzir seus textos, o que ainda acontecia para reportagens internacionais ou

---

<sup>7</sup> O jornalista e escritor Zuenir Ventura, no livro “*Minas histórias dos outros*” (São Paulo: Planeta, 2005), define LEAD como “uma técnica que o jornalista Pompeu de Souza trouxera dos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra e que consistia em responder, já no primeiro parágrafo de uma notícia, às principais perguntas que supostamente o leitor fazia: quem, o quê, onde, quando, como e por quê?”.

<sup>8</sup> O termo é denominado pelo jornalista Tom Wolfe em seu livro “*Radical chic e o novo jornalismo*” (São Paulo: Companhia das Letras, 2005). A prática do uso da técnica do Realismo já era usada antes da década de 1960 mesmo no Brasil, por escritores como Lima Barreto, Euclides da Cunha e João do Rio, para citar alguns. Foi a partir da revista Realidade que o termo *Jornalismo Literário* ganhou esta nomenclatura por aqui, numa livre interpretação de *New Journalism*.

aquelas mais simples; o fato de escreverem uma grande reportagem num outro ambiente pode ter contribuído para que o estilo de texto passasse então a ser mais elaborado, rico em detalhes, escrito com recursos de um texto literário embora sem a pretensão de o ser, como explicam Marão e Ribeiro: “Quase todos tinham lido Truman Capote, Gay Talese ou Tom Wolfe, claro. Mas, que eu saiba, ninguém sentava em frente da *Studio 44* pensando: ‘agora, vou fazer *New Journalism*’. Era pura intuição” (MARÃO E RIBEIRO, 2010, pág. 32).

A intenção, revelada por Marão e Ribeiro (2010), era apenas conquistar e manter o leitor interessado no texto. Algumas informações, se colocadas de forma pura e simples, logo fariam o leitor desistir antes do final. A estratégia permitia ao repórter descrever e dissolver tais informações ao longo do texto, entre detalhes que enriqueciam o texto - como uma sombra, um brilho no olhar, um objeto qualquer sobre a mesa, ou ainda responder mesmo sem perguntar - toda emoção de um sentimento percebido por expressões corporais ou pela fala dos entrevistados que também eram observados atentamente por pessoas analisando pessoas, ou seja, com um toque de humanidade incomum nos textos jornalísticos. Dessa forma o leitor queria saber o fim da história.

Para tantos detalhamentos, nada de pressa. Cada reportagem tinha o tempo necessário até o repórter cumprir a missão de captar imagens, fatos e sentimentos, desenvolvendo frases que compunham histórias reais narradas de forma semelhante a uma ficção, de tão bem descritas.

A primeira edição analisada para este estudo (Nº 07) encontra logo em sua capa um dos mais significativos exemplos de texto, ao estilo literário, publicados na revista Realidade.

O psiquiatra e repórter Roberto Freire, que por sua dupla formação conseguia fazer uma reportagem sobre “pessoas” de forma ímpar, conta com riqueza de detalhes seu encontro com o homem que parece um diplomata – provoca – mas não é. Bem ao contrário do que a profissão citada sugere, ou seja, uma pessoa séria, de olhar sóbrio, voz calma e personalidade tranquila; no título da reportagem vem a charada: “Este homem é um palhaço”.

A fotografia de Lew Parrela contraria a afirmação, pois revela um aparentemente distinto senhor, usando terno e gravata, além dos cabelos alinhadamente penteados conforme seu estilo e sua época. Mas, ao virar a página, pois a curiosidade provocada não permite ao leitor que prossiga com a leitura sem



antes verificar o que vem a seguir, conclui-se que, de fato, o protagonista é sim um palhaço por profissão – Waldemar Seyssel, conhecido em todo Brasil nos anos 1950 e 1960 como Arrelia, porém, usando desta vez, a vestimenta do seu outro eu, e não como retratado na chamada de capa.



Waldemar Seyssel. Revista Realidade. Edição Nº 07, pág. 110, outubro, 1966



Palhaço Arrelia. Revista Realidade, edição Nº 07, pág. 112, outubro, 1966

Além do texto, a imagem se integra à reportagem, revelando os passos da produção de maquiagem, onde aos poucos Waldemar dá espaço à Arrelia: uma sequência de quatro fotos mostra como o palhaço evolui transformando o homem

sério, com apenas um nariz vermelho, no personagem alegre, de cara pintada e cabelos em pé.

Nessa transformação, o repórter conclui que Waldemar Seyssel e Arrelia são dois homens bastante diferentes. “Quem convive com ambos, espanta-se com essas diferenças. E apenas Waldemar gosta de falar nelas. Arrelia prefere rir de tudo”. Compara Waldemar com a matéria e Arrelia com o espírito, ambos habitando na mesma pessoa. Aliás, Waldemar trata separadamente os dois ressaltando as diferenças.

O texto revela a atitude do palhaço quando seu intérprete recebeu a notícia da morte de sua mãe, já caracterizado, pronto para o próximo show. Numa volta ao passado, conta como foi a primeira apresentação, completamente despreparado. Sua família literalmente o arremessou ao palco sem o seu consentimento. Um susto que deu certo, e aos poucos Arrelia foi tomando a forma definitiva, depois de alguns experimentos de maquiagem e figurino. A história em si desperta interesse por ser incomum, mas é na escolha dos termos, na pontuação, e com as fotografias selecionadas que ela ganha ainda mais valor.



*Palhaço Arrelia, na capa da Revista Realidade Nº 07, outubro, 1966*

O Palhaço Arrelia disputou a capa da edição Nº 07 com outras duas fotografias: a atriz italiana Claudia Cardinale, que desde a edição Nº 02 estava

cotada para a capa seguinte; e a foto de um pôr do sol, feita por David Drew Zingg para a seção Ensaio Fotográfico. Quando o Sol de Zingg estava aprovado, surge na redação a foto do Palhaço Arrelia, três dias antes do fechamento da revista.

E assim foi impresso o rosto colorido e alegre do palhaço, 485.700 vezes naquele mês, o dobro das primeiras tiragens, representando a aceitação do produto no mercado editorial.

Como visto, o estilo de escrita dava um toque especial ao texto, além disso, a escolha dos temas, o local das reportagens, seus personagens e especialmente a capacidade dos seus repórteres, influenciavam o resultado final da revista como produto mercadológico.

O interesse do leitor e a aquisição do produto, fazendo dele o maior veículo em vendas no país, indica sua aceitação, sendo esse ritual de consumo o principal elemento que legitima o discurso da revista Realidade.

O comportamento das pessoas indicava uma abertura para a recepção de uma revista assim, o que pode explicar o interesse do público por este produto; ele oferecia novidade, modernidade, revolução de ideias e modelos de comportamento.

Os leitores conviviam diariamente com casos que aconteciam no país, como divórcio, aborto; escandalizavam-se com moças que já não se casavam virgens, homossexualidade, racismo e preconceitos, uso de drogas e tantos outros tabus com os quais a revista lidou.

A revista tratava de assuntos relacionados à realidade social propondo um olhar estendido para reflexão dos problemas em busca de compreensão dos fatos. Desta forma seria possível considerar que Realidade despertava uma crítica social que desconstruía a imagem que as instituições pretendiam evidenciar.

Segundo definição dos editores, pretendia problematizar, enfrentar para resolver: “Desde nosso primeiro número, em abril de 1966, manifestamos a opinião de que a única maneira de resolver problemas é enfrentá-los” (Revista Realidade, Editorial da edição Nº 11, 1967).

Pelos temas das seções e assuntos selecionados pelos editores, notamos a preferência de assuntos complexos, mas necessários à sociedade. O mesmo se nota na seção analisada a seguir.

## 1.1 Análise da Seção Brasil Pergunta

A seção Brasil Pergunta esteve em todas as edições analisadas, embora não apareça em nenhum dos sumários. Como característica encontrada em comum, ocupa sempre, por inteiro, a última página da revista. O título da seção vem do lado esquerdo, no alto da página, em letras pretas, destacadas. Do lado direito da página, em letras pequenas, vem o texto: “Esta última página é de debate. Aqui, respondendo aos leitores, personalidades entram em choque, discutindo problemas nacionais”. No rodapé, o nome do leitor, cidade e estado.

O tema do mês surge em letras pretas, também grandes, geralmente em duas linhas, sempre como uma pergunta, ou seja, com ponto de interrogação. Logo abaixo, duas personalidades apresentam suas respostas, na coluna da esquerda, “Sim”, e na coluna da direita, “Não”. Para cada uma das respostas o espaço é igual, com duas exceções, como visto adiante. No final do texto vem a fotografia do respondente e na legenda, seu nome e profissão (ou cargo, ou título e outra especificação, caso haja).

Para essa análise foi elaborada uma planilha indicando, para cada edição, qual o tema do debate, nome dos respondentes e uma coluna para observações. Nessa primeira verificação foi possível observar dois pontos relevantes: que a edição Nº 11 teve apenas uma resposta, e que ela foi dada por um dos responsáveis pela revista, e que a edição Nº 15 teve a resposta “não” dada por um negro falando sobre a questão do racismo no Brasil. Por estes dados constarem na planilha, nem todos foram citados aqui, podendo ser consultados no Apêndice A.

Após esta primeira consulta ao material, com a finalidade de elaborar a planilha, outros pontos relevantes entraram como elementos de análise, com seus destaques apontados a seguir, por exemplo, o encontro dessa seção com reportagens de outras edições, ou o comentário dos leitores sobre os temas abordados nas reportagens.

A primeira edição analisada neste estudo, a de Nº 07, tem por tema a situação dos brasileiros naturalizados, questionando se eles deveriam ter os mesmos direitos que os brasileiros natos.

Na edição seguinte, Nº 08, na página 51 da revista Realidade, a reportagem de José Hamilton Ribeiro, com fotos de Lew Parrella, aponta que “mais de três milhões e duzentos mil estrangeiros escolheram o Brasil, neste século, como sua

segunda pátria. Deles, entretanto, apenas 3,5% resolveram se naturalizar. Para todos, a grande pergunta é: vale a pena ser brasileiro”? O repórter define o brasileiro naturalizado como “cidadão de segunda classe”, o que se nota na fala de um dos seus entrevistados, o engenheiro Giovanni Mariani, que é casado, vive no país há 18 anos, tem dois filhos, não pretende voltar à Itália, seu país natal, mas também não pensa em se naturalizar brasileiro:

Como estrangeiro, munido de carteira modelo 19, toco normalmente a minha vida. Continuo sendo cidadão de primeira classe em um grande país, com o qual não tenho hoje ligação alguma, mas que também não me aborrece. Em qualquer emergência, tenho o Consulado à disposição, para falar em meu favor. O Brasil não criou, em nenhum momento, qualquer incentivo, mesmo psicológico, nem manifestou o menor interesse em que eu me naturalizasse. Não peço a cidadania brasileira porque sei que, com ela, vou me tornar um homem com direitos limitados, um semicassado, um meio cidadão. Então nem duvido: continuo italiano. (Revista Realidade, edição Nº 08, 1966, pág. 54).

Da mesma forma, José Hamilton Ribeiro entrevista outros tantos estrangeiros que vivem no país, alguns naturalizados, outros não. Entre eles, profissionais dos mais variados ramos de atividade, inclusive o então ilustre comediante Oscarito, espanhol naturalizado brasileiro. No desfecho da reportagem, cita a fala do deputado Castilho Cabral, que defendia na Câmara Federal a emenda constitucional criada por ele, para reduzir as limitações dos estrangeiros naturalizados:

Tenho até certo constrangimento em falar nesse assunto num plenário em que não vejo nenhum índio: parece elogio em boca própria. A propósito, quem nesta casa não tiver entre os antepassados nenhum brasileiro por escolha que se levante! (Revista Realidade, edição Nº 08, 1966, pág. 57).

E ao melhor estilo da revista, encerra com a seguinte observação: “ninguém se levantou”.

A edição Nº 08 pergunta se os cassados têm direito de defesa. Em poucos momentos a revista toca em assuntos de ordem política de forma tão direta no que diz respeito à ditadura militar. Somente na página 76, da edição Nº 17, surge um personagem da cassação, o economista Celso Furtado, que poderia voltar ao país

apenas em 1974, ou seja, sete anos após a reportagem de Alessandro Porro. Todavia, logo na introdução, o repórter deixa bem claro: “Esta não é uma reportagem política. Esta é a história de um garoto do sertão da Paraíba que hoje ensina nas mais famosas universidades do mundo” (Revista Realidade, edição Nº 17, 1967, pág. 76).

Uma das indagações apresentadas no título da reportagem é o motivo da cassação. Nem mesmo Furtado sabe explicar. “Nunca fui acusado de nada” (Revista Realidade, edição Nº 17, 1967, pág. 78).

Na edição Nº 09 surge uma pergunta sobre a interferência da igreja em assuntos de ordem política e social do Brasil. Entre as 12 edições analisadas, esta foi a primeira vez em que um tema religioso entra na seção Brasil Pergunta, porém, a religiosidade foi tema de 03 capas (edições Nº 09, 12 e 17), além de ser uma importante reportagem sobre os dominicanos, na edição Nº 07; ter a Bíblia como tema de reportagem na edição Nº 08; freiras e vigárias; a mãe de santo, na edição Nº 10; inovações litúrgicas, na edição Nº 11; Jesus e a Páscoa, na edição Nº 12; o profeta Yokanaam, na edição Nº 13; e finalmente o diabo, que surge como matéria de capa na edição Nº 17, não como religiosidade, (embora o citamos entre as 03 capas), mas como documentário sobre esta figura lendária que se encontra desmoralizada, segundo opinião exposta pela revista.

A segunda citação sobre temas relacionados à religiosidade, veio na edição Nº 14, onde se questiona se as reformas litúrgicas abrem caminho para abusos. Nesta seção, dois Arcebispos respondem, mas na edição Nº 09 são duas personalidades distintas (de fora) do meio religioso, sendo o primeiro, escritor e católico, Alceu Amoroso Lima, e o segundo, o Deputado Federal Eurípedes C. de Menezes. Os convidados que deram suas respostas na edição Nº 14 foram Dom Vicente Scherer, representante da Igreja Católica de Porto Alegre e Dom Helder Câmara, do Recife. Talvez não por acaso duas respostas opostas para duas regiões extremas do país, sendo que do Sul veio a opinião favorável e do norte a opinião contrária.

Na edição Nº 10, Realidade fechou seu especial sobre a mulher brasileira lançando uma polêmica ao público quanto ao tabu de casar-se virgem. Sarita Campos, radialista, afirma que sim, mas a escritora Eneida enfatiza que não. Contudo, ambas falam de forma bem esclarecida sobre preconceitos e concluem

que os casados esperam ter um lar harmonioso, compreensão e merecimento de amor, coisas que não envolvem o ser ou não ser virgem.

O tema escolhido abre um precedente para o debate que, de certa forma, prepara o leitor para a edição seguinte, que tanto abordaria questões como essa, que muito se relaciona ao comportamento da sociedade da década de 1960. O capítulo II analisa edição especial Nº 10, tratando mais a fundo toda essa polêmica sobre comportamento e sexualidade.

A edição seguinte, Nº 11, trata de justificar ao público a apreensão do número anterior. Como visto adiante, no capítulo II, a edição Nº 10 não chegou a circular pelas bancas do país devido à sua repentina cassação. Acusada de ter conteúdo impróprio aos padrões morais da época, usou diversos espaços da edição seguinte para se posicionar frente ao seu público, esclarecer alguns pontos relevantes quanto ao seu estilo e ao mesmo tempo publicar reportagens e textos considerados neutros, que não provocassem mais uma vez a força pública, sejam representantes de instituições como igreja, política ou judicial.

Mas a questão lançada para essa edição em Brasil Pergunta não deixa de ser uma forma de resposta – ou de provocação - aos seus censores: “a cegonha existe”? Um dos seus diretores dá uma resposta singular. O “sim” é seguido de uma crônica - se assim podemos definir – onde o jornalista Alessandro Porro assina uma suposta entrevista com o coordenador geral do SIC (Sindicato Internacional das Cegonhas).

O texto é irônico, isso se percebe logo no início quando Porro introduz o assunto chamando a atenção do leitor para um tema que outros jornalistas tratavam de forma desinformada e que ele chama de uma “lírica invenção”. Na verdade ele se refere às informações levadas ao público pela própria revista Realidade, na edição Nº 10, em que uma das reportagens traz ilustrações do desenvolvimento de um bebê no útero materno.

Com relação a um dos mais palpitantes assuntos de todos os tempos – “Como nasce uma criança” – começaram a surgir, nas últimas semanas, versões contrastantes e boatos sem nenhum fundamento. Órgãos de imprensa, evidentemente mal informados (ou, talvez, a serviço de interesses nem sempre claros), chegaram a publicar relatos de lírica invenção, alguns avançando a hipótese de que a criança forma-se no ventre materno, depois de um espermatozoide ter fecundado um óvulo. Em

consequências desta tão pouco provável e tão pouco sugestiva solução do problema, logo chegaram outros que – suscitando a hilaridade geral – acharam-se no dever de declarar: “a criança, pois, nasce da mulher”. Ainda é viva nos meios intelectuais a polêmica que tal declaração provocou e ainda permanece uma atmosfera de preocupação com respeito à leviandade dos ingênuos divulgadores de tais tolices. Para restabelecer definitivamente a verdade, entrevistamos o Coordenador Geral do SIC (Sindicato Internacional das Cegonhas), com sede em Praga. Pela primeira vez, quebrando um silêncio antigo, ditado não somente pelo pudor que o assunto impõe, mas, também, pelo inexcedível zelo profissional, o ilustre representante das cegonhas relata, neste breve depoimento, de forma inequívoca, as frases mais comovedoras do nascimento de uma criança (Revista Realidade, edição Nº 11, 1967, pág. 138).

Essa foi a única situação em que houve apenas uma resposta, que no caso foi o “sim”, e também foi a única vez que um dos integrantes da equipe se põe a responder, por isso em tom severamente irônico, possivelmente pronto a se responsabilizar pelas consequências do seu ato. Nas outras 11 edições analisadas, como dito antes, o formato seguido dispunha de duas personalidades respondendo pelo sim e pelo não. Além disso, o espaço reservado em 10 edições foi meio a meio para cada resposta. O teor das respostas também se destacava por ser uma opinião pessoal, ou com base em dados científicos, o que não foi o caso da edição Nº 11.

Apesar da ironia, por assim dizer, não houve nenhum comentário ou continuidade sobre a existência da cegonha e seu trabalho de entrega das “preciosas encomendas vivas”, o que nos leva a supor que, de fato, pode ter sido uma resposta de defesa em que ela mesma usa do tom irônico para criticar uma verdade dita na edição anterior, no sentido construtivo.

Outra observação que bem se relaciona a esta resposta, na edição Nº 11, está no texto de Carmem da Silva, “Preconceito, o bicho-papão<sup>9</sup>”, também citado no capítulo II que trata da edição Nº 10 e Nº 11, em que a jornalista defende que a revista é direcionada ao público adulto e não tem por objetivo chegar às mãos das crianças, fato que os próprios leitores também usam como argumento para defender a revista quando afirmam que alguns a usam como meio de conversar com os filhos sobre questões relacionadas à educação sexual. Este ponto se encontra analisado no capítulo III, que trata das cartas dos leitores.

---

<sup>9</sup> O título chama a atenção por usar uma expressão comum ao universo infantil: “bicho-papão”.



A edição Nº 12 traz na seção Brasil Pergunta a questão da intervenção americana no Vietnã. Jornalistas dos maiores veículos impressos do país apresentam suas respostas, de forma neutra, reestabelecendo a função social da seção, que é levar ao público assuntos de ordem geral. A edição Nº 13 trouxe em matéria de capa uma pesquisa sobre o que os brasileiros acham dos Estados Unidos da América, trata do “antiamericanismo” e dos interesses dos americanos pelas riquezas do Brasil.

Jogos são o tema da edição Nº 13, em que um Marechal e um Senador opinam sobre seus benefícios, caso seja permitida a volta do jogo ao país.

A edição nº 14 já foi comentada, abrindo caminho para a edição Nº 15, em que se pergunta sobre a existência do racismo no Brasil. Como citado anteriormente, a seção seguia um modelo que nesta edição foi ligeiramente quebrado quando a resposta do “sim”, dada pelo jornalista Reynaldo Jardim, além da coluna da esquerda, ocupa também uma pequena parte da coluna destinada ao “não”, do Marechal João Batista de Matos, que era negro e defendia: “No Brasil não há preconceito de raça. O que há, na verdade, é preconceito de cor”.

O tema da seção Brasil Pergunta, da edição nº 15 abre um precedente para o Ensaio Fotográfico da edição Nº 16, que tem como chamada “As fotos de George Love e os versos de Solano Trindade criam a Poesia Negra”, em que uma mulher negra é fotografada, assim como mostrado no Capítulo II desse estudo. Cabe uma observação, de que o fotógrafo americano George Love também era negro.

A fabricação da bomba atômica foi o tema da seção Brasil Pergunta, edição Nº 16, cujo “sim” veio de uma deputada, a primeira mulher envolvida na vida política a participar desta seção, dentro do período analisado para essa pesquisa, Ivete Vargas, Deputada Federal, eleita por SP. O “não” foi apontado pelo Almirante Otacílio Cunha, que também era Presidente do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Para ela: “a tecnologia necessária à fabricação de uma bomba atômica é a mesma que se utiliza para fins pacíficos” (Revista Realidade, edição Nº 16, 1967, pág. 162). Para ele: “A bomba atômica não é um elemento efetivo de segurança nacional” (Revista Realidade, edição Nº 16, 1967, pág. 162).

Como visto até aqui, apenas em assuntos de tema religioso a seção Brasil Pergunta retomou um assunto de mesmo cunho. Na edição Nº 17 ela também volta a por em pauta a questão da sexualidade: “A educação sexual deveria ser obrigatória nas escolas”? Tão interessante, ou polêmica, como a pergunta, são as

personalidades que se põe a responder: o “sim” veio por parte do Juiz de Menores de Brasília, Jorge Duarte de Azevedo, e o “não” por parte do Juiz de Menores da Guanabara, Alberto de Gusmão, conhecido entre os leitores da revista Realidade por ter acatado o pedido de apreensão do especial sobre a mulher brasileira, poucos meses antes.

A última edição analisada neste período de doze edições é a Nº 18, que foi um especial dedicado à juventude do país, em que a pergunta feita tratava da idade dos 20 anos. Quem gostaria de voltar no tempo e ter novamente 20 anos, era o poeta Vinícius de Moraes; e quem gostaria de continuar a vida de onde estava, era o advogado Sobral Pinto. Esta foi a edição que teve o assunto aparentemente menos polêmico, mas que propunha uma reflexão entre a juventude dos mais novos e a sabedoria dos mais velhos.

Em síntese, das 12 edições analisadas, a igreja católica e outros temas religiosos mais os temas relacionados ao sexo, somam 33,4% das polêmicas apresentadas na seção Brasil Pergunta, o que representa 1/3 do total, sem considerar a “cegonha”, que indiretamente questiona a educação sexual, o esclarecimento sobre temas dessa ordem, a clareza na informação, a pesquisa, a verdade e outros atributos do trabalho que a revista se colocava a prestar aos seus leitores.

Por esta porcentagem, é possível notar a importância que os editores davam às questões socioculturais e que buscavam diversificar os temas e opiniões. A escolha dos temas era um dos seus diferenciais, ou pontos fortes: encontramos na seção Brasil Pergunta um exemplo da preferência dos editores por temas polêmicos, como visto acima. No contexto sociocultural dos anos 1960, a sociedade estava em processo de mudança. Uma leitura aprofundada que incluísse temas polêmicos, propostas agressivas ou apenas ousadas para o incentivo da quebra de paradigmas e tabus, poderia ser um diferencial atraente ao leitor.

## CAPÍTULO II

### 2. O PRODUTO REVISTA REALIDADE

Para compor a análise deste capítulo e aprofundar o conhecimento sobre o produto revista Realidade, foi elaborada uma planilha, que encontra-se no Apêndice B, contendo, para cada edição, as suas seções<sup>10</sup>, agrupadas por área, ou seja, assuntos de natureza semelhante ou de mesmo interesse do leitor por sua aproximação entre os temas. Numa segunda planilha somamos o número de reportagens, observando quais delas mais tiveram repetições, no período de um ano, subdivididos por assuntos. Por meio dessas planilhas foi possível elaborar um gráfico onde se visualiza o número de reportagens, melhor compreendendo o peso que a revista atribuía a cada tema.

O agrupamento de temas ficou dividido da seguinte forma:

- 1.Capa
- 2.Política
- 3.Religião / Mistério
- 4.Educação
- 5.Polêmica
- 6.Ensaio Fotográfico / Aventura
- 7.Cinema / Teatro / Música / Arte / Literatura / Humor
- 8.Gente / Juventude / Comportamento
- 9.Perfil / Depoimento / Mulher
- 10.Jornalismo / Imprensa / Reportagem / Pesquisa / Entrevista / Polícia
- 11.Esporte / Futebol / Turfe
- 12.Economia / Mercado de Trabalho
- 13.Problema
- 14.Documento
- 15.Brasil / Internacional
- 16.Pesquisa / Tecnologia / Ciência / Medicina / Psicologia
- 17.Bebida / Carnaval

---

<sup>10</sup> Consideramos aqui o fato de que nem todo o sumário era composto por seções, levando-se em conta o uso dos termos “tema” e “coluna”, indistintamente, ou seja, sem nos aprofundarmos em sua definição técnica.

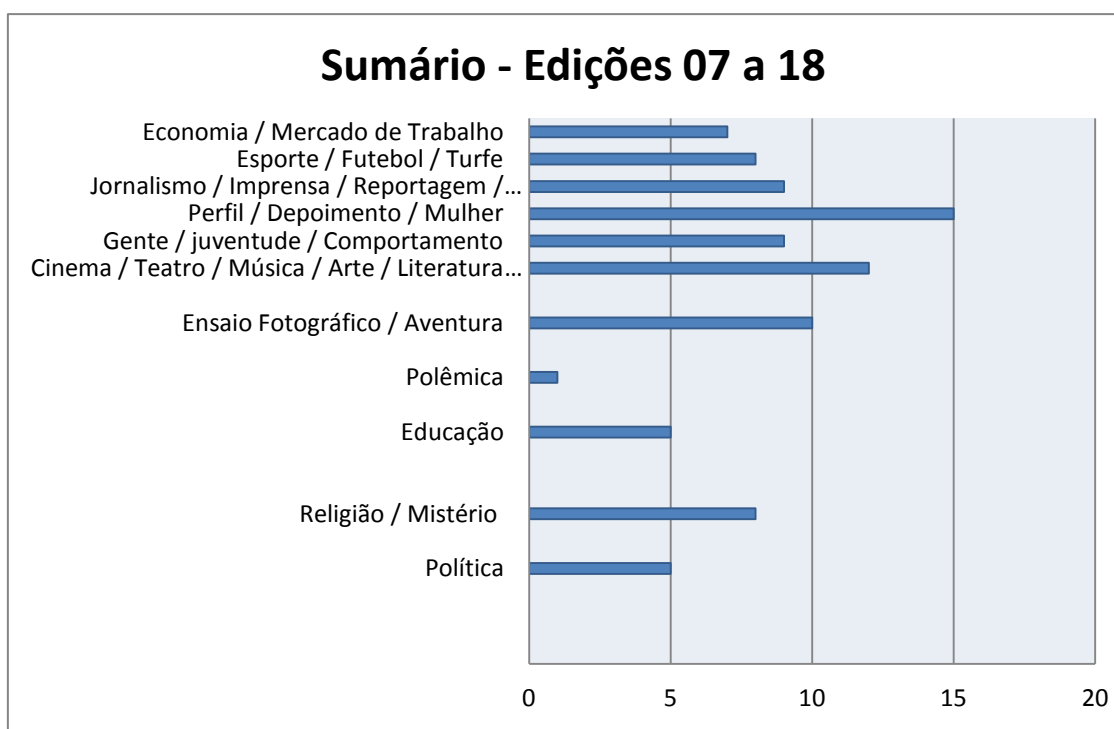


Gráfico 1: Sumário da Revista Realidade - Edições de 07 a 18

## 2.1 Análise Temática do Sumário

Nas 12 capas analisadas, encontramos temas religiosos, nas edições Nº 09, 12 e 17; e comportamento, nas edições Nº 10 e 18. Artistas foram capa nas edições Nº 07 e 08 e temas relacionados à arte na edição Nº 11. Educação teve destaque em matérias de capa nas edições Nº 15 e 16; problemas de ordem social, como as drogas, na capa da edição Nº 14 e comportamento preconceituoso e político, na capa da edição Nº 13, que aborda o antiamericanismo dos brasileiros.

O tema “Política” foi encontrado em cinco edições, a saber, Nº 07, 08, 09, 12 e 15. Na primeira delas, entrevistou o prefeito de Goiânia; na edição seguinte trouxe informações sobre “como e eleger deputado”. Na sequência da terceira edição analisada, falou de um dos advogados mais populares do país no cenário político, Sobral Pinto, não exatamente abordando política, mas a pessoa entrevistada, contudo a reportagem foi classificada na seção “Política”. Os repórteres da revista

Realidade percorreram as 22 capitais para traçar um perfil dos seus governadores. Na edição Nº 15 falou sobre alguns dos últimos presidentes do Brasil.

Realidade apresentou reportagens relacionadas ao tema “Religião” nas 07 primeiras edições entre as 12 analisadas. Depois da edição Nº 13 voltou a falar em assunto relacionado ao tema “Mistério” na edição 16, apenas. O catolicismo foi a religião mais diretamente mencionada nas edições de Nº 07 a 13.

Dentro de “Educação”, foram abordados assuntos como alfabetização para adultos, psicologia infantil e educação sexual infantil. O tema esteve presente nas edições Nº 07, 09, 11, não foi apresentada nas quatro edições seguintes e ressurgiu nas edições Nº 16 e 17.

Curiosamente, “Polêmica” surgiu na edição Nº 10, que foi o especial dedicado à mulher brasileira. A revista sempre lançou mão de temas polêmicos, mas esta foi a única vez, em doze edições analisadas, que houve uma reportagem atribuída a esta seção. O título da reportagem era, como consta na capa da revista, a superioridade feminina.

Foram 07 ensaios fotográficos, presentes nas edições Nº 07, 09, 10, 16, 17 e 18, sendo que outros dois tiveram sua publicação em outras seções da revista, como em Esportes, na edição Nº 11 que trouxe uma representação das “emoções” vividas por um torcedor em pleno estádio lotado, num dia de jogo. Algumas reportagens da seção “Aventura” traziam um conteúdo fotográfico tão rico em imagens que bem poderiam se enquadrar na seção “Ensaio” fotográfico, por este motivo para esta pesquisa os dois estão reunidos em um mesmo bloco. É o caso das edições Nº 09, 12, 14 e 18, com algumas delas trazendo tanto a seção Ensaio fotográfico, como Aventura.

Nas 12 edições analisadas, são encontradas seções, temas ou colunas, que se relacionam às artes, porém com nomes diversos, como “Cinema”, “Música”, “Humor”, “Arte” e “Literatura”. Estas foram aqui agrupadas para simplificar a análise, uma vez que todas são de conteúdo voltado ao campo das artes, sendo que ainda surgiu uma seção única abordando o título “Carnaval”, na edição Nº 11, em reportagem sobre a maior festa popular do país.

A mesma situação encontrada para o campo das artes também é identificada na análise das 12 edições para questões relacionadas a comportamento, que se distribuem nas entrevistas e reportagens que surgem nas seções “Gente”, “Juventude”, “Comportamento”. Elas poderiam ser agrupadas com as seções “Perfil”,

“Depoimento”, “Mulher” para esta análise, porém, por questão de facilitar a elaboração deste mapeamento da revista, optou-se por destacar as reportagens nestes dois grandes grupos, de teor semelhante, na prática. Foram entrevistados o palhaço Arrelia, na edição Nº 07; Pelé, na edição Nº 08; o músico Chico Buarque, na edição Nº 09; a atriz Norma Bengel, na edição Nº 11; o empresário artístico Marcos Lázaro, na edição Nº 12. Famosos falam de famosos, na edição Nº 13, e personalidades como Disney e Niemayer, são retratadas nas edições Nº 07 e 16, respectivamente.

Pessoas que não eram famosas, mas populares em seu meio social tiveram destaque nestas seções, como a parteira dona Olga, que surge na edição Nº 10, a mãe de santo que tinha mais 60 filhos adotivos e a mãe solteira, entrevistadas também para a edição Nº 10. Nesta edição, o Ensaio fotográfico entrou na seção “Mulher”. Outros assuntos nestas seções foram reproduzidos nas edições Nº 07, 08, 11, 13, 14, 17 e 18.

Como seção “Jornalismo”, “Imprensa”, “Reportagem”, “Entrevista” ou ainda “Pesquisa” (em que aqui se distingue a social com a pesquisa científica) e ainda temas “Policiais”, foram encontradas nas seguintes edições: Nº 07, 09, 11, 12, 13, 17, 18.

Realidade dedicou-se à seção “Esporte” por 08 edições, contudo em uma delas utilizou a seção “Turfe” uma vez e dentro da seção Esporte trouxe um Ensaio fotográfico, como mencionado acima, sobre a torcida no estádio. Fora futebol e turfe, tratou de boxe e judô apenas. Numa outra seção apresentou a capoeira, como “Documento”, na edição Nº 11.

“Economia” e “Mercado de trabalho”, foram seções com reportagens publicadas nas edições Nº 08, 09, 10, 12, 13, 16 e 18. Um fato de destaque é que as duas únicas reportagens que trataram do tema Mercado de Trabalho, em seção específica, foram divulgadas nas edições especiais Nº 10, sobre a mulher brasileira, e Nº 18, sobre a juventude brasileira.

Como “Problema”, nas três primeiras edições, somente na 08 surge a questão dos estrangeiros que vivem no Brasil, onde a revista coloca a pergunta se vale a pena se naturalizar brasileiro. Já nas edições seguintes, de Nº 10 a 14, a seção volta a ter reportagens polêmicas, como desquite, na edição 10; preconceitos, na edição Nº 11; conflito de gerações, na edição 18, ou ainda de cunho político, habitação, na edição Nº 14; ferrovias, na edição Nº 16; o café, na edição Nº 13; Recife, na edição

Nº 17 e ainda a situação de um cidadão comum que perdeu os seus documentos e seu esforço para conseguir recuperar, em reportagem da edição Nº 12.

Realidade registrou como “Documento” assuntos como o coronelismo, presente na edição Nº 08; as opiniões e o comportamento da atriz Ítala Nandi sobre sexo, na edição Nº 10, já mencionadas aqui; assim como a capoeira, que surge na edição Nº 11 e não como esporte; Revolução russa, edição Nº 12; Brasília, edição Nº 13; a rotina de um viciado em drogas em processo de recuperação, reportagem de capa da edição Nº 14; na edição 18 foram 05 reportagens.

Assuntos para as seções “Brasil” e “Internacional” também poderiam se integrar ao grupo acima por seu conteúdo e abordagem em maioria política ou econômica. É o caso apresentado nas reportagens sobre a China, edição Nº 07; Uruguai, edição Nº 09; mais adiante na edição Nº 14 aborda a questão da bomba atômica; o Haiti e seu rígido regime ditatorial, edição Nº 15; e por último nesta sequência, a vizinha Venezuela, na edição Nº 16.

Como citado anteriormente, a seção “Pesquisa” ora surge como pesquisa de cunho social, ou mesmo comportamental; ora surge como pesquisa de ordem científica, abordando temas como saúde, tecnologia e outros. Das 12 edições analisadas, apenas as edições Nº 07, 15 e 18 não apresentaram reportagens nas seções “Pesquisa”, “Tecnologia”, “Ciência”, “Medicina” ou “Psicologia”. Mas surgiram nas edições seguintes: divórcio, na edição nº 08; rim, na edição Nº 09; o que pensam as mulheres, em resultado de 1.200 entrevistas na edição Nº 10; a Lua e os computadores, na edição Nº 11; átomo e ludoterapia, na edição Nº 12; antiamericanismo; e o que mostram os parapsicólogos sobre o corpo humano, ambas na edição Nº 13; oftalmologia e vinhos, na edição Nº 14 (embora esta pudesse configurar na seção “Bebidas”); odontologia, na edição Nº 11 e outras duas na edição Nº 12: os mistérios do bocejo e a era espacial, colocando o Brasil entre os países com testes que enviariam foguetes ao espaço.

Por último, nesta pesquisa classificou-se o grupo “Bebidas” juntamente com a seção “Carnaval”, ambas com apenas duas edições participantes, a 08, destacando o uísque nacional e a Nº 11, falando sobre músicas de carnaval, que também poderia entrar em outra seção sobre cultura, assim como dito antes, que a reportagem sobre o vinho do Rio Grande do Sul poderia ser publicada na seção “Bebidas” e não em pesquisa, como na edição Nº 14.

Outro exemplo de reportagens que se encaixariam de forma positiva em outras seções é o caso da entrevista com a atriz Ítala Nandi, então com 24 anos, poderia estar na seção “Mulher”, “Gente”, “Depoimento” ou em qualquer uma dessas agrupadas e mencionadas anteriormente, mas surge em “Depoimento”, provavelmente pelo conteúdo que abrangia o assunto “sexo”, e para receber destaque se colocou em seção específica na edição Nº 10.

A seleção de seções, sua constância, assim como sua extinção bem como o surgimento de uma nova seção, evidenciam a técnica empregada pelos editores, adotadas como estratégia mercadológica acima de tudo, porém, buscando atender às demandas do seu público leitor. Esta via paralela, traçada entre a lógica do capitalismo e as pretensões jornalísticas do veículo informativo, depende de estratégias para sobreviver, levando ao leitor ao mesmo tempo qualidade na informação e no visual apresentados ao público.

A participação do leitor, frente ao conteúdo apresentado pela revista Realidade, será visto em capítulo específico, onde algumas das informações do mapeamento das seções se cruzam, seja por sua retomada a um tema específico, seja pelo fato de não mais serem abordadas.

## **2.2 Características Editoriais**

Foram ao todo 10 anos de existência, sendo que a equipe inicial - que conseguiu o feito inédito de alcançar a maior tiragem mensal em uma revista no Brasil - trabalhou em conjunto antes mesmo que a revista entrasse no seu terceiro ano, logo após a instituição do AI-5, imposição militar do Ato Institucional que determinava censura.

O controle excessivo por parte dos censores fez com que este veículo perdesse a sua liberdade plena ao seguir o padrão de origem. Aos poucos ela sofreu “limitações descaracterizadoras”, segundo Faro (1999, pág. 20).

Seu idealizador, Roberto Civita, comenta os primeiros sinais que vieram com a repressão dos censores, que passaram a frequentar a Redação da revista, obedecendo e impondo exigências nada confortáveis para a equipe de jornalistas:

Depois do primeiro ano, acabaram todos os grandes tabus. Já havíamos atacado todos os principais moinhos de vento, e eles começavam a rarear. A censura, que começou a partir da edição especial sobre mulheres, foi



mortal, principalmente quando colocaram um censor na redação. Toda lauda e toda foto tinha que ter um visto e um carimbo. Isso inibiu – e muito – os jornalistas. Depois os jornais e a televisão mudaram. A revista *Veja* nasceu, e a singularidade da Realidade se perdeu, apesar de ela ter sido pioneira. O *Jornal da Tarde* começou a fazer reportagens do mesmo tipo, o mundo acelerou e essa história de fazer matérias longas, que levavam às vezes mais de um mês em elaboração – e que eram pensadas dois, três meses antes – foi perdendo relevância (CIVITA, 2011).

Dois exemplos claros que antecedem o início dessa descaracterização que começou mesmo antes do AI-5, serão aqui analisados em duas edições especiais, publicadas em Janeiro e em outubro de 1967. A primeira, dedicada à mulher brasileira, foi caçada por determinação judicial. Já a segunda, em que se esperava um conteúdo mais provocativo por se tratar de uma edição voltada a revelar o que pensa e o que faz o jovem brasileiro da sua época, não teve seu foco em temas tão polêmicos.

Como dito antes, algum tempo depois da edição apreendida em janeiro de 1967, vem o AI-5 sobrecarregando as empresas de comunicação com cortes e proibições em seus conteúdos. Com isso os repórteres da revista *Realidade* logo escolheram ou tiveram de trabalhar em outros produtos, porém, deixaram sua marca na história da imprensa brasileira, com um estilo próprio de texto e reportagem, nunca mais visto dessa forma no país, fazendo da *Realidade* um produto singular.

Conforme relata Faro (1999, pág. 95), antes do lançamento oficial, foi publicada a edição experimental número zero, em março de 1966, tendo sua amostragem analisada pelo Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE). De acordo com a pesquisa, o público era considerado jovem (18 a 44 anos), de instrução escolar acima do segundo grau, classe econômica A e B. A revista seria mensal, informativa sem generalizações, *Standard* (tamanho grande), com 150 páginas em média por edição.

Estimava-se que para cada exemplar havia 03 leitores, o que eleva o número no segundo semestre (a partir de outubro, 1966) para aproximadamente 1,5 milhão de leitores por tiragem mensal: “A recepção foi entusiástica: em apenas seis meses, *Realidade* alcançou a maior tiragem do país, com 475.000 exemplares e mais de um milhão e meio de leitores por edição” (*Revista Realidade*, Editorial da edição Nº 11, 1967).

Uma das suas marcas era abordar assuntos com temas polêmicos, tabus, questionar preconceitos sob seu ponto de vista, levando o leitor a uma reflexão

incomum para a época. Outros temas abordados se referiam à cultura, sociedade, comportamento, religião, política, problemas brasileiros e internacionais, entre outros.

Seu discurso procurava apontar aspectos de um Brasil pouco encontrado em outras publicações, abordando velhos problemas de ordem nacional sob uma ótica diferenciada pelo tom questionador. Seu estilo estabelecia um diálogo diferenciado entre leitor e revista: “Nela aflorou uma produção jornalística que deu à reportagem uma dimensão reveladora além dos padrões da objetividade informativa” (FARO, 1999, pág. 19).

O produto deveria ser elaborado dentro do formato industrial já existente, todavia apresentando seus diferenciais como o fato de ser mensal, com circulação em todo país; tempo de reportagem variado (acima da média) podendo se estender por semanas ou até meses para sua elaboração; uso de linguagem literária para algumas das suas reportagens; tiragem inicial de 250 mil exemplares (dobrado em apenas 06 meses); inovação editorial nos temas abordados, na exposição dos fatos e nas imagens que apresentava.

Sua importância para o público leitor está na inovação que apontava uma realidade social diferente daquela vista em outros produtos de comunicação de massa; ia além da imagem que o próprio Estado passava de “sociedade brasileira”. O leitor poderia agora se identificar com um grupo social de mentalidade parecida com a sua, ou seja, um grupo que aceitava as mudanças da sua época, ou que procurava entendê-las de mente aberta, que tinha em mãos um produto diferenciado por sua ideologia, por mostrar a realidade de outra face do Brasil.

Um exemplo desta quebra de tabu está na edição Nº 10: uma mulher, fotografada por Claudia Andujar, no momento em que amamenta seu filho. Trata-se de uma prostituta que pretende deixar a vida que levava para se dedicar ao filho. Tal imagem fez com que alguns manifestassem indignação, pois aquela foto dava um mau exemplo às “moças de família”.

Por tradição, as moças eram preparadas para o casamento e para assumir a vida do lar, como lembra Mendonça (2007): “na mentalidade dos anos dourados, predominava, especialmente na classe média, a ideia de que as mulheres nasciam para ser donas-de-casa, esposas e mães. Davam enorme importância ao casamento” (MENDONÇA, 2007, pág. 90). Os conselhos de uma mãe para a sua

filha incluíam essas noções de conduta, a moça de família recebia lições básicas de economia doméstica, bordado, costura, etiqueta e culinária.

Tanto a imagem apresentada na fotografia, como a legenda – “Esta mulher é uma prostituta. Pelo filho, quer deixar de ser” mostram a mulher no papel de mãe, embora sendo uma prostituta. Ela entra na seção Ensaio Fotográfico, numa expressão de amor materno, ao lado de outras mães, aparentemente consideradas convencionais.



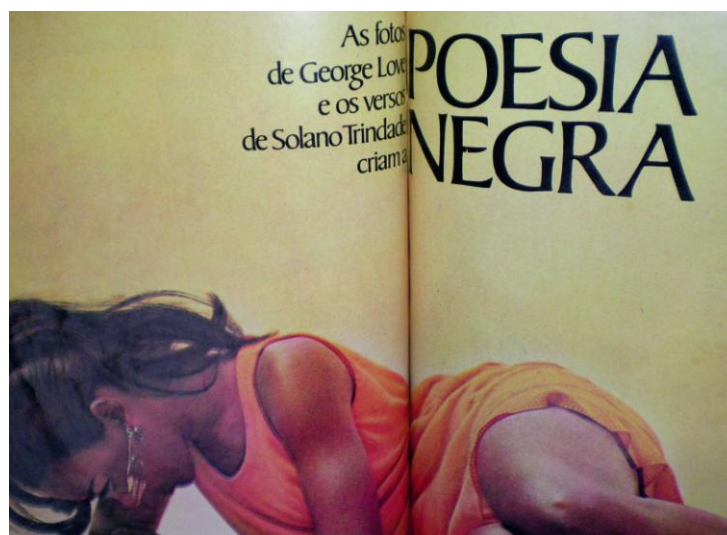
*O amor mais amor - Ensaio Fotográfico da edição especial Nº 10 da Revista Realidade, pág. 46, janeiro, 1967*

O Ensaio Fotográfico da edição Nº 16, publicada em julho de 1967, traz a “poesia e a beleza” da mulher negra. Com apenas cinco fotografias e dois pequenos textos, uma modelo usa vestido cor de laranja, contrastando com sua pele negra, num ambiente de poucas cores, mas ressaltando um colorido que lembra o sol, a terra, a natureza. Duas fotos menores enfatizam os seios e as pernas, além de uma página inteira que focaliza um rosto sério, quase triste. A primeira delas ocupa duas páginas, com a mulher deitada de lado, apoiada nos braços, com o rosto voltado para o chão. A última delas, como se fosse o ângulo de cima para baixo da primeira foto, evidenciando pernas e nádegas, em demonstração de sensualidade e naturalidade, ao mesmo tempo.

Ao reparar em outros Ensaios Fotográficos, ou ainda nas publicidades apresentadas em todas as 12 edições analisadas, não se encontra foco na mulher

negra. Este fato é apenas um dos que tornam evidente a ousadia da revista Realidade em quebrar o tabu do preconceito racial não apenas ressaltando a cor negra como também a mulher negra.

Na edição anterior, como se estivesse preparando o público, Realidade provoca seus leitores na seção Brasil Pergunta<sup>11</sup>: “Existe racismo no Brasil?”



*Poesia Negra. Ensaio fotográfico da edição Nº 16, pág.38. Revista Realidade, julho, 1967*

Esta foi uma das poucas vezes em que a página, igualmente diagramada em duas partes, cedendo o mesmo espaço para seus entrevistados responder, teve o “sim” ocupando praticamente um terço do espaço reservado à resposta para o “não”; mais uma vez tornando clara sua preferência por levantar questões polêmicas e dar voz aos afetados.

Conforme Martin-Barbero (2009), a relação das mediações com a recepção passa pelos meios que afetam diretamente o público: sua classe social, etnia, escola, igreja, relações pessoais com amigos e familiares, gênero; grupos que estão, no momento do consumo midiático, passando por uma nova modelagem proposta pela cultura da mídia. Em outras palavras: o que a revista divulgava tinha grande aceitação pelo público leitor. Este é o maior indício de que ela estava no caminho

<sup>11</sup> Em todas as edições analisadas há uma seção de debates em que a revista propõe uma pergunta polêmica e convida duas personalidades (escritores, filósofos, sociólogos, políticos, artistas e outros) para darem sua opinião, sempre um apontando para o “sim” e o outro apontando para o “não”. Ver análise da seção, no Capítulo I dessa pesquisa.

certo, em conformidade com o que o público esperava de uma revista para o seu tempo.



*Racismo em pauta na seção Brasil Pergunta. Revista Realidade, Nº 16, pág.162, junho, 1967*

Um dos exemplos do pioneirismo da revista Realidade foi a edição Nº 10, que trazia ao público o resultado de uma pesquisa que tabulou mais de cem mil respostas dadas por 1200 mulheres entrevistadas com a finalidade de retratarem o perfil da mulher brasileira do final dos anos 1960.

Os assuntos abordados nessa edição especial eram variados, indo desde religião e política até mercado de trabalho, passando pelo corpo feminino, a maternidade, o parto e questões como o que elas pensam e como agem frente às decorrentes mudanças do seu tempo. Apesar de ter conseguido um feito inédito no Brasil ao traçar o mapa da situação feminina da época, não agradou a todos os seus leitores e nem ao governo. A edição foi acusada pelo moralismo e conservadorismo por uma parte da sociedade, que rejeitou a revista por publicar - segundo o seu julgamento - conteúdo considerado abusivo.

A segunda edição especial que apresentou o resultado de uma outra pesquisa, foi a Nº 18, com entrevistas aos jovens, a fim de descobrir como eles viviam, o que faziam, o que sonhavam. Além da pesquisa tabulada pela revista Realidade e por um instituto contratado, repórteres foram enviados a campo, onde

passaram a conviver, literalmente, como se fossem um deles. Da experiência relatam suas impressões, e desmistificam a juventude, taxada por alguns como irreverente. O que não se sabia antes era a realidade sobre jovens que trabalham no campo, ou os que vivem no interior, seu contraste com os que vivem na capital ou os que têm estudo e estão se preparando para num futuro breve assumirem cargos de lideranças em grandes empresas. Mas os repórteres de Realidade foram até eles, e mostraram aos leitores esta outra face da juventude brasileira.

Como exemplo da representação social, cultural e política, encontramos na edição Nº 08 a matéria de capa intitulada “Os novos donos do samba”, numa reportagem que fala muito além de uma tendência musical, mas da atitude de jovens que se colocam à favor da sociedade por meio do seu trabalho artístico e cultural, analisado mais adiante, no final desse capítulo.

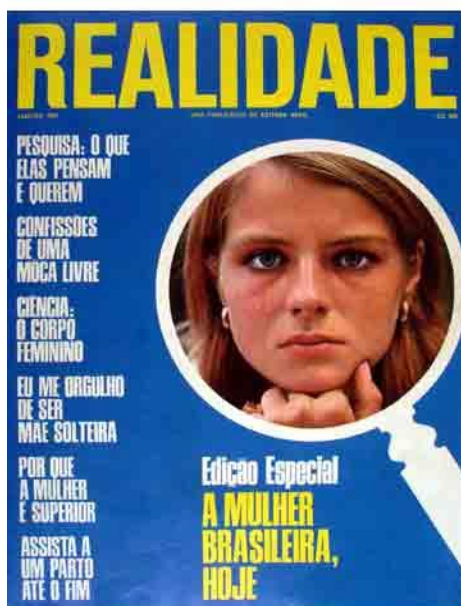
### **2.3 Edição Especial Nº 10 – A Mulher Brasileira Hoje**

A capa foi estrategicamente elaborada com a imagem de uma mulher jovem, de traços leves, numa foto em que ela é vista, ou evidenciada, por uma lente de aumento, dando a ideia de ampliação, representando a mulher em destaque. Abaixo, o tema da edição especial: “A mulher brasileira, hoje”. Tanto o título da revista como o título da edição surgem destacados na cor amarela. A capa tem a cor azul e todas as chamadas da lateral esquerda estão em branco.

O uso de apenas 03 cores dá um ar leve à capa, sem poluição visual, enfatizando o seu objetivo, sem distrações. Do lado esquerdo, os destaques, na seguinte ordem, como ilustrado na página 09 deste artigo: Pesquisa – o que elas pensam e querem; Confissões de uma moça livre; Ciência: o corpo feminino; Eu me orgulho de ser mãe solteira; Por que a mulher é superior; Assista a um parto até o fim.

Além de dedicar uma edição inteira a um tema específico, a revista Realidade inovou na editoração, pois em revistas de assuntos gerais não era comum a divulgação dos resultados de pesquisas, nem imagens com cenas de um parto, gesto ousado para a época.

A escolha dos assuntos também pode ser interpretada como provocação para a mentalidade e os conceitos de comportamentos considerados adequados à época.



*Capa da edição especial Nº 10, janeiro, 1967*

Maia (1986) analisa a dificuldade do pioneirismo da Realidade em ser a primeira revista no país a tratar assuntos tabus: “logo na décima edição ficou claro que fazer jornalismo abordando temas de comportamento em 1967 era mais que um desafio, era um confronto com o conservadorismo da sociedade brasileira”.

Buitoni (2009) também reconhece a dedicação que a revista Realidade teve para com a mulher e ressalta os assuntos tratados como raros em outras publicações:

Como vemos, são muitas as faces da mulher brasileira apresentadas na revista. Só que, no caso, trata-se de uma revista de caráter geral, e cujo forte é a reportagem. Já nas revistas femininas, a restrição do universo é menor. Ou é a mulher romântica, ou é a mulher mais ligada ao lar. Os temas apresentados nesta Realidade quase nunca surgiram nas páginas da imprensa feminina (BUITONI, 2009, pág.105).

E não agradou a todos, embora a revista tenha mudado a cara do Brasil, por isso mesmo estabelecendo a “*geração Realidade*”, como ficou conhecida nos anos 70. “O Brasil de 60 é irreconhecível hoje (*anos 80*), deu um salto em abertura intelectual, em abertura de informações” (MAIA, 1986).

Esse episódio ocorreu em janeiro de 1967, mas o golpe que colocou os militares no poder se deu em 1964. Esta não foi a primeira experiência vivida pelo país em relação a um regime de ditadores e à censura. Na história existem outros episódios, mesmo antes de 1964.

Somente em 13 de dezembro de 1968 a censura se tornou oficial, imperativa, e veio manifestando gestos de violência contra os meios de comunicação, a partir da instauração do Ato Institucional Nº5, o AI-5.

A partir dele, de forma direta e mais intensa, todos os órgãos de imprensa tinham seu trabalho constantemente vigiado e, de acordo com os requisitos do oficial da censura, havia cortes nos textos para eliminar o que era considerado indevido.

Um ponto de destaque está em se analisar quais foram os motivos que provocaram a cassação e recolhimento da revista Realidade, edição Nº 10, janeiro de 1967, numa fase em que ainda não existia o AI-5. O preconceito moral poderia ser uma das respostas aceitáveis. O que se tem é um ato de autoridade imposto sobre a revista, que sofreu suas duras consequências.

Foucault (1971, pág.9), em sua teoria sobre o discurso, faz a colocação de três formas de poder e perigo do discurso: exclusão, interdição (tendo foco na sexualidade e na política), separação/rejeição. Nos três patamares é possível encontrar pontos em comum com o discurso proferido tanto pela acusação que apreendeu a revista, como pela defesa que a revista apresentou em suas páginas.

Como exemplo de exclusão: palavras de acusação que afirmam suas verdades, “que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência”. A interdição se impõe de tal forma que acaba inibindo o direito de se falar tudo como se deseja: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1971, pág.9).

E na defesa da Realidade, o uso de palavras que demonstram uma luta pela quebra de tabus, que revelam um modo de ser e agir praticado por uma minoria na sociedade. O discurso da revista se enquadra no conceito de Foucault (1971, pág.10) sobre uma das definições de discurso: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Neste caso, a liberdade de



tocar em assuntos polêmicos de forma a tratar os problemas. Este foi o discurso que sofreu a interdição por parte das autoridades institucionais.

Por fim, vem a separação e a rejeição, que Foucault relaciona com a oposição razão e loucura. Mas é no discurso do louco que se pode encontrar “estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”. Decifrava-se nela “uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis” (FOUCAULT, 1971, pág.11).

A apreensão da revista Realidade, em uma edição especial, representa uma anulação das suas palavras como sendo uma loucura a ser desprezada, desconsiderada, minimizada, reduzida ao esquecimento. Ato de rejeição dentro de um sistema de exclusão: “tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se” (FOUCAULT, 1971, pág. 14).



*A atriz Ítala Nandi conta suas experiências e sentimentos em relação à sexualidade, revelando um comportamento ousado para a sua geração. Realidade, edição Nº 10, págs.76 e 77, janeiro, 1967*

Foucault ressalta três sistemas de exclusão: “a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade” (1971, pág.19) e questiona o leitor: “se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de

dizer este discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder”? (1971, pág.20).

Somente na edição seguinte, Nº 11, o leitor compreendeu o que havia acontecido com a edição Nº 10, ou seja, a revista Realidade foi apreendida em São Paulo - por determinação do Juizado de Menores, na alegação de que nela havia conteúdo considerado “abusivo”, “obsceno”, e em alguns casos “ofensivo à dignidade e à honra da mulher” (Revista Realidade, Editorial da edição Nº 11, 1967).

Em reportagem especial editada em maio de 2010, pela Editora Abril, para a revista Veja, o repórter Fabio Altman descreve os acontecimentos:

Foram seis meses de reportagens. Uma pesquisa encomendada ao mais respeitado instituto daquele tempo, o Inese, ouviu 1200 mulheres... Realidade chegava às bancas, tradicionalmente, dois ou três dias antes do mês anotado na capa. Poucas horas depois da distribuição de metade dos mais de 400.000 exemplares, em 30 de dezembro de 1966, uma sexta-feira, a revista começou a ser recolhida das bancas pelas viaturas do serviço de vigilância e ronda especial da polícia, com apoio da Delegacia de Costumes de São Paulo. Os 231.000 exemplares que ainda estavam empilhados na gráfica também foram confiscados – depois seriam triturados (ALTMAN, 2010).

Contudo, não foi apresentada pela acusação em São Paulo qual exatamente seria a reportagem ofensiva, ou imagem que tivesse causado tanto constrangimento ao público. Isso foi usado como argumento na defesa que detalhou passo a passo cada uma das seções e seu real conteúdo, revelando que as intenções se davam em torno da informação, da educação.

No texto oficial de defesa que a própria revista publicou na edição Nº 11, página 06, consta a definição por dicionário das palavras citadas pela acusação, como obsceno e seus sinônimos: “sensual, torpe, impudico; e comparando a sinonímia entre desonesto e obsceno, declara que este vocábulo é muito mais forte do que o primeiro, porque a sua particular energia é significar o que é sujo, imundo, sórdido, torpe, etc” (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 11, 1967). Isso tudo para comparar os termos: “obsceno” com “ofensivo à dignidade da mulher” como sendo questão de conceito e não de fato.

Já na acusação do Juizado de Menores do Estado do Rio de Janeiro - a então Guanabara - que ocorreu 24 horas após a determinação em São Paulo, o texto do despacho afirma que a revista vinha tomando um rumo diferente do ideal:

...fugindo aos propósitos comuns de periodismo no Brasil – informar corretamente, divulgar as coisas e ideias dentro do panorama dos nossos costumes, aceitando ou combatendo moderadamente os nossos hábitos e as nossas tradições – resolveu bem ao contrário encetar uma campanha e realizar uma verdadeira revolução radical no terreno da moral familiar (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 11, 1967).

E mais uma vez a acusação acaba assumindo o valor da revista Realidade como mídia formadora de opinião, citando-a como “moderna, tecnicamente bem feita, procura apoiar suas reportagens em pesquisas e levantamentos” (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 11, 1967). Porém, logo em seguida afirma que Realidade não apenas apresenta os dados, mas “defende teses, promove campanha aberta e dissimulada” (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 11, 1967) e prossegue enumerando as seções atribuindo a elas as mesmas acusações já citadas.



*Fotos de um parto natural impactaram leitores, tanto de forma positiva quanto negativa. Revista Realidade, edição Nº 10, págs.70 e 71, janeiro, 1967*

Foucault (2009) aponta estas artimanhas do discurso como estratégias do poder hegemônico, podendo-se comparar aqui da seguinte forma: primeiramente ganha a confiança do público e em seguida revela suas reais intenções. No discurso, tanto da acusação como da defesa, encontram-se mecanismos que demonstram relação de poder, cada um apresentando a sua verdade e conquistando o leitor a seu modo:

Vivemos em uma sociedade em que grande parte marcha “ao compasso da verdade” – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detém por este motivo poderes específicos. A produção de discursos “verdadeiros” (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da “verdade” – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita (FOUCAULT, 2009, pág.231).

Na defesa, o argumento principal é um exame das seções, e novamente o jogo de palavras que procura esclarecer o real sentido de obsceno, moral e subjetividade. O posicionamento da revista Realidade sempre foi o de tocar nestes pontos a fim de trazer uma visão realista, como definem seus editores:

Desde nosso primeiro número, em abril de 1966, manifestamos a opinião de que a única maneira de resolver problemas é enfrentá-los. E nos meses que se seguiram, a jovem equipe que faz esta revista procurou não perder de vista as dúvidas e problemas que são continuamente levantados, ponderados e debatidos no Brasil inteiro. A recepção foi entusiástica: em apenas seis meses, REALIDADE alcançou a maior tiragem do país, com 475.000 exemplares e mais de um milhão e meio de leitores por edição. (...) Assim, embora pretendamos continuar debatendo os grandes problemas nacionais, devemos supor que – de repente – não mais vão aparecer moças menores e grávidas diante dos juízes de Menores. Que a esmagadora maioria das jovens chega virgem ao casamento. Que mulheres casadas jamais apelam para a interrupção intencional da gravidez. Que há unanimidade da opinião pública a favor do desquite como melhor solução para um casal que vive sem amor. E que – enfim – todos estes problemas só voltariam a existir se e quando fossem novamente levantados por REALIDADE (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 11, 1967).

Conforme relata Faro (1999), apenas algumas edições depois, Realidade retomaria ao tema, porém desta vez de forma menos explícita: “Realidade voltaria indiretamente à temática dos novos valores femininos nem bem havia assentado a poeira levantada com a apreensão do número de janeiro de 1967” (FARO, 1999, pág.134). Em junho de 1967, foi publicada uma reportagem de cunho científico sobre o parto. De forma sutil, citou valores educacionais relacionados à educação sexual feminina.

Na afirmação de Roberto Civita, em depoimento concedido à revista Bravo! em março de 2011, a censura teve cunho moralista e político. E explica os motivos daquela apreensão:

A censura da época era tanto moral quanto política. Na política, não podia sair nada que dissesse respeito a eleição, democracia, esquerda, socialismo. E na área moral, tudo o que era adultério, droga, infidelidade, aborto, virgindade. A meu ver, aquela edição sobre a mulher brasileira foi confiscada por três razões. Uma era que tinha a foto de uma mulher dando à luz, que eu publiquei pequena e na dobra de uma página dupla. Me

disseram: ‘olha, vai dar encrenca’, e eu respondi: ‘Não, a gente publica pequena e na margem’. Deu encrenca, o cardeal ficou escandalizado, ligou para o governador, o governador ligou para o juiz de menores, e o juiz apreendeu a revista. A segunda razão era porque havia uma pesquisa que dizia que de 30 a 40% das mulheres brasileiras da época já tinham feito aborto. Os censores disseram que isso constituía uma ofensa à honra da mulher brasileira. Ofensa? Ora, mas era um fato! Só que ninguém queria saber de fato. Essa história de fato não interessava a mínima para os censores. E a terceira razão foi por causa da frase “eu me orgulho de ser mãe solteira”. Havia um ensaio fotográfico lindo sobre a maternidade, com fotos de mães com bebês, e uma delas era uma prostituta. E eles ficaram absolutamente enlouquecidos com essa mistura de mãe com prostituta. Aí apreenderam a revista – tanto nas bancas quanto na gráfica (CIVITA, 2011).

Na edição Nº 11 a jornalista e psicóloga Carmem da Silva<sup>12</sup> escreve para a seção “Problema”, abordando a razão dos preconceitos. Começa falando de filosofia, mostra os preconceitos violentos sofridos por Sócrates e Galileu, e os preconceitos fanatizados de Hitler e Goebbels. Sobre a maioria, o preconceito e o interesse de alguns. Segundo Carmem da Silva: “para afirmar um preconceito é preciso cercá-lo de um ar sagrado, que torne sacrílegas a análise e a discussão em termos racionais” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 11, 1967, pág. 27).

Nessa fala observa-se um discurso de enfrentamento ao poder hegemônico, a instituição, como o governo, e contra o próprio posicionamento moralista de uma parte da sociedade. Antes do AI-5 ainda eram possíveis formas de enfrentamento ao poder hegemônico e a revista Realidade se utilizava deste recurso em diversas ocasiões como na citada adiante, em que se tem uma crítica aos preconceituosos e moralistas que desejam calar a sua voz. Silva (1987) explica aos leitores da revista Realidade que há por trás de todo preconceito interesses em se deixar determinada situação como ela é, isso por que estas pessoas são favorecidas pelo sistema vigente nas atuais condições:

Talvez tivessem uma ou outra restrição miúda a fazer, mas preferem não modificar nada porque uma mudança traz outra, a evolução age em cadeia e ao alterar esta ou aquela faceta adversa, correriam o risco de vir a perder tudo o que lhes é propício. O imobilismo fica sendo, assim, a posição mais segura: a ela se apegam com unhas e dentes, a ela tratam de atrair o maior número possível de adeptos. O resultado é a recusa sistemática em examinar os dados objetivos da realidade: querendo-a estratificada, coagulada, pétrea, negam seu caráter essencialmente fluído e opõem-se a qualquer tentativa de dinamizar e aperfeiçoar as instituições existentes (REVISTA REALIDADE, edição Nº 11, 1967, pág. 29).

---

<sup>12</sup> Jornalista e psicóloga, em 1967 escrevia para a revista Claudia, da Editora Abril, na seção “Consultório Sentimental”.

Silva (1967) cita em seu texto “Preconceito: o bicho-papão” o aborto, as inscrições de prostitutas na polícia, as doenças venéreas que aumentam nos homens, desquites, homossexualidade. Assuntos polêmicos, que desta vez não foram censurados. Talvez porque ela elucida estas questões como sendo necessárias: porém sem “tornar válido o erro, nem codificar o mal, mas sim equacionar os problemas com realismo, sem perder a perspectiva do bem estar coletivo e da virtude socrática, associada à verdade e ao conhecimento” (REVISTA REALIDADE, edição 11, 1967, pág.29).

## **2.4 Edição Especial Nº 18 – A Juventude Brasileira, Hoje**

O Editorial da edição Nº 18 apresenta uma prévia do seu conteúdo, indicando que foram feitas duas pesquisas. Uma delas, por encarte na edição Nº 16 (mês de julho), onde o leitor destacava, preenchia e envia as respostas por correio. Para elaboração da segunda pesquisa, foi contratada uma empresa especializada<sup>13</sup> garantindo a qualidade estatística, que, em comparação com a aplicada pela revista, apresentaram resultados semelhantes.

Ao todo, foram mais de 20 mil respostas<sup>14</sup>, além de muitas cartas que chegavam, contendo sugestões, comentários, ideias e críticas. Além das pesquisas quantitativas, Realidade enviou a campo seus repórteres:

...nossos repórteres foram ao encontro dos jovens em todos os campos de atividade: a fábrica, o escritório, o campo, a universidade, a administração de empresas. Fomos ver como vivem os jovens do interior. Procuramos os que estão fazendo coisas importantes em política, ciência, arte, negócios. E também aqueles que, não podendo entrar nas universidades, buscam e encontram outras carreiras e oportunidades de trabalho (REVISTA REALIDADE, Editorial da edição Nº 18, 1967).

No sumário, os temas selecionados para a Edição especial: a moda, os costumes, as tribos e suas brigas. Comportamento frente à geração anterior,

<sup>13</sup> Conforme indicado na página 18 da Edição especial Nº 18, foi contratada a empresa Marplan, em São Paulo e Rio de Janeiro, ouvindo mais de mil rapazes e moças, entre 15 e 24 anos, cem pessoas de cada idade, sendo: 100 da classe rica; 400 da classe média; 500 da classe pobre. Mais da metade (61%) são estudantes; 34% são trabalhadores. Apenas 2% tem diploma universitário.

<sup>14</sup> Dentre os mais de 20 mil questionários devolvidos, foram selecionadas aleatoriamente mil cartas, divididas de forma proporcional sexo e idade entre leitores de São Paulo, Rio de Janeiro e outros Estados.

mercado de trabalho, universidades. Ainda na página 05, é indicada a tiragem de 465.900 exemplares para esta edição.

O questionário era composto por 09 perguntas iniciais referentes ao próprio leitor, perguntado idade, sexo, estado civil, cidade e Estado de residência. Escolaridade, trabalho, e neste caso a renda. Após, mais 19 perguntas específicas sobre a opinião do leitor: o que pensa sobre o seu futuro; problemas brasileiros; fé e religião; relacionamento com os pais e a família; democracia; emprego; a mulher no mercado de trabalho; casamento; fidelidade; situação socioeconômica do país e por último qual a fonte de informação que o leitor mais utiliza para saber sobre o país e o mundo.



*Capa da edição especial Nº18, Revista Realidade, setembro, 1967*

As respostas foram apresentadas em forma de tabelas, com as opções de respostas e suas respectivas porcentagens de escolhas, em duas colunas distinguindo rapazes e moças.

Além das porcentagens, também houve trechos de cartas dos leitores expressando opiniões individuais e finalizando cada bloco de perguntas com um comentário dos editores. Segue exemplo da opinião de leitores quanto aos estudos:

Os descontentes, pouco mais de um décimo, são os que mais escrevem. Tem uma reclamação principal, bem representada por Marilena do Nascimento Viana, do Rio, de 22 anos, solteira, que trabalha para ajudar a mãe a sustentar os três irmãos menores:

- Faltou-me algo indispensável para que eu estudasse: dinheiro. Parece mentira, mas o Brasil ainda é um país onde se deixa de estudar por falta de dinheiro (...) Não se fale nos estudos superiores. As portas estão fechadas, completamente fechadas ao estudante que não tenha dinheiro.

Os jovens estão, em boa parte, descontentes também em relação aos professores, e alguns deles chegam a estar descontentes com os próprios estudantes. Um deles:

- Não há motivação alguma; há uma indiferença dos professores que é uma coisa bárbara. E é incrível o número de rapazes e moças que entram na universidade apenas para arranjar casamento e passar o tempo (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.19).

Na página 31, Realidade apresenta o “mundo deles”, com fotos de Salomão Scilar, que enriquecem o texto de Mylton Severiano da Silva, pois revelam as cores e formas da moda, como a minissaia xadrez vermelha com bota branca de cano longo; atitudes originais e ousadas, como a moça que aparece ao volante de um carro; acessórios como um colar que tem por pingente um cachimbo ou o moço que olha as fotografias de Roberto Carlos que estão no teto do seu quarto. O próprio autor da reportagem conceitua este mundo específico dos jovens da atualidade:

Camisas de cores berrantes, calças apertadas, sapatos cheios de fivelas, joias extravagantes, bonés esquisitos, cabelos compridos, saias curtas, um ar displicente diante de tudo: nossas grandes cidades veem aumentar a cada dia esse tipo de jovem (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.31).

E pergunta, na página 33: “O que podemos oferecer-lhes hoje?” Quem responde, primeiramente, é a socióloga Marialice Forachi, que ressalta a importância que a publicidade dá ao jovem como consumidor. A reportagem segue, ressaltando que eles querem ser “apenas originais”; “nem adultos, nem crianças: jovem”, que segundo o psicólogo Haim Grunspum, significa fazer da displicência e da indiferença ao mundo, uma forma de “atitude filosófica”, mostrando assim sua personalidade. Ele explica que o jovem procura se espelhar no que está fora do Brasil, pois o país ainda não tem “condições culturais para impor e criar suas próprias modas” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.36).

Ao concluir, o autor questiona “o que esperamos deles”? A socióloga Forachi explica o uso das roupas coloridas e atitudes chocantes ou esquisitas, como uma forma de “reconhecimento dos jovens de que ainda não representam grande coisa como grupo de influências” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.37). Segundo analisa a socióloga, a eles, falta perspectiva.



Assim como na edição especial Nº 10 a jornalista e psicanalista Carmem da Silva contribui novamente com suas análises, desta vez sobre “conflito de gerações”. As ilustrações de Milton Luz dão um tom de humor ao estilo caricato. Já no início aponta que desde quando o homem passou a se organizar em “tribos” uma geração reclama o mesmo da outra: são os quadrados versus os irresponsáveis. Carmen da Silva (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.46) conta que no início os pais tomavam as mulheres para seu uso exclusivo. Enquanto os filhos eram pequenos não havia problema, mas logo cresciam e queriam desfrutar dos mesmos prazeres, chegando ao ponto de matar o pai para herdar as viúvas. Exemplo radical, mas verídico nas primeiras organizações tribais.

Mesmo com o passar do tempo, o conflito de gerações prevalece. E ao melhor estilo da autora, como emblema da revista Realidade, ela toca no tema do falso moralismo:

Quanto aos conceitos de moral, razão, justiça, solidariedade, amor – que sempre aparecem nos sermões dos representantes da sociedade adulta – os moços tomam-nos absolutamente a sério. De repente descobrem, escandalizados, que na prática: “as coisas não são bem assim”. Que as belas palavras podem ser meras convenções, fórmulas vazias a acobertar concessões, manejos, jogo de interesses e até hipocrisia pura e simples (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.46).

Entre os chavões que perduram pelos milênios, está o idealismo, confundido com ingenuidade, o que representa nos jovens a falta de ideias. A autora cita os irmãos Tibério e Caio Graco, em que o primeiro sugere uma reforma agrária que prejudicava certos senadores de Roma, e o segundo propôs direito de cidadania romana a todos os italianos. Ambos, exemplos de idealismo. Tibério foi assassinado a pauladas e Caio foi perseguido pelas ruas de Roma até se matar, com sua própria espada, evitando assim a mesma crueldade que acontecera ao seu irmão.

A inexperiência é apontada pela autora como o segundo chavão, todavia, Silva alerta que a bagagem dos mais velhos pode ser repleta de preconceitos. Relembra a história do Rei Filipe II, da Macedônia, que desafiou seu filho Alexandre a domar um cavalo, garantindo que o fracasso lhe daria uma lição de humildade. O filho percebeu que o cavalo se espantava ao notar sua sombra no chão; ao virá-lo de frente o sol, com afagos conseguiu acalmar o animal, finalmente montando e dominando o cavalo. Algum tempo depois, o filho do rei era chamado de Alexandre Magno, por ter conquistado e dominado um vasto Império.

O terceiro chavão citado pela autora se refere ao “desprezo pela moral, pela tradição e pela religião”, que, nas suas palavras, determina: “Qualquer tentativa de adaptação a novas necessidades, a novas condições, é automaticamente rotulada de imoralidade e heresia” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.48). Lembra Romeu e Julieta, condenados pelos representantes da ordem estabelecida. “Qualquer tentativa de inovação, de ruptura dos padrões vigentes, provoca uma crise no meio da sociedade” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1867, pág.48), tendo de um lado os conservadores e do outro os inconformistas.

Como psicóloga, Carmem da Silva usa de seus conhecimentos acadêmicos e clínicos para advertir sobre o que ela chama de “parricídio”, explicando que nos tempos antigos havia assassinato literal de pais e mães, porém ela se referia ao parricídio simbólico da imagem do “fantasma do rei”, que é a imagem dos poderosos e proibitivos pais da infância, mesmo mantendo o vínculo afetivo que deve permanecer. O que deve ser abolido são as amarras da infantis, dando ao homem um novo nascimento, sob sua própria liberdade.

Contudo, a autora é consciente quanto aos atos contrários ao sistema vigente, justificando que o jovem, sem tantas obrigações para com a sociedade, ainda não sente e não participa das mesmas pressões do adulto que tem emprego, família a sustentar, e só então passa a participar ativamente deste processo no sistema econômico. Nesta fase é que suas opiniões mudam, ele se enquadra nessas condições e, como geração mais velha, pensa nos riscos de não se submeter ao sistema, preferindo a ordem estabelecida às incertezas do novo.

Adiante, a partir da página 55 da mesma edição, Realidade descreve a experiência de seus repórteres, que por algumas semanas conviveram com diferentes grupos de jovens acompanhando sua rotina diária. Cada um dos repórteres teve a missão de observar como era a vida, o que pensava e como se divertia a juventude atual. A síntese do relato de cada repórter encontra-se no Apêndice G.

## **2.5 Matéria da Capa da Edição Nº 08 - Os Novos Donos do Samba**

Uma das mais comuns e antigas formas de expressão cultural é a música. Ela encontra na oralidade, e, posteriormente no rádio, seus primeiros propagadores. Mas não foi apenas com o veículo rádio que a música se popularizou, tornando seus

intérpretes e compositores conhecidos e queridos no Brasil. Os festivais de televisão, promovidos no final dos anos 1960, deram aos artistas grande visibilidade, revelando novos talentos que tornaram-se inesquecíveis para a cultura nacional e internacional.

A televisão chegou ao Brasil em 1950, permanecendo como novidade rara e reservada à elite social até os anos 1960. Com a chegada de novos recursos tecnológicos, logo se popularizou e abriu caminho para artistas do rádio e do teatro atuarem, além de trazer para as telas os programas de cunho musical, em 1965. Esta ampliação cultural demonstra o que define Santaella (2002) quanto aos meios que se tornam suportes para uma ampla difusão cultural, não eliminando um ao outro: “longe de terem usurpado o lugar social dessas formas de cultura, os meios de comunicação foram crescentemente se transformando em seus aliados íntimos” (SANTAELLA, 2002, pág.52).

Além do lado artístico, se manifestava também a bandeira social, como aponta Napolitano (2006): “Entre 1966 e 1968, principalmente, os festivais acabaram sendo os principais veículos da manifestação da canção engajada e nacionalista, voltada para a discussão dos problemas que afligiam a sociedade brasileira” (NAPOLITANO, 2006, pág.56).

Assim, da televisão, considerada por Ortiz (2006) como “o que melhor caracteriza o advento e a consolidação da indústria cultural no Brasil” (2006, pág. 128), esses nomes e suas músicas passaram a ser mencionados em jornais e revistas, ganhando seu espaço também na mídia impressa. Um dos exemplos é a capa da edição Nº 08 da Revista Realidade, que trouxe como título: Os novos donos do samba. Reunidos numa mesma foto, Nara Leão, Jair Rodrigues, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Rubinho do Zimbo Trio, Paulinho da viola, Toquinho e Magro do MPB4, posam para o fotógrafo David Drew Zingg.

Estes jovens representavam uma nova geração de artistas, que deram origem à moderna Música Popular Brasileira - MPB. Conforme relata Napolitano (2006), as músicas da MPB eram autênticas, tinham letras de boa qualidade, e, por meio dos festivais, cresceram como forma de “resistência cultural ao regime militar”. A sigla MPB tornou-se “sinônimo de música comprometida com a realidade brasileira, crítica ao regime militar e de alta qualidade estética” (NAPOLITANO, 2006, pág.57).



*Capa da edição Nº 08, Revista Realidade, novembro, 1966*

Para Ortiz, “falar em cultura brasileira é discutir os destinos políticos de um país” (1988, pág.13). Desta forma, chamaram atenção dos editores da maior publicação impressa de sua época.

E qual foi a importância que a revista atribuiu a estes jovens artistas? Além da imagem que ela passa logo na foto de capa, são mais três páginas inteiras com os grupos de artistas reunidos. A foto inicial da matéria ocupa cerca de dois terços de cada página e mais uma fotografia que cedeu apenas uma coluna da direita, na última página, fechando o texto.

Considerando-se a relevância de ter uma foto estampada na capa de uma revista e o porte da revista em questão, já se tem uma ideia da representatividade que cada um deles tinha quanto às artes musicais, na composição e interpretação, não apenas de música, mas de uma expressão amplamente ligada à realidade da sua época, tanto social como política, uma diretamente ligada à outra.

A reportagem do jornalista Narciso Kalili, logo aponta a renovação provinda da música: “A Bossa Nova mudou. Em vez de falar de céu, sol e mar, a moderna música popular brasileira conta as coisas da vida, amor e liberdade. Os jovens que fazem e interpretam essa música são A Nova Escola do Samba” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.116).

Dividida em três partes, a primeira delas aborda o fenômeno da Bossa Nova, citando os artistas que criaram e imortalizaram o estilo. Para este trecho, o intertítulo

“No começo: barquinho, amor, mar, flor”, expressões que remetem ao “clima” da Bossa Nova. O texto diz que nesses oito anos de existência, seus expoentes autores mudaram, ela mesma mudou também, tanto nos objetivos como em sua forma e conteúdo. Não era mais feita por um pequeno grupo, e sim, por demais jovens que produzem para outros jovens, competindo com o iê-iê-iê, estilo de Rock nacional, tão comum ao gosto dos jovens da sua época; o conhecido também como a “jovem guarda”, ou “música jovem”, era, então, desafiada pela “música brasileira”, como definida por Mota (2000).

A segunda parte do texto traz como intertítulo “Depois: seca, miséria, fome, nordeste”, expressando as preocupações recentes dos jovens compositores, como Gilberto Gil, Caetano, Bethânia, Torquato e Capinam, ouvidos no Teatro Arena, em depoimentos pessoais, quando cada um se apresenta e revela ao leitor um pouco da própria vida.

Na terceira parte – “No caminho: morro, clássicos, folclore”, a reportagem segue apresentando cada um dos novos músicos, no que se pode reunir como características: jovens, entre 18 e 25 anos; universitários; geram 600 novas músicas por mês; falam de suas paixões, mas especialmente dos “problemas políticos, sociais e econômicos do seu país” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.117); classe média intelectualizada e informada. O perfil dos artistas traçado pela reportagem é semelhante ao dos leitores da própria revista, já citados anteriormente.

O repórter aponta algumas comparações entre os movimentos musicais (Bossa Nova e MPB): Ambos têm popularidade entre a juventude e origem urbana, que, segundo a reportagem se desdobra em três pilares: 1) folclore: sambas de roda; modinhas de viola; 2) imaginação popular (toca em rádio e TV); 3) sucesso de uma música ou cantor, e a dança (ligada ao interesse de mercado).

Já para determinar as características da Bossa Nova e seus expoentes, a reportagem faz os seguintes apontamentos: seus representantes são jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro; têm estabilidade financeira (bem economicamente); têm acesso a discos e a professores de música; possuem técnica aprimorada; geração que surge no governo do presidente Juscelino Kubistchek, em 1958.

Conforme a reportagem, João Gilberto interpretou tudo o que sua geração queria dizer por meio da música. O que ele chamava de Jam-Sessions, deu origem à Bossa Nova, e oito anos depois ela se desdobrou na MPB.

A fórmula do sucesso da Bossa Nova é resumida por Kalili como sendo “amor, sorriso, barquinho, flor”, mas quatro anos depois esgotavam-se os temas constantes. Antes disso, João Gilberto e Tom Jobim já impressionavam também os americanos, causando a primeira divisão do movimento, pois eles queriam fazer sucesso por lá, enquanto outros artistas reconheciam a importância e a necessidade de permanecerem no Brasil, possivelmente devido ao momento político em que viviam.

Nara Leão rompe com a Bossa Nova; surgem no cenário artístico: Edu Lobo, Elton Medeiros, Cartola e Nelson do Cavaquinho. Com esta primeira divisão, contribuem para a MPB os músicos de orelha – “velhos sambistas do morro” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.119). Vem a fase dos sambas de Carlos Lira, Zé Ketti, Vinícius de Moraes, Pixiguinha e outros. A influência do jazz permanece em João Gilberto, e se manifesta nas músicas de Jonny Alf, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Aloísio de Oliveira.

Cada vez mais os movimentos políticos e sociais agitam o país. A história cultural, social e política se integram com maior intensidade. Vem a Revolução de 1964.

A pressão governamental contra organismos como a UNE e o ISEB fez com que os jovens se reagrupassem em torno de experiências de integração literatura-música-teatro. Surgiram então espetáculos como ‘Opinião’ e ‘Liberdade, Liberdade’. Os jovens compositores burlando a censura e em alguns casos contando com a liberalidade do governo, aprofundaram suas ligações com a música de participação. João do Vale, um compositor de baião, e Zé Keti, que anteriormente já fora lançado para o grande público através de suas parcerias com Carlos Lira, apareceram cantando as reivindicações da intelectualidade de esquerda. São dessa fase as músicas ‘Plantar pra dividir’ e ‘Opinião’: *Mas plantar pra dividir / não faço mais isso não. / Podem me prender / podem me bater / que eu não mudo de opinião* (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.121).

Já a fórmula de sucesso dessa fase para a MPB é a trilogia “fome-seca-nordeste”, que segue acompanhando as mudanças que a música sofria. A Bossa Nova já não tinha mais tanta identificação com o momento atual do país.

Nos festivais de televisão, nota-se uma espécie de rebeldia por parte dos novos compositores, sempre com canções que transpareciam as preocupações políticas e sua interferência na vida social dos brasileiros. Gilberto Gil apresenta

“Ensaio Geral”; Caetano Veloso compõe “Um dia”. Gil, Caetano e Bethânia estrelam o show “Começa”; Torquato lança “Louvação”, e junto com Gilberto Gil vem a música “Vira Mundo”.

Na última página da reportagem, “Hoje: vida e amor do povo brasileiro”. Um dos exemplos dessa fase é Luiz Carlos Sá. Suas músicas são de protesto, lê filosofia e economia, não se conforma com a realidade que o cerca. A leitura também influenciou o compositor Geraldo Vandré, que passou a conhecer a realidade da fome nordestina lendo Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Jorge Amado. Compôs músicas com entonação de manifestos, como “Fica mal com Deus”.

Quase no final da reportagem, surge um artista citado pouco, mas que logo seria tema de outra edição da revista, pois seu nome até os dias atuais tem representatividade significativa na cultura musical brasileira: Chico Buarque de Holanda. Na impressão de Kalili: Chico faz música por necessidade, considera difícil a comunicação com os outros, prefere expressar-se por meio da música. Esta é a sua forma de diálogo.

O músico define alguns pontos fundamentais quanto ao trabalho artístico: 1) o compositor deve ser atuante, situado com o seu tempo; 2) volta às suas raízes, buscando algo que a Bossa Nova esqueceu lá trás; 3) não cria músicas de protesto intencional, é algo espontâneo, que traduz os problemas atuais. “A música de protesto intencional é vazia, chata, complexada, passiva, pois apenas se queixa” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.124); 4) considera-se subjetivo, objetivamente; 5) interpreta a vida de modo simples.

Kalili apresenta uma análise da música “A Banda”, de Chico Buarque de Holanda, comparando-o a Noel Rosa:

Através de uma visão de classe média compõe músicas de boa qualidade musical e poética. E nas músicas de Chico o lirismo é simples, e a participação sentimental nos versos descritivos desencadeiam associações imediatas em quem canta. Como na “Banda”: *O homem sério que contava dinheiro parou / o faroleiro que contava vantagens parou / a namorada que contava estrelas / parou para ver, ouvir e dar passagem* (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.124).

Além de apresentar um panorama dos artistas da moderna Música Popular Brasileira, que no cenário industrial rivalizavam com os artistas do iê-iê-iê, a

reportagem traz também um resumo dos cantores que fizeram grande sucesso nos festivais de televisão e teatro.

Alguns dos nomes citados como o “primeiro time” de intérpretes foram: Nara Leão: atuou no Show Opinião; Jair Rodrigues: gravou “Deixa isso pra lá” e “Disparada”, numa interpretação única, até os dias de hoje; MPB 4: grupo vocal formado por 4 jovens apontados pela crítica como “o mais representativo da nossa atual música popular...” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág.125); Zimbo Trio: conjunto instrumental composto por piano, bateria e contrabaixo, é o mais perfeito tecnicamente; Elis Regina: venceu o 1º Festival de Música Popular Brasileira, interpretando “Arrastão” e assinou contrato com a TV Record para apresentar o primeiro programa de MPB da televisão nacional.

Esta foi uma das edições da revista Realidade que mais levou ao público reportagens de cunho artístico, marcando sua influência na cultura brasileira. Além de música, tratou de literatura, sobre o escritor Erico Veríssimo; o teatro de Bertold Brecht; a figura feminina desvendada pela arte moderna, entre outras reportagens sobre economia, política, e o genial esportista Pelé.

Na edição seguinte (Realidade, Nº 09), o repórter Roberto Freire entrevista Chico Buarque de Holanda, que aos 23 anos já tinha premiação internacional pelas músicas do espetáculo “Morte e Vida Severina”, além do sucesso “A Banda”, que competiu em festival, transmitido pela TV, com “Disparada”, de Jair Rodrigues - ambos vencedores (MOTA, 2000, pág.112).

Chico foi apontado por Tom Jobim, após 03 anos fora do Brasil, como a grande novidade que ele havia encontrado aqui: “Chico”, e a “Bandamania”, como brinca o escritor Nelson Mota (2000, pág.129).

Foram 08 páginas de textos, fotos e mais uma página de publicidade nesta reportagem especial com Chico Buarque, sendo que a reportagem de Narciso Kalili teve 10 páginas distribuídas entre citações e apresentações de tantos outros artistas. Esta comparação evidencia a importância que Chico teve para o cenário musical e ao mesmo tempo levanta a questão de que na primeira reportagem nota-se um tom político fortemente marcado nas canções chamadas de participação ou nas canções de protesto. A ênfase nesta edição é que Chico prefere as letras mais poéticas, sentimentais.

De certa forma este fato traz uma dose de equilíbrio entre denominar os artistas que protestavam cantando, e outros, do mesmo círculo, que cantavam



poesia. Santaella (2002) define três territórios que se inter-relacionam no campo das formações sociais: o econômico, o político e o social. Embora seja uma fórmula simples, “serve para delinear o lugar ocupado pela cultura na sociedade” (SANTAELLA, 2002, pág.47). Os dois grupos se inspiravam no momento político do país para produzir sua arte, ou seja, para sua produção cultural.

O repórter conta os primeiros anos de Chico na faculdade de arquitetura, a formação do grupo “Sambafo”, com o qual se divertia nas apresentações universitárias, e como surgiram suas primeiras composições de sucesso. Retrata a simplicidade, o carisma e a forma do artista ver e sentir a vida, assim como suas viagens pela Europa, onde fez apresentações e diversas composições musicais. Uma das maiores alegrias para Chico Buarque, foi ler o artigo que Carlos Drumond de Andrade dedicou a ele. O repórter Roberto Freire conta que Drumond foi quem melhor entendeu o que Chico quis dizer com a Banda:

A mensagem de amor contida no poema não é, de fato, a do amor de um homem por uma mulher. O sentido de fraternidade, de união, pelo melhor, da esperança de que um dia a banda não passe, mas fique dentro de cada um e unindo todos para que não haja mais injustiça, tristeza, discriminação e venha a paz, tudo isso Drumond viu na obra de Chico (REVISTA REALIDADE, edição Nº 09, 1966, pág.76).

Até aquele momento, Chico Buarque havia passado uma única vez por censura, que proibiu o samba “Tamandaré”, mas, posteriormente, e assim como outros artistas, também foi “convidado” a deixar o país, passando longe uma longa temporada. Com a imposição do AI-5, representantes das autoridades públicas chegaram a selecionar o que o povo brasileiro poderia ou não ouvir nas rádios, assistir nos cinemas e na televisão, e suas leituras, o que provocou revolta, medo e tristeza, tanto no público como nos próprios artistas.

No Brasil, final dos anos 1960, a juventude se espelhava em movimentos musicais como o Rock na Inglaterra e nos Estados Unidos, que influenciava seu comportamento, tanto na sociedade como no mercado consumidor. Os jovens queriam produzir e consumir sua própria música. Desejavam ansiosamente por seus ídolos nacionais; este impulso fez surgir novos compositores e intérpretes que conquistaram não apenas uma geração, mas todo um país, e até mesmo com sucesso no exterior, por tempo que perdura até a atualidade.

Com o exemplo citado neste estudo, é possível notar a visão assertiva da revista Realidade tanto no seu teor comercial, sendo produto editorial, como na competência com que valorizou os artistas daquela época, dando destaque a nomes que sobreviveram e se imortalizaram na história artística do país. Anos depois estes mesmos artistas sofreram com o exílio, tiveram composições cassadas, sofreram diversos tipos de perseguições. Mas com a abertura política vinda anos após muitas negociações e exigências do povo, estes mesmos artistas voltaram a brilhar nos palcos nacionais, nas rádios e programas de TV, demonstrando que Realidade estava certa em lhes dar o crédito de novos donos do samba.

Como análise para o capítulo II, a revista Realidade fornece um vasto material de pesquisa, que poderia constar aqui, porém, optou-se por sintetizar em algumas partes, apenas, por expressarem o que entendemos como representação da sociedade e da cultura dos brasileiros, no anos 1966 e 1967.

No capítulo seguinte, a análise das cartas dos leitores, liga o público leitor com as reportagens apresentadas, fechando o ciclo do produto editorial que é oferecer ao público matérias e reportagens de interesse geral e receber dele sua resposta, seja ela favorável ou contrária ao posicionamento da revista.

### CAPÍTULO III

### 3. OS LEITORES DA REVISTA REALIDADE

O público da revista Realidade é um elemento ativo no processo de análise do discurso que se desenvolveu nesse trabalho. Por meio das cartas dos leitores foi possível notar suas preferências pelos temas abordados na revista, como religião, política, questões de comportamento, família e outros de interesse da sociedade.

Para este capítulo, que se dedica a conhecer a opinião dos leitores expressas por meio de cartas enviadas à redação da revista Realidade, foi elaborada uma planilha, detalhada mais adiante (Apêndice E), com o conteúdo exato da seção de cartas do leitor. Algumas das reportagens citadas por eles foram aqui, ou nos capítulos anteriores, analisadas criando um cruzamento de informações entre a opinião dos leitores participantes da seção e das ideias lançadas pela revista por meio dos seus repórteres ou mesmo por seus editores, tanto na parte do editorial como nas respostas publicadas aos leitores, autores das cartas. A referida planilha consta no Apêndice E, assim como um quadro de porcentagens referentes a essa seção, no Apêndice F.



Seção de cartas do leitor – Revista Realidade, edição Nº 14, 1967

Numa análise do discurso dos trechos selecionados, levou-se em conta os elementos do Mapa das Mediações, de Martin-Barbero, assim como as considerações de Brandão, estudiosa da linha francesa, inspirada em Pêcheux, que ressalta a importância dos elementos extralinguísticos, do contexto e dos fatores da produção do sentido que se dá a um discurso, como visto aqui, além de Foucault, na mesma linha vista no capítulo II.

Na comunicação social, Martin-Barbero (2003) considera que as experiências particulares dos leitores interferem no seu modo de perceberem aquilo que chegam a eles. A vivência individual e os conteúdos culturais são os responsáveis, então, pelo repertório de cada indivíduo que o fará compreender uma mensagem de forma peculiar. Veremos adiante alguns exemplos, extraídos da Realidade.

Ao apresentar sua teoria quanto ao processo identitário, Martin-Barbero (2003) explica que ele se baseia na aceitação do receptor – ele aceita o que o agrada, pois se identifica com aquilo, da mesma forma rejeita o estranho quando não se identifica. Este aspecto se vincula à socialidade, ou sociabilidade, um dos traços da Matriz Cultural, proposta por Martin-Barbero (2003, pág.16). Outros elementos que compõem o Mapa das Mediações, de Martin-Barbero, são comentados por Ronsini:

A socialidade diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. Ela conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. A ritualidade se refere aos diferentes usos sociais dos meios e aos diferentes trajetos de leitura. Esses últimos são estreitamente associados à qualidade de educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual. A institucionalidade está relacionada aos meios empregados para a publicação de discursos públicos com a finalidade de atender às lógicas dos interesses provados. Por fim, a tecnicidade nos remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. (RONSINI, 2010, pág. 09).

Como visto, os elementos são intercalados, um influenciando o outro. A socialidade, por exemplo, se refere ao cotidiano, carga cultural que determina o modo de ser e, portanto, a identidade do sujeito leitor. É possível notar os traços da socialidade do leitor em suas palavras expressas em cartas. Cada um adota um discurso conforme seu conhecimento de mundo, sua vivência pessoal, e em alguns casos vemos o contraste social entre moradores de periferia reclamando da dificuldade de estudo em escolas públicas e em outros casos vemos membros do

alto escalão governamental comentando algo sobre a revista. Tanto pessoas com formação acadêmica e aquelas sem tanto estudo, participam de um mesmo processo de comunicação social que tem por ponto comum a leitura da revista Realidade, cada qual com a sua experiência peculiar de recepção.

Brandão (2012) coloca a importância dos aspectos extralinguísticos para uma análise de discurso que procure compreender o sentido da comunicação, considerando os elementos também citados por Martin-Barbero, embora ele o faça com foco no processo de comunicação e Brandão com foco na linguagem utilizada na produção de um discurso. Ambos consideram a experiência de vida, ou mundo, como elementos que contribuem para o seu discurso:

...(a análise do discurso de linha francesa) leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade (BRANDÃO, 2012, pág. 21)

Nas cartas dos leitores da revista Realidade é possível perceber o lado mais conservador de alguns e a aceitação de outros, como em certos casos de tabus que receberam palavras de apoio de um grupo de leitores e crítica de outros. Nesse ponto está a questão do contexto histórico e sociocultural dos leitores influenciando o sentido das palavras expressas por meio das cartas dos leitores:

Ao partir do pressuposto teórico de que num ato de linguagem o interior linguístico está permeado pelas condições exteriores, uma série de consequências se delineiam, como: considerar a não literalidade das palavras (a palavra é ambígua, atravessada pela polissemia), o sentido se forma levando em conta os contextos, um sujeito histórico produz a linguagem interagindo com outro sujeito, a linguagem é constitutivamente heterogênea (BRANDÃO, 2012, pág. 21).

Um exemplo da questão da ambiguidade das palavras e suas consequências, consta no capítulo anterior onde a revista Realidade é considerada “obscena” e no seu discurso de defesa seus editores abrem uma discussão sobre o sentido empregado pela palavra e confrontam o poder público defendendo-se com as suas reportagens, na tentativa de mostrar que ela não era obscena.

Um ponto de vista seria o linguístico (dicionarizado) e o outro seria o ponto de vista discursivo. Brandão (2012, pág.25) mais uma vez ressalta a importância de se

levar em conta os aspectos extralinguísticos “(condições sociopolíticas e ideológicas) em que o termo está sendo empregado no contexto atual”.

O jogo de palavras pode influenciar a opinião do leitor, porém o leitor mais atento pode ser capaz de distinguir a artimanha desse uso linguístico:

Uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes de acordo com a formação discursiva e ideológica em que se inscreve; é necessário estar atento ao jogo polissêmico que mascara sob a aparência do mesmo o outro sentido, ou os sentidos indesejados (BRANDÃO, 2012, pág. 23).

No caso da acusação de que a revista era obscena, não houve exatamente um jogo de palavras ambíguas, mas no sentido de se interpretar a ação da revista, talvez numa tentativa de se difamar a revista. Quem tinha razão? Pontos de vista conflitantes dividiam a opinião dos leitores, levando-os a apoiarem ou desaprovarem a revista, onde na seção de cartas do leitor abria-se espaço para o debate sobre essa e tantas outras questões polêmicas. A interação se dá entre editores e leitores e com leitores entre si, como se nota nos exemplos em que um comenta a opinião do outro, tornando-se ambos interlocutores:

É nesse campo que se dão as trocas, a passional e a axiológica: o escritor-destinador tem sempre algo a dizer e o leitor destinatário tem sempre algum interesse, ainda que potencial, na leitura da carta. Esse interesse é regulado pelos valores cognitivos, pragmáticos e especialmente afetivos que o campo comunicacional construído pela revista põe em causa. Podemos ver, dessa maneira, que a carta só tem sentido se for escrita em função de um outro, de um leitor pressuposto. Mais uma vez tal tipo de interação parece-nos concretizar um ato de comunicação humana e seu modo de produção de sentido, já que evidencia, no próprio ato da escrita da carta, alguns dos seus elementos processuais, textualizando-os nos vocativos comumente empregados, que estabelecem uma espécie de presença “real” (MENDES E SCHWARTZMANN, s/d).

As cartas dos leitores representam trocas de opiniões entre o veículo e o leitor, enunciadores e enunciatários. Geralmente organizadas em seções específicas em jornais e revistas, publicadas num espaço reservado a essa correspondência. Mendes e Schwartzmann entendem esse tipo de comunicação entre sujeitos interligados por meio da escrita como uma forma de expressão. Tanto o editorial de um produto impresso, como a seção de cartas do leitor, representa um ponto importante no processo de interação entre ambos:

A carta, no seu mais amplo sentido, embora detentora de uma forma de expressão relativamente estável (uso da escrita, datação, abertura e fechamento), que poderíamos chamar de canônica, é um tipo de texto bastante maleável e articulável, pois jamais assume uma configuração totalmente fixa e única. Podemos dizer ainda que, independentemente de sua finalidade ou intencionalidade, esse objeto de comunicação é, com muita frequência e justamente por conta de sua natureza “imprecisa”, tratado das mais diversas maneiras: para alguns seria um mero documento, testemunho de uma realidade histórica, política, econômica ou literária, e para outros, portador de um repertório íntimo, confessional, sentimental, e passional (MENDES E SCHWARTZMANN, s/d).

Segundo Braga, o leitor utiliza a carta como um meio de comunicação com o veículo de imprensa, onde fala com ele, nele e sobre ele:

As cartas dos leitores parecem ser o elemento de maior interatividade estrita nos jornais. Talvez por essa razão grandes esperanças foram-lhes tradicionalmente atribuídas, pois representariam o próprio debate público, elemento de verificação e reação da sociedade sobre a ação dos jornais, um verdadeiro setor de ‘esfera pública’ (BRAGA, 2006, pág. 133).

Apesar disso, Braga (2006) salienta que não se confirma a esperança de um debate produtivo, com relevância e significado. Segundo sua argumentação, as cartas recebidas (seja por um jornal ou revista), podem ter um número bem elevado em relação ao que é publicado como amostra. O critério de seleção é sempre uma incógnita, o conteúdo pode não interessar por ser aleatório aos objetivos da publicação. Por esse motivo, uma pesquisa sobre cartas dos leitores fica restrita ao que foi publicado, conforme seleção da revista, ou seja, seus critérios de controle.

### **3.1 Análise da Seção de Cartas dos Leitores**

Para análise da seção de cartas dos leitores da revista Realidade, o primeiro passo foi elaborar uma grande planilha, que encontra-se no Apêndice, contendo na primeira coluna o assunto do trecho da carta; na segunda coluna o comentário do leitor, na íntegra, assim como selecionado para publicação na revista; na terceira coluna o nome do leitor, cidade e estado, e em alguns casos alguma referência que o identificasse, como título, profissão ou cargo; na quarta coluna uma classificação entre comentário favorável (F), comentário não favorável (NF) ou comentário indiferente (CI), quando tratava-se de algo que o leitor apenas citava mas sem

criticar ou elogiar a revista; na quinta e última coluna, as respostas dadas pelos editores para seus leitores.

Com a planilha devidamente elaborada, foi feita a soma dos grupos de comentários, que possibilitou perceber algumas semelhanças para todas as edições: o número de comentários favoráveis era sempre maior do que os contrários não favoráveis ou indiferentes; havia um agrupamento de temas para os quais os editores davam um título, alguns deles eram o próprio título da reportagem citada, por exemplo: “A juventude diante do sexo” ou “Sou padre, quero me casar”. Outras eram a palavra-chave do assunto, como “Prêmio Esso”. Em alguns casos específicos usou-se uma citação do próprio comentário do leitor: “Piauí: não li e não gostei”.

<b>Edição</b>	<b>Total de Comentários</b>	<b>Favoráveis (F)</b>	<b>Não Favoráveis (NF)</b>	<b>Comentários Indiferentes (CI)</b>
7	34	70,58%	23,52	5,9%
8	28	71%	22%	7%
9	13	53,8%	46,2%	0
10	22	59%	32%	9%
11	20	90%	10%	0
12	25	80%	16%	4%
13	10	100%	0	0
14	24	75%	20,8%	4,2%
15	33	63,7%	33,3%	3%
16	28	57%	29%	14%
17	34	68%	23%	9%
18	19	84,2%	10,5%	5,3%

*Porcentagens referentes aos trechos de cartas reproduzidos na revista Realidade, entre as edições Nº07 e Nº18 (setembro de 1966 a outubro de 1967)*

As cartas que chegavam à redação da revista eram lidas pelas secretárias que encaminhavam, divididas por assuntos, ao secretário de redação, Woile Guimarães, e ao redator-chefe, Paulo Patarra, e juntos decidiam e selecionavam quais cartas teriam algum trecho publicado e quais seriam eles. Moraes (2006, pág. 86) entrevistou estes profissionais, atuantes na revista naquela época, que confirmaram o recebimento aproximado de 200 cartas por mês. Dessas, entre 15 e 20, em média, eram selecionadas para ter seus trechos publicados. Uma forma de



disciplinar seus leitores, era publicar trechos que continham assuntos diretamente voltados à revista e às suas reportagens. Dessa forma recebiam-se cada vez mais cartas com estes comentários específicos, o que vinha a "acrescentar reflexões à linha editorial da revista" (MORAES, 2006, pág. 88).

O ponto central dessa análise busca o comportamento do leitor por base na publicação feita pela revista Realidade. O teor dos comentários publicados nos permite perceber certo perfil de comportamento, o que representa a cultura da sociedade daquela época, foco dessa pesquisa.

No total foram analisados 289 comentários dos leitores, 71,28% favoráveis (F), 23,19% não favoráveis (NF) e 5,53% comentários indiferentes ou com outros assuntos (CI). As edições com maior número de comentários foram: 07; 17 e 15, respectivamente com 34, 34 e 33 trechos de cartas publicadas, sendo as edições com menor número: 13 e 09, com 10 e 12 comentários de leitores. As edições Nº 09; 11 e 13 foram as únicas em que todos os comentários foram favoráveis ou não favoráveis. A edição Nº 13 foi a única que não teve comentário algum desfavorável ou indiferente à revista, ou seja, teve 100% de comentários favoráveis. Foram apresentadas aproximadamente 10% de respostas publicadas aos leitores por parte dos editores da revista.

A reportagem mais comentada foi "A juventude diante do sexo", com quase 10% das citações, sendo que ela se deu na edição nº 05 e seu último comentário visto foi na edição nº 09. O assunto mais comentado foi a apreensão da edição Nº 10, que teve 10,38% dos comentários de leitores analisados neste estudo, entre elogios e críticas, sendo que o último deles foi encontrado na edição Nº 17, ainda se referindo à apreensão da edição Nº 10.

A seguir, a síntese elaborada a partir da análise das 12 edições selecionadas para esse estudo. Os detalhes e os trechos na íntegra, assim como publicados na revista, constam no Apêndice.

Das cartas recebidas pela redação da revista, na edição Nº 07, 34 delas tiveram um trecho publicado, sendo 70,58% favoráveis, 23,52% não favoráveis e 5,9% indiferentes, ou seja, comentários que não apoiavam e nem criticavam a revista. Um deles chama atenção dos diretores sobre o fato de jornalistas entregarem exemplares para garotos que faziam a venda fora da banca por um preço exorbitante; o valor de capa na época era de Cr\$800 (oitocentos cruzeiros),

mas alguns jornalheiros cobravam até Cr\$2.000,00 (dois mi cruzeiros) o exemplar. Em 1966, um dólar valia Cr\$2.200,00 (MARÃO e RIBEIRO, 2010, pág. 39).

Ainda na edição Nº 07, um leitor contesta a opinião de outra leitora sobre apoiar o modelo de casamento experimental por dois anos. Ele afirma respeitar a ideia, mas a considera “revoltante”. Dos 34 trechos de cartas dos leitores, 53% faziam referência à reportagem “A juventude diante do sexo”, que divulgou na edição Nº 05 a primeira parte de uma pesquisa feita com jovens brasileiros, buscando saber sobre seu comportamento diante do sexo, porém, teve sua segunda parte proibida, pelo Juiz de Menores da Guanabara, de ser publicada na edição seguinte. Desses, foram 27,7% comentários com críticas à reportagem, contra 72,3% comentários de leitores a favor da revista e da continuidade da divulgação dos resultados da pesquisa feita com os jovens.

Outros 04 trechos de carta dos leitores abordam a reportagem “O padre e o casamento”, que relatava a história de Stephen Nash, um padre americano que aborda a questão do celibato sacerdotal, declarando seu desejo em se casar. Trata-se de um artigo publicado numa revista americana que provocou diversos comentários de leitores, por mais de uma edição, sendo 25% criticando o tema e 75% apoiando o tema em questão.

A fotografia é, por duas vezes, citada pelos leitores da revista Realidade na edição Nº 07. Uma faz referência ao trabalho do fotógrafo americano David Zingg, e o outro comenta o realismo da foto de capa da edição de setembro (Nº 06) que mostra o detalhe de uma lagrima no rosto de uma pessoa. A imagem impressionou uma garotinha que foi “flagrada” pelo leitor tentando “enxugar” o tal rosto. O ator Paulo Autran, elogia e agradece a reportagem feita com ele, ressaltando que Realidade traz “contribuição à melhoria do nível cultural e artístico do nosso país” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 07, 1966, pág. 08,).

Na edição Nº 08, são publicados trechos de 28 cartas de leitores. Um dos comentários indiferentes à revista trata da opinião de um leitor sobre o catolicismo e o comportamento que ele espera dos católicos. Um outro leitor corrige a informação de uma reportagem anterior. Dois parabenizam o recebimento do Prêmio Esso. Um leitor de São Paulo desconfia da tiragem, pois considera que 485 mil exemplares seja muita coisa para uma revista tão nova, e indaga: “Será que vende tudo isso”? (REVISTA REALIDADE, edição Nº 08, 1966, pág. 06).

São publicados 05 trechos de cartas de leitores do exterior, em países como Canadá, Suécia e Estados Unidos. Os assuntos de maior interesse do público, segundo seção de cartas do leitor, foram a reportagem “Sou padre e quero me casar”, voltando ao caso do padre que faz tal declaração. Das 28 cartas, 17,85% se referem a ela, e outras 32% continuam citando a reportagem da edição Nº 05, “A juventude diante do sexo”, com apenas 02 leitores contrários ao tema.

Na edição de dezembro de 1966, que foi a de Nº 09, surge uma primeira diferença no modo de publicação, sendo apenas contrários e favoráveis (respectivamente 46,2% e 53,8%). Dentre eles, 03 fazem referência à reportagem “Atenção: está nascendo um líder”, 02 sobre catolicismo e um sobre brasileiros naturalizados. Os dois únicos comentários sobre a reportagem “Indinho brinca de índio” foram contrários à revista e como resposta à uma delas, os diretores publicam na edição atual (Nº 09) mais uma reportagem sobre os irmãos Vilas Boas e seu trabalho no Parque Nacional do Xingu, provavelmente numa tentativa de continuar mostrando aos leitores que apesar dos males causados pelo contato com o homem branco, existiam esforços para sua preservação. Por fim, a revista publica a carta do Juiz de Menores da Guanabara, que recebeu diversas manifestações dos leitores da revista Realidade, também por carta, em protesto contra a proibição da continuidade da reportagem “A juventude diante do sexo”, e alega que ele recebeu, da mesma forma, inúmeras cartas lhe prestando apoio pela decisão tomada.

O que a edição de Nº 10 publica por opinião dos leitores, soma 22 cartas, sendo 59% favoráveis. Comentários contrários, ou críticas, representam 32%. Se referiam, entre outros, à reportagem “Deus está morrendo” e “São Paulo precisa parar”, que também teve um comentário a favor. Essa edição teve por ponto de diferença das demais o fato de que nela seus diretores publicaram o maior número de respostas aos leitores. Do total de 22 cartas com seus comentários publicados, 36% tiveram respostas também publicadas, sendo destes, 50% dos leitores favoráveis à revista, 25% desfavoráveis e 25% indiferentes; um dos leitores solicitava o nome de um artigo e outro solicitava capas especiais de encadernação.

Dos contrários, uma sobre desquite e divórcio e outra sobre a reportagem do padre que gostaria de se casar e ainda sobre a juventude diante do sexo, ou seja, os próprios leitores continuavam a citar temas polêmicos publicados em edições anteriores. O primeiro trecho de carta publicado citava um jornal, da cidade de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais, que trazia aos seus leitores duras críticas contra a

revista Realidade, chegando a acusar a revista de ter interesse “em desagregar as fibras morais mais autênticas do nosso povo”. O leitor mineiro que encontrou esta afirmação solicita aos demais leitores de Realidade que não aceitem tal “difamação”, pois a revista, na opinião dele “visa esclarecer os brasileiros sobre problemas jamais abordados por outras publicações” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 10, 1967, pág.06).

Apesar do aviso, por parte do Juizado de Menores, quanto ao tema “sexo” focado na juventude brasileira, o assunto foi amplamente abordado na edição Nº 10. Como visto no capítulo II, a revista não chegou a ser totalmente distribuída, alguns exemplares circularam nas bancas por apenas algumas horas, em São Paulo, e logo depois também foi apreendida por decisão do Juiz de Menores da Guanabara, em toda cidade do Rio de Janeiro, assim como na gráfica, impedindo sua distribuição pelo país. O fato se tornou assunto por mais algumas edições, com o comentário de leitores a favor e contra a revista. Na edição Nº 11, foram publicados 20 trechos de cartas, 10% contrários e 90% a favor da revista, todos tratando da apreensão do número anterior de Realidade.

A edição Nº 12 traz 25 trechos de cartas, sendo 80% comentários favoráveis, 16% não favoráveis e 4% tratando de outros assuntos que se dividem por temas como a escola do futuro; computadores; preconceitos; história de vida de uma moça com câncer; educação sexual e fé, abordando a existência de Deus, outro tema polêmico que também foi citado por leitores nas edições seguintes.

A edição Nº 13 tem o menor número de cartas dos leitores, sendo apenas 10 trechos publicados. Outro ponto de observação é que todos foram favoráveis, 03 sobre a reportagem “Quem era o homem Jesus”; 02 sobre ensino vocacional, um frei que fala sobre a renovação da igreja católica; 03 sobre a reportagem “Magarefes: eles vivem de matar”, esta com uma importante colocação de um leitor de São Paulo quanto à participação de crianças no processo de abate dos bois em uma demonstração desumana no cuidado com os animais: “Apreendem uma edição de Realidade sob o pretexto de que é ‘obscena’ e inadequada para menores, mas permitem que crianças de 12 anos participem dessas matanças” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 13, 1967, pág. 06).

“Quem era o homem Jesus” continuou gerando comentários de leitores na edição Nº 14, sendo dois a favor e dois contrários. “O Piauí existe” teve também dois a favor e dois contrários. Dos 24 trechos de cartas publicados, 75% traziam elogios

à revista, em especial nesta edição com 68% de textos apresentando suas congratulações pelo primeiro ano de aniversário da revista. A reportagem “Café em debate” teve dois comentários, um favorável e outro não favorável. Essa foi uma das edições que teve uma resposta dos editores, reproduzida a seguir:

A reportagem “O Piauí existe” provocou uma onda de manifestações. Tanto de apoio quanto de protesto. Sendo que estes não partiram dos que não compreenderam o tom emotivo, humano e participante com que o repórter Carlos Azevedo manifestou a ternura com que viu e sentiu os problemas e as peculiaridades do Piauí. Mas felizmente a maioria sentiu que a matéria inteira é uma tomada de posição em defesa do homem e da terra piauiense (REVISTA REALIDADE, edição nº 14, 1967, pág.04).

A edição Nº 15 teve um dos maiores números de citações das cartas dos leitores: 33 ao total, sendo 63,7% de comentários favoráveis, 33,3% de críticas ou comentários não favoráveis e apenas 3% deles tratando de outros assuntos ou comentários indiferentes, como no caso em que o leitor comenta o peso dos leopardos, em referência a reportagem da edição anterior.

O enfoque dessa seção foram os tóxicos, incluindo uma crítica feita pela revista sobre o livro do cantor Roberto Carlos, como na reportagem que mostra a situação de um viciado em drogas. A ligação entre dois temas aparentemente tão distintos é que o movimento musical do “ie-ie-ie”, liderado pelo cantor, era considerado por muitos como um incentivador aos jovens para o uso das drogas.

A direção intitulou como “Pró-americanista, pró-cultura” o comentário de 04 leitores, sendo 02 favoráveis e 02 contrários, citando, ainda, a edição apreendida, Nº 10 e outros tópicos de cultura, no geral. Um deles expressa a contribuição da revista para a sociedade:

Antes do surgimento de Realidade, notava-se que as demais revistas chegavam a menosprezar o público brasileiro, público este ávido por cultura. Depois de Realidade, porém, as coisas mudaram. É para nós grande satisfação cumprimentar a todos vocês da revista, que estão contribuindo para o desenvolvimento sociocultural do povo brasileiro (REVISTA REALIDADE, edição Nº 15, 1967, pág.08).

A reportagem “O Piauí existe” continuou citada, e com palavras de impacto por parte dos seus leitores. É o que se nota quando um deles diz: “Temos certeza que o repórter errou o alvo” ou “O povo foi injuriado e exige uma retratação”; “Amontoado de inverdades”. Por outro lado alguns leitores a consideraram “palpitante, comovedora, realista”.

Na edição seguinte, Nº 16, dos 28 comentários totais, 57% dos leitores foram favoráveis à revista, 05 deles voltaram a comentar a reportagem sobre vícios, com 04 comentários favoráveis à publicação e 01 contrário, este criticando o uso de gírias no texto, pois como ele não era usuário de drogas precisaria de uma “legenda” para compreender melhor a redação do repórter. A reportagem sobre parto teve 05 comentários, sendo dois contrários e 03 favoráveis. O vinho foi tema de uma única reportagem nas 12 edições analisadas neste estudo, a de Nº 14, e teve na edição Nº 16 apenas 01 comentário de leitor criticando a reportagem, além de mais 04 favoráveis.

Os comentários publicados na edição Nº 17 somam 34 trechos de cartas publicadas, também um dos maiores números de citações na referida seção. Desses, 68% foram favoráveis, 23% críticas e 9% assuntos indiferentes ao posicionamento da revista. Os magarefes, em reportagem da edição Nº 12 tiveram referência da Associação de Amparo aos Animais dando suas explicações sobre as barbaridades cometidas no abate dos bois no país. Outro destaque é o comentário dos leitores expressando sua opinião, em que citam o fato da revista abordar tabus como educação sexual e racismo no Brasil.

Na edição Nº 18, última da série analisada nesse estudo, foram 19 comentários de leitores que tiveram trechos de suas cartas publicados, com 84,2% favoráveis à revista, 10,50% não favoráveis e 5,30% de outros comentários ou assuntos diversos. As críticas citavam a influência americana à qual o leitor acredita que Realidade se submete e a pesquisa elaborada pela revista para a edição especial sobre a juventude brasileira, na qual o leitor contesta a veracidade dos resultados e a forma como o questionário foi elaborado.

Como característica peculiar dessa edição, todos os comentários vieram dos jovens leitores, em resposta à solicitação que os editores da revista fizeram para que a juventude expressasse sua opinião sobre o país, suas expectativas de estudo, trabalho, família e outros temas abordados nas reportagens nela contida. Alguns “títulos” para tais trechos de cartas publicadas eram: “Queremos compreensão e

auxílio”; “Sexo, um problema”; “Esta juventude tem consciência” e por último: “Gregos e Troianos”, em que alguns jovens leitores diziam acreditar na influência americana sobre a revista Realidade, em contrapartida com os elogios de outros que afirmavam os benefícios culturais que Realidade trazia, um deles em particular relata:

Estou no 2º científico. Antes do mês de junho do ano passado eu era o pior aluno em português, em particular no que se refere às redações. Porém, depois que comecei a ler Realidade, comecei a melhorar em tudo. As minhas redações ficavam melhores, mais completas, com assuntos mais desenvolvidos e os meus erros de grafia diminuía constantemente. Mais para o fim do ano consegui um ‘ótimo’ em redação. Tudo isso devo à Realidade (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.07).

Um comentário que reflete a opinião de uma jovem sobre a educação sexual no Brasil, ou uma consequência da falta dela, está nas palavras da leitora, de 22 anos, que aconselha não darem ouvidos às críticas quando dizem que “a revista tem cunho impudico”. Ela conclui que “Se há tão grande número de mães solteiras aqui, é por falta de educação sexual”. E sugere: “Continuem esclarecendo e educando o povo, porque é disso que o Brasil precisa” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.05).

### **3.2 Cartas dos Leitores - Edição Especial Nº 10**

As reportagens que, possivelmente, mais incomodaram a ala da sociedade moralista, conforme as cartas dos leitores, foram a entrevista com a atriz Ítala Nandi, de 24 anos, que defendia o liberalismo da mulher e sua independência e o depoimento de uma moça, de 20 anos, que foi mãe solteira e não demonstrava nenhum constrangimento ou vergonha por isso.

Dois grandes tabus para a época e que nas entrevistas colocam em exposição o que essas pessoas, diretamente envolvidas nos temas, tinham a dizer como retrato da própria realidade de vida no Brasil. Aqui relacionam-se as instituições moralistas, os políticos, a igreja e a família, entre outros poderes.

Foucault (2010) associa poder e sexo enfatizando que a repressão faz com que o sexo seja ainda mais instigante, por questão de deliberada transgressão ao poder:

Existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar de benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega esta linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 2010, pág.12).

No caso da entrevista com a atriz Ítala Nandi, ela é a locutora beneficiada pelo discurso que aborda suas verdades sobre sexo, e dessa forma desafia poderes institucionais com as suas opiniões pessoais. O entrevistador deixa a entrevistada a vontade para contar suas experiências e lembranças, com isso permite acontecer o que Foucault (2009) chama de “consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pense em contribuir” (FOUCAULT, 2009, pág.13).

Frases como “Quem tem força para perguntar por quê? Quem tem coragem de escolher”?; ou “Sou mãe solteira e me orgulho disso”, demonstram um enfrentamento ao poder de uma sociedade moralista<sup>15</sup>. Nos temas das entrevistas consideradas aqui como sendo o ápice do incômodo que levou à cassação, o sexo e a sexualidade eram os temas centrais tendo por pano de fundo a moralidade.

Foucault (2009, pág.229) define o sexo como o núcleo da verdade humana: “O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir da nossa espécie, da nossa verdade de sujeito humano”. E explica: “O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso” (FOUCAULT, 2009, pág.230). Para o autor, as proibições ainda existem e são fortes em torno do sexo e da sexualidade. Apesar das vigilâncias e proibições, o tempo todo este tema está presente em tudo. “São sempre interditos que são enfatizados” (FOUCAULT, 2009, pág.230).

---

<sup>15</sup> O temo é usado aqui de forma livre em relação ao seu concreto significado levando-se em conta que ele também era citado na revista Realidade, como visto nas cartas dos leitores. Consideramos que em tempos de mudanças sociais e culturais há um estranhamento ao novo, especialmente em relação ao comportamento e ao liberalismo sexual que se intensificava naquela época. Algumas pessoas tinham mais facilidade em lidar com estas “modernidades” do que outros, os então considerados “moralistas”. O autor Zuenir Ventura traz estas explicações no livro 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1988.



No discurso da entrevista em que uma mulher – que não quis se identificar para preservação da identidade de sua filha – se diz orgulhosa por ter assumido sua maternidade mesmo sendo solteira, ela desafia a sociedade, porém, não se colocando como um exemplo a seguir e sim por sua coragem de não ter cometido o aborto e de ter recusado um casamento por outro motivo que não fosse o amor do namorado por ela mesma.



*A identidade foi omitida para proteção pessoal, mas ela fez questão de expor suas ideias e atitudes – com orgulho. Revista Realidade, edição Nº 10, janeiro, 1967*

A mãe solteira conta que, quando conversou com o pai da sua filha, ainda nos primeiros momentos em que soube da gravidez, perguntou se ele queria se casar devido ao bebê e ele confirmou que sim. Ela o amava, mas preferiu não ficar com ele e se dedicar somente ao seu bebê. O pai se afastou e ficaram apenas amigos para o bem da filha, provavelmente numa atitude de coragem e de muita força para uma jovem de 20 anos, mas que recebeu o apoio da família para seguir em frente da forma decidida por ela. Esta atitude foi motivo do comentário de uma das cartas de leitores, no caso uma moça casada, com filhos, que mesmo sendo de religião cristã, apoia a mãe solteira. Este fato não a faria tomar uma atitude igual, por sua conduta ser diferente, mas ela demonstra respeito e admiração, indícios de uma representação – ainda que minoritária – de uma sociedade capaz de conviver em harmonia e indulgência.

Como exemplo do visto anteriormente, o leitor da revista Realidade manifestou sua opinião em resposta ao ato de censura que apreendeu a edição Nº 10. Alguns

leitores enviaram à Redação cartas com palavras diversificadas, tanto de apoio como contrárias.

O número total de cartas recebidas na redação foi indefinido, mas o editor publicou 02 opiniões contrárias e 18 a favor. Esta era a média de publicações de cartas dos leitores, na mesma linha, apresentando opiniões diversas. Seguem resumidamente os relatos encontrados na edição Nº 11 entre as páginas 10 e 14 (os trechos na íntegra encontram-se no Apêndice):

- A revista Realidade está semeando a prostituição; o povo saberá separar o joio do trigo.
- Estão vendendo pornografia.
- O “meio conhecimento” em educação sexual é o perigo. Leio a revista Realidade com os meus filhos.
- Incentivo para que a revista Realidade continue abordando qualquer assunto.
- Estabelecer o diálogo é importantíssimo na educação sexual da juventude.
- A revista Realidade vem despertar o pensamento dos brasileiros, avanço considerável dentro da estrutura arcaica em que vivemos.
- Homens que consideram a maneira como vieram ao mundo coisa obscena, não devem sentir respeito por nenhuma mulher.
- A campanha que ora se faz contra essa revista não tem sentido, o que ela nos conta é apenas a realidade.
- Pessoas ignorantes e preguiçosas são as que criticam a revista Realidade, pois se quer a leem ou não a entendem.
- Antes o Juizado de Menores tentasse recolher os “livrinhos obscenos” que circulam por aí.
- Será que a verdade ofendeu aos falsos moralistas?
- Quem é mais digna: a mulher que faz de tudo para criar seu filho ou a que o abandona para manter as aparências?
- Onde está o raciocínio equilibrado ?
- A mãe solteira e a atriz agiram como sentiam que deviam agir. Nem por isso vou fazer a mesma coisa. Precisamos de indulgência para progredir.
- Renovamos nosso protesto diante de atitude tão falsa e hipócrita das autoridades que presidiram tal ato.
- Lamentamos as arbitrariedades que vem se realizando quase sem chances de reação.
- Se existem pessoas de mentalidade tão atrasada, elas em absoluto não representam a maioria.
- Voto de solidariedade da Associação Brasileira de Agências de Propaganda de São Paulo.

- Tudo o que é realidade deve ser exposto e discutido.
- A foto tirada do pai pela primeira vez carregando o seu filhinho é de uma força de expressão formidável.

Em algumas edições seguintes o assunto sexualidade e educação sexual voltaram às páginas da Realidade, sempre causando a manifestação de seus leitores. E ainda se encontram comentários a respeito da edição 10 mesmo em cartas do leitor nas edições posteriores. Um exemplo está na edição de agosto, na seção de cartas do leitor, onde um deles, por nome Franco Cristaldi, de Olinda, PE, deixa o seguinte depoimento, retomando a edição Nº 10:

Sr. Diretor: Até hoje REALIDADE teve hombridade suficiente para enfrentar o tabu do sexo. Depois que virem a obra cultural que REALIDADE divulga, todos os seus acusadores se arrependerão. (Revista Realidade, Seção Cartas do Leitor, edição Nº 17, 1967, pág.7).

De forma semelhante, foram as palavras da leitora Yoni Melinori, de São Paulo:

Sr. Diretor: Uma revista que nos orienta sobre como educar a criança sexualmente e que nos mostra a realidade da vida com tanta educação e sem a menor malícia, é tirada de circulação (n. 10 de Realidade). Não compreendo. Deve ser interesse de que o gigante continue para sempre adormecido e deitado em berço esplêndido (Revista Realidade, Seção Cartas do Leitor, edição Nº 17, 1967, pág.7).

Além dos comentários sobre a edição Nº 10, publicadas na edição Nº 11, outras reportagens também tiveram destaque ou nos chamam atenção.

O primeiro deles é sobre o artigo “Sou padre e quero me casar”, em que o leitor Prof. João Carlos Vilella, de Varginha, MG diz: “Gostei muito de ver Realidade abrir o diálogo sobre o assunto” (Revista Realidade, Seção Cartas do Leitor, Edição Nº07, 1966, p.8). Diferentemente, o discurso do leitor Joel Rolim, de Fortaleza, CE, não aprova nem desaprova o artigo, mas levanta sua suspeita quanto à veracidade do conteúdo e sugere: “Por que não aconselham esse padre torturado a deixar o ofício e se casar, se é tanta a sua ânsia” (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº 08, 1966, pág.8)?

A reportagem sobre a juventude diante do sexo, publicada na edição Nº 02 teve repercussão até a edição Nº08, em que alguns leitores se mostram indignados, como no caso do senhor Marinho Vidal, de Belo Horizonte, MG:

Confesso que fiquei profundamente chocado. Sou pai de quatro rapazes, um deles já casado. Embora meus filhos sejam homens, importo-me também com o comportamento das moças, pois não vou querer como nora uma moça que já sabe demais (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº 08, 1966, pág.8).

No discurso desse leitor, em específico, encontramos um exemplo de como ainda se comportavam algumas famílias em relação à sexualidade e à educação sexual, pelo visto ainda muito restrita aos rapazes, pois as moças deveriam receber outro tipo de instrução para ser esposa e mãe, dona do lar, apenas. Era nessa área que deveria se concentrar o conhecimento delas: “na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento tradicional” (PRIORI, 2011, pág. 160).

Embora esses valores prevalecessem ainda na década de 1960, foi com o fim da segunda guerra mundial que mudanças significativas começaram a acontecer, porém na área da sexualidade ainda havia muita resistência para se quebrar o tabu que dividia o comportamento de homens e mulheres.

Priori (2011) conta que houve no Brasil um crescimento urbano e na indústria sem precedentes, porém não houve tanto avanço em relação às mulheres:

As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuavam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário do ‘chefe da casa’. Se o país acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina - impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico -, também foi influenciado por campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade (PRIORI, 2011, pág. 160).

Outro tema abordado pela revista Realidade que causou indignação de alguns leitores foi o divórcio e do desquite. Na edição Nº 10 foram publicados 04 trechos de cartas de leitoras (todas elas mulheres) a esse respeito. O primeiro deles traz, pela leitora Celina R. Carvalho, de Belo Horizonte, MG, uma pequena parte de um texto lido por ela em um jornal da cidade de Juíz de Fora, em MG, criticando a pesquisa feita pela revista Realidade sobre divórcio, e que o interesse da revista seria: ‘desagregar as fibras morais mais autênticas do nosso povo’, e abre sua defesa: “Nós, os leitores de Realidade não podemos deixar ser difamada uma obra que visa

esclarecer os brasileiros sobre problemas jamais abordados por outras publicações” (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº10, 1966, pág.8).

A leitora mineira recebeu uma das respostas publicadas pelos editores, no que se aproveita para enfatizar a opinião expressa na carta:

Realidade atribui os ataques esporádicos que tem sofrido justamente ao fato de ‘esclarecer aos brasileiros problemas jamais abordados por outras publicações’. E continua acreditando que a única maneira do Brasil resolver os seus problemas é não temer e enfrentá-los (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº10, 1967, pág.8).

Já a leitora de Brasília, DF, Vilma S. Dracenas, se impressiona com a falta de ‘solidariedade feminina’ quando comenta que na reportagem “O que os brasileiros pensam do divórcio” uma senhora citada apenas pelas iniciais F.C., de Curitiba, PR, declara:

...que as mulheres divorciadas e desquitadas são volúveis e inconstantes. Há oito anos fui abandonada por meu marido e há quatro anos que obtive o desquite: nem por isso deixei de ser uma mulher honesta e mãe digna que soube educar seus filhos (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº10, 1967, pág.8).

Já a advogada Marialice S. M. Figueiredo, de São Paulo, SP, ainda na edição Nº 10, pág. 8, propõe que o assunto seja decidido em plebiscito, para saber o que os brasileiros pensam do divórcio, mas logo em seguida lembra que os indecentes e inexperientes no assunto não ficariam imunes à campanha dos “antidivorcionistas”, concluindo que o melhor continuam sendo as enquetes promovidas pela revista, pois proporcionam liberdade de opinião e da expressão do que pensa a maioria dos brasileiros.

No último comentário citado aqui, Haydee Galli, leitora de São Carlos, SP, sente “repulsa”, ao observar o resultado da pesquisa promovida pela revista Realidade, que aponta 11.547, entre os 14.611 entrevistados, a favor do divórcio. Os editores orientam à leitora a procurar os resultados da pesquisa nacional, realizada pelo INESE, publicados na recente edição (Nº 10, pág.18) que confirmam os resultados da enquete promovida pela revista.

Um tema que até mesmo na atualidade ainda causa polêmicas é em relação aos tóxicos. A reportagem “Ele é um viciado”, publicada na edição Nº 14 teve todos os comentários dos leitores estendidos pelas edições Nº 15 e Nº 16 a favor da revista abordar o assunto e apoiá-la da forma como conduziu a abordagem, levando seu público à reflexão.

O racismo também foi observado pelos leitores quando uma de suas reportagens levantou a questão: “Existe racismo no Brasil”? Na verdade, como visto no capítulo I, este foi o tema da seção Brasil Pergunta, em que o Marechal João Batista de Matos afirma que a resposta seria “não”, mas o leitor Antonio Vieira, de Salvador, BA, que é professor, bacharel e negro, lamenta discordar e o desafia a dizer quantos negros se destacam:

Gostei de ver a coragem de Realidade em focalizar o maior tabu que possuímos com a pergunta “Existe racismo no Brasil”? ... pode ele citar outros marechais, brigadeiros ou almirantes negros? Será que os demais negros não têm a capacidade, ou nunca puderam tentar? Quantos deputados, quantos senadores, governadores, ministros negros temos nós? Quantos negros há no Itamarati, nos tribunais? Quantos catedráticos ou cientistas? (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº17, 1967, pág.8).

Quanto à censura, o leitor Armi Passos, do Rio de Janeiro, GB, “aplaude” a equipe de censores, pois não considera que cenas de perversão e atos sexuais sejam “espetáculos de diversão, quanto mais para se constituírem como cenas de cinema para serem exibidas livremente” (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº17, 1967, pág.8). Já no raciocínio lógico do leitor Francisco Manuel Gama Oliveira, de Fortaleza, CE, vem o questionamento: “como pode existir proibição de filmes para menores de 21 anos, se um brasileiro com 18 anos pode ser até censor” (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº17, 1967, pág.8).

Como visto anteriormente, a edição Nº 18 teve toda a seção de cartas dos leitores dedicada à juventude brasileira<sup>16</sup>, por ser uma edição especial com esse tema. A maior parte deles se dedicou a mencionar a necessidade dos jovens de serem compreendidos e que em muitas situações precisam de amparo, como conselhos, oportunidades e fé. Outros assuntos foram a situação educacional e as dificuldades que o jovem enfrenta para estudar e a preocupação com o futuro, tanto político do país, como particular na questão do trabalho e constituição da família.

A leitora Valdete B. Santos, de 22 anos, da Guanabara/GB, ressalta a importância da instrução que a revista oferece à juventude:

<sup>16</sup> As cartas foram recebidas antes do fechamento da edição Nº18, juntamente com as respostas apresentadas sobre a pesquisa dedicada à juventude.

Moro numa favela e vejo, a cada instante, pessoas com as quais convivo se degradarem, não por falta de vergonha, mas por falta de educação sexual e intelectual. Não deem ouvidos a comentários maldosos de que a revista tem cunho impudico. Se há tão grande número de mães solteiras aqui, é por falta de educação sexual. Continuem esclarecendo e educando o povo, porque é disso que o Brasil precisa (REVISTA REALIDADE, Seção Cartas do Leitor, edição Nº18, 1967, pág.8).

O exemplo acima mostra uma das funções sociais da revista Realidade ao abordar questões polêmicas, tabus e preconceitos, propor modos diferentes de se perceber a vida moderna dos anos 1960. Os leitores compartilhavam, por meio das cartas enviadas à redação, suas opiniões particulares, como se estivessem:

...dialogando entre iguais, pessoas com pontos de vista talvez diferentes, mas em posições comparáveis de informação e possibilidades de posicionamento diante do mundo. 'Desaparecem' as especificidades e processualidades profissionais e institucionais midiáticas – não são 'matérias' ou o 'jornal' que são discutidos, mas 'diretamente' a situação em sociedade (BRAGA, 2006, pág. 136).

Afirmar que a revista foi imparcial na seleção das cartas que publicou, seria um risco para qualquer pesquisador. Por outro lado, notamos que algumas críticas foram conclusivas por parte daqueles que não aprovavam o estilo da revista. Mas continuavam lendo, embora criticando.

Já os comentários favoráveis se mostram legitimadores do discurso apresentado pela revista Realidade, o que a coloca no patamar de publicação bem-sucedida ao longo do período aqui estudado. Como afirmam seus ex repórteres: “A revista não reformou o mundo nem desafiou, diretamente, governos. Mas ajudou e influenciou na mudança de costumes no Brasil.

Foi irreverente e contestadora (MARÃO e RIBEIRO, 2012, pág. 23), fazia um jornalismo inconformado com a realidade oficial. A escolha por temas diferenciados atribuía à revista um caráter de permanência, deixando os temas pontuais, os fatos que eram notícias urgentes aos outros meios de comunicação. À ela coube aproveitar seu tempo para produzir reportagens mais calmas, longas, em observação meticulosa do lugar, do personagem e dos assuntos de interesse social.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado partiu de duas vertentes: a primeira delas analisando o produto revista, em sua forma de se comunicar com o público leitor (viés jornalístico) e a segunda analisando o público leitor em relação à sua receptividade (viés social).

Como características principais do produto, foi possível concluir que a revista Realidade abordava temas polêmicos, desvendava tabus, utilizava-se de uma linguagem própria e diferenciada no trato de assuntos de interesse dos leitores. Estes, por vivenciarem um período de mudanças em termos tecnológicos e comportamentais, interessavam-se por temas como política, religião, comportamento, a liberação sexual, os debates sobre questões como desquite, aborto, preconceito racial e tantos outros que permeavam a sua época.

Uma das diferenças entre a forma de abordar os mesmos assuntos de outras revistas era procurar o periférico dos temas obrigatórios. Enquanto a imprensa em geral noticiava um fato, Realidade buscava outros pontos de vista, como no caso citado dos artistas em que o foco de uma entrevista ia além do trivial, entrando em campos mais específicos.

Outro ponto relevante era a escolha dos locais, buscando personagens desconhecidos em lugares distantes das grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, abarcando, assim, cidades do interior, indo de Norte a Sul do país. O fato de não ter um tempo determinado para a produção das reportagens dava maior liberdade para que o repórter pesquisasse e observasse os fatos até encontrar o que precisava para criar um texto diferenciado. A especialização dos seus repórteres vinha dessa liberdade criativa e da dedicação individual com que cada um se empenhava na missão de produzir algo inédito. O texto somava-se à qualidade das fotografias integradas um com o outro, formando uma unidade que também se caracteriza como um dos pontos fortes da revista.

Alguns dos temas eram tão atuais ou revolucionários, que até para os dias de hoje são pauta nos principais meios de comunicação, como os problemas de ordem nacional, por exemplo. Já as questões de ordem sociocultural, causaram muita polêmica, comentadas nas cartas dos leitores ou mesmo nas apreensões e ameaças pelas quais a revista passou. Alguns desses temas hoje contam com um comportamento social oposto daquela época, e provavelmente a mudança teve



influência de veículos de informação como a revista Realidade, que colocava em pauta os assuntos para provocar reflexão no seu público leitor.

Fatos que nos levam a concluir o quanto a revista Realidade - por meio do trabalho dos seus editores, fotógrafos e repórteres - levou de contribuição jornalística à sociedade brasileira no final dos anos 1960, propondo discussões e reflexões em torno de questões polêmicas, preconceitos e tabus, apresentando seu ponto de vista sobre determinado assunto.

Por ter rompido alguns paradigmas, especialmente na forma de produzir e editar seus textos, no espaço aberto aos leitores e na forma como se comunicava com ele por seus editoriais, muitas vezes justificando alguma ordem política, nos passam a impressão de uma sociedade em movimento, receptiva a um veículo de imprensa inovador, audacioso no tocante aos assuntos específicos e pertinentes à sua época. Provavelmente até esgotados, de tão mencionados.

E como visto, embora fosse um sucesso grandioso em todo país, não agradou a todos, especialmente a uma ala da sociedade mais conservadora, ou de influência institucional, seja religiosa, familiar ou mesmo política, mas, em geral, o número crescente de vendas legitimava o seu discurso e a fez continuar até que os motivos de força política a fizessem se descaracterizar, deixando de ser o que era originalmente, perdendo seu time de repórteres e finalmente encerrando sua primeira fase, no qual se baseou esse estudo.

Por fim, concluímos que a revista Realidade influenciou uma geração na sua prática sociocultural e continua a inspirar estudos que não se esgotam por ser um material rico em elementos que sempre despertam a atenção daqueles que procuram compreender mais sobre comunicação social. Esperamos que este estudo tenha atendido ao apelo dos ex-repórteres da revista, José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, que comentaram sobre a falta de pesquisas sobre a sua importância como influência nas mudanças culturais ocorridas naquele período. Neles, e demais repórteres da revista Realidade, foi inspirado esse estudo, pois o que somos hoje veio das referências do passado. A atitude, a escolha e a ousadia daqueles repórteres produziram algo que definitivamente abriu passagem para um novo tempo.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, Fabio. **A revista Censurada: A apreensão da Realidade de janeiro de 1967 – surpreendente porque o AI-5 ainda não vigorava.** Disponível em < <http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/revista-censurada-p-012.html> > Acesso em 13/06/2012.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Enunciação e construção do sentido.** IN: FIGARO, Roseli (org.). *Comunicação e Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2012.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira.** São Paulo: Summus, 2009.

CIVITA, Roberto. **Uma revista contra os tabus.** Disponível em < [HTTP://bravoonline.abril.com.br/conteudo/literatura/revista-tabus-621762.shtml](http://bravoonline.abril.com.br/conteudo/literatura/revista-tabus-621762.shtml) > Acesso em 05/06/2011.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira.** Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.

FERREIRA, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 21 ed. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 5 ed. Rio de Janeiro, Record, 2005.

LIMA, Eduardo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Ed. Malone, 2009.

MAIA, Monica. **Realidade – a que a censura destruiu.** Revista de Comunicação. São Paulo, 18 de out. 1989. Disponível em < <http://www.revcom.com.br/rc/rc0.asp> > Acesso em 06/01/2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_, **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. IN: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Pág. 39 – 68.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Editora Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo, 2006, Paulus.

MENDES E SCHWARTZMANN. **Cartas na mídia impressa: uma prática semiótica entre leitores e editores**. Disponível em <  
[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/dcmnts\\_gescom/semiotica\\_e\\_midia\\_eb\\_ook.pdf#page=115](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/dcmnts_gescom/semiotica_e_midia_eb_ook.pdf#page=115)> acesso em 04/02/2013.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **21 de abril de 1960: Nasce Brasília, a nova capital do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

MORAES, Letícia Nunes. **Cartas ao Editor: Leituras da Revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Palamedia, 2007.

MOTA, Nelson. **Noites Tropicais – solos, improvisos e memórias musicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950 – 1980)**. São Paulo: contexto, 2006.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. São Paulo: Editora Realejo, 2010.

PRIORI, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RONSINI, Veneza. **A perspectiva das mediações de Jesús Martin-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)**. In: GT12 “Recepção, usos e Consumo Midiático”, do XIX Compós, disponível em [HTTP://compos.com.puc.rio.br/gt12\\_veneza\\_ronsini.pdf](HTTP://compos.com.puc.rio.br/gt12_veneza_ronsini.pdf)> Consultado em 26/11/2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura Midiática. In: Mídia, cultura, Comunicação**. Organizadores: BALOGH, Anna Maria; ADAMI, Antonio, ET AL. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986.

VICCHIATI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

VILLAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine – o texto em revista**. Rio de Janeiro: Editora Summus, 1996.

WOLF, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## APÊNDICE A

### Síntese da Seção Brasil Pergunta – Edições: 07 A 18

EDIÇÃO	TEMA	SIM	NÃO	OBS
07	“É justo que os brasileiros naturalizados não tenham os mesmos direitos do brasileiro nato”?	Haroldo Valadão – Professor	Danilo Nunes – Deputado Federal	
08	“Os cassados têm direito de defesa”?	Oscar Pedroso Mota – Ex-ministro da Justiça	Armando Falcão – Deputado, Ex-ministro da Justiça	
09	“Igreja deve intervir nos problemas políticos e sociais do Brasil”?	Alceu Amoroso Lima – Escritor e Católico	Eurípedes C. de Menezes – Deputado Federal	
10	“A mulher deve ser virgem ao casar”?	Sarita Campos – Radialista	Eneida – Escritora	
11	“A cegonha existe”?	Alessandro Porro - Jornalista		Resposta única
12	“É justa a intervenção americana no Vietnã”?	Lenildo Tabosa – Chefe de Redação da Seção do Exterior de O Estado de São Paulo	Newton Carlos – Comentarista Internacional da Folha de SP	
13	“A volta do jogo beneficiaria o país”?	Eurico Resende – Senador	Eurico Gaspar Dutra - Marechal	
14	“As reformas litúrgicas abrem as portas para os abusos”?	Dom Vicente Scherer – Arcebispo de Porto Alegre	Dom Helder Câmara – Arcebispo de Recife	
15	“Existe racismo no Brasil”?	Reynaldo Jardim – Jornalista	João Batista de Matos - Marechal	O não veio de um negro
16	“Devemos fabricar bomba atômica”?	Ivete Vargas – Deputada Federal/MDB-SP	Otacílio Cunha – Almirante e Presidente do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	
17	“A educação sexual deveria ser obrigatória nas escolas”?	Jorge Duarte de Azevedo – Juiz de Menores de Brasília	Alberto de Gusmão – Juiz de Menores da Guanabara	
18	“Você gostaria de voltar a ter vinte anos”?	Vinícius de Moraes – Poeta	Sobral Pinto – Advogado	

## APÊNDICE B

### Mapeamento da Revista Realidade - Edições: 07 a 18

	<p>Nº 07 - Outubro / 1966</p>  <p>Tiragem: 485.700</p>	<p>Nº 08 – Novembro 1966</p>  <p>Tiragem: 485.700</p>	<p>Nº 09 – Dezembro / 1966</p>  <p>Tiragem: 475.700</p>
<b>1.Capa</b>	<p>“O palhaço que fez parte das diversões de nossa infância ainda continua tirando sorrisos de todas as crianças de hoje. Foto de Lew Parrela”.</p>	<p>“Rubinho do Zimbo Trio, Jair Rodrigues, Nara Leão, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Gilberto Gil, Toquinho, Caetano Veloso e Magro do MPB4 são parte do grupo jovem que procura novos caminhos para a nossa música popular. Foto de David Drew Zingg”.</p>	<p>“Mãos que se apertam retratam a ansiedade de milhões de homens em busca da fé. Milhões de homens que perguntam: Deus existe? Foto de Roger Bester”.</p>
<b>2.Política</b>	<p>Pág. 22: "Atenção: está nascendo um líder - O prefeito de Goiânia, misturando magnetismo pessoal, realizações e demagogia, ensina como conquistar o povo”.</p>	<p>Pág. 60: "De como se eleger deputado - Há muitos que dizem que não vale a pena. Para os que tentam, a luta é sempre dura e cheia de imprevistos e sutilezas”.</p>	<p>Pág. 102: “O advogado da liberdade – A vida do homem que já defendeu Arrais, Lacerda, Prestes, julião, Juscelino e muitos outros. Tudo em nome da liberdade”.</p>
<b>3.Religião / Mistério</b>	<p>Pág. 34: "Revolução na Igreja – O repórter passou 15 dias num convento de dominicanos, para descobrir o que pensam esses frades</p>	<p>Pág. 105: "A Bíblia - A história fascinante do livro mais importante de todos os tempos. Quem o escreveu? Em que época? Como chegou até nós?”.</p>	<p>Pág. 26: "Deus está morrendo? – Teólogos do mundo inteiro estão debatendo uma questão fundamental para todos nós: o mundo moderno não</p>

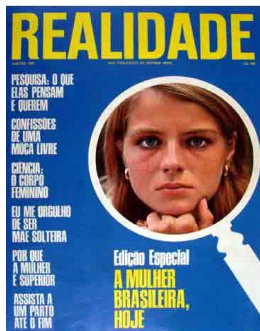


	de que todos falam tanto “.		precisa mais de Deus?”.
<b>4.Educação</b>	Pág. 98: "É hora de aprender –Recife, outubro: 50 mil adultos estão indo à escola pela primeira vez. E, nos próximos cinco anos, um milhão serão alfabetizados”.		Pág. 92: “Eles devem saber a verdade – ‘Papai, de onde vêm os bebês?’ Para os modernos psicólogos e educadores, cegonha não pode nunca entrar na resposta”.
<b>5.Polêmica</b>			
<b>6.Ensaio Fotográfico / Aventura</b>	<p>Pág. 44: “O sol – Para homens, sempre representou a fonte de vida e de poder; para os poetas, é constante inspiração. O poeta-fotógrafo é David Zingg”.</p> <p>Pág. 78: “A Ilha do Diabo – Caiena podia ser paraíso, foi inferno, agora é purgatório. Ontem era o mais triste presídio das Américas, amanhã vai lançar foguetes”.</p>		Pág. 37: “Resgate de uma tribo – Durante semanas, homens brancos enfrentaram a selva amazônica para salvar uns poucos índios. Com eles estavam dois repórteres”.
<b>7.Cinema / Teatro / Música / Arte / Literatura / Humor</b>	Pág. 70: "Agora é a vez de Cláudia – Uma série de fotos a cores esclarecem porque essa moça solteira e rica é uma das mulheres mais famosas da face da terra”.	<p>Pág. 75: “A arte descobre a mulher – A história da arte pode também ser contada através dos nus. Desde as estátuas gregas até as mulheres das pinturas modernas”.</p> <p>Pág. 116: "A nova escola do samba - Nossa música popular brasileira está</p>	

		<p>ganhando novos rumos. Quem colabora para isso é um grupo que só tem em comum a juventude”.</p> <p>Pág. 126: “Ele mudou nosso teatro – nove de suas peças, já representadas no Brasil, o tornaram o autor mais discutido do momento. Seu nome: Bertolt Brecht”.</p> <p>Pág. 143: “Um escritor diante do espelho – Falando o que pensa de sexo, política, religião e moral, Érico Veríssimo traça – com sinceridade – seu auto retrato”.</p>	
<b>8. Gente / Juventude / Comportamento</b>	<p>Pág. 88: “Disney, uma criança de 65 anos – É candidato ao Prêmio Nobel da Paz, mas acha que não podemos viver sem as guerras. E gosta só dos animais”.</p>		<p>Pág. 68: “Chico dá samba – Em seu mundo só cabe quem sabe brincar. E os eu maior sonho é um sanduíche chamado Holanda. Seu nome, Chico Buarque de Holanda”.</p> <p>Pág. 182: “Por que ‘brigam’ paulistas e cariocas – dois jornalistas, um de São Paulo, e outro do rio, contam em tom de piada por que detestam a cidade alheia”.</p>
<b>9. Perfil / Depoimento / Mulher</b>	<p>Pág. 110: “Este homem é um palhaço – A figura é imponente, sóbria. O</p>	<p>Pág. 38: “Pelé – É possível entrevistar um gênio? O repórter Roberto Freire acha</p>	<p>Pág. 124: “Poesia é mulher – a beleza feminina existiria mesmo sem poetas.</p>



	<p>olhar é sereno, a voz não se altera, o caminhar, tranquilo e seguro. Parece diplomata: não é”.</p> <p>Pág. 132: “A revolta da Hungria – Dez anos após a tragédia de Budapeste, um repórter que viveu aqueles dias conta a epopeia de um povo que queria ser livre”.</p>	que não. Mas conseguiu assim mesmo descobrir a essência do nosso maior ídolo”.	Mas o que seria dos poetas se não existissem mulheres? Ensaio fotográfico, a cores”.
<b>10.Jornalismo /Imprensa / Reportagem / Pesquisa (social) /Entrevista / Polícia</b>	Pág. 132: “A aventura da notícia – Esta reportagem tem um palco: a redação de um jornal. Os personagens são repórteres, fotógrafos, editores. A estrela, a notícia”.		Pág. 156: “Plantão policial – Numa sala escura de um prédio antigo há um desfile de gente que não para nunca. Por ela passam miséria, vício, violência e amor”.
<b>11.Esporte / Futebol /Turfe</b>	Pág. 144: “Desgraçado é o goleiro – Por que ele sofre sozinho. Porque a culpa da derrota cai sempre em cima dele. Porque um frango pode acabar com sua carreira”.		Pág. 138: “Foi dada a partida – Tudo sobre o turfe. A aventura e os segredos do esporte brasileiro que só perde para o futebol e movimenta bilhões de cruzeiros”.
<b>12.Economia / Mercado de Trabalho</b>		Pág. 134: “O que é inflação – É um monstro que está presente em nossa história e em todos os nossos dias. O problema é saber como os brasileiros poderão vencê-la”.	Pág. 172: “O homem sério que empresta dinheiro – Ele é presidente de um banco diferente, que não aceita depósitos e cujo lucro é o progresso de todo um país”.
<b>13.Problema</b>			

		Pág. 51: “Vale a pena ser brasileiro? – De mais de três milhões de estrangeiros que vieram para cá, somente cem mil se naturalizaram. Alguma coisa está errada”.	
<b>14.Documento</b>		Pág. 28: “Coronel não morre – O coronelismo parece que finalmente está desaparecendo do nordeste. Mas ninguém pode garantir qual será o último coronel”.	
<b>15.Brasil / Internacional</b>	Pág. 54: “Eis a China – O país que muitos temem e poucos conhecem. Sua história e a história da revolução do comunista que o fizeram a grande incógnita do mundo”.		Pág. 78: “Um país a espera de golpe? – O Uruguai, até a pouco, era a ‘suíça da América do sul’. Hoje, seus próprios governantes anunciam um golpe de estado”.
<b>16.Pesquisa / Tecnologia / Ciência / Medicina/ Psicologia</b>		Pág. 92: “O que os brasileiros pensam do divórcio – Eis os resultados da grande pesquisa lançada em julho. Um documento importante e muitas vezes surpreendente”.	Pág. 148: “Uma vida por um rim – Homens condenados à morte estão sendo salvos em São Paulo. Mas só escapam os que conseguem o grande presente: ganhar um rim”.
<b>17.Bebida/ Carnaval</b>		Pág. 86: “O uísque é nosso – Neste ano consumiremos dez milhões de litros desta bebida cuja receita inclui desde tonéis velhos e açúcar queimado até a turfa”.	

	Nº 10 – Janeiro / 1967	Nº 11 – Fevereiro / 1967	Nº 12 – Março / 1967
	 <p><b>Tiragem: 475.000</b></p>	 <p><b>Tiragem: 505.300</b></p>	 <p><b>Tiragem: 455.000</b></p>
<b>1.Capa</b>	<p>“A foto de George Love – uma mulher colocada sob a lente de aumento – sintetiza o espírito desta edição especial: mostrar como é a mulher brasileira”.</p>	<p>“Um rosto de mulher que canta. E, como ela, milhões de brasileiros, neste mês, estarão festejando como sempre o carnaval. A foto é de David Drew Zingg”.</p>	<p>“O tema é Jesus, filho de Deus, feito homem, rumo ao Calvário. O artista autor do quadro é El Greco, pintor espanhol que viveu há quinhentos anos”.</p>
<b>2.Política</b>			<p>Pág. 18: “Quem são esses senhores? – Um repórter viajou pelo Brasil inteiro, durante dois meses, a fim de encontrar tudo sobre os nossos 22 governadores”.</p>
<b>3.Religião / Mistério</b>	<p>Pág. 52: “A bênção, sa vigária - Hoje, em todas as horas, brasileiros estão aprendendo que também as freiras podem cuidar da salvação das suas almas”.</p>	<p>Pág. 53: “A igreja se renova – Como consequência direta do Concílio Vaticano, em diferentes países do mundo, estão surgindo surpreendentes inovações litúrgicas”.</p>	<p>Pág. 60: “Quem era o homem Jesus – Neste mês da Páscoa, Realidade apresenta um resumo de tudo que já se até hoje para responder à grande pergunta”..</p>
<b>4.Educação</b>		<p>Pág. 98: “Já existe a escola de amanhã – E funciona no Brasil. Nela não há notas ou exames, e o ensino</p>	

		prepara o jovem para encarar a vida com confiança”.	
<b>5.Polêmica</b>	Pág. 30 “A indiscutível (nunca proclamada) superioridade natural da mulher”.		
<b>6.Ensaio / Aventura</b>	Pág. 46 “O amor mais amor – A equipe de fotógrafos que trabalham para a revista foi para as ruas e trouxe o ensaio fotográfico do mês: como é o amor materno”.		Pág. 50: “Este boi é meu – A vida de um magarefe, em Feira de Santana, Bahia. Os sonhos e as angústias desses homens que vivem do sofrimento e da morte”.
<b>7.Cinema / Teatro / Música / Arte / Literatura / Humor</b>			
<b>8.Gente / Juventude / Comportamento</b>	Pág. 68: “Nasceu! - Dona Odila vive numa cidade do Rio Grande do Sul. E há uma palavra mágica que muita gente já ouviu da sua boca. Dona Odila é parteira”.	Pág. 108: “Ela tem 500 anos – vida de estrela não é tão bonita como parece. Pelo menos é o que diz Norma Benguel, que conta a sua verdade, pela primeira vez”.	Pág. 146: “Ele aposta no show - Marcos Lázaro, empresário: um homem frio e calculista, dificilmente erra em matéria de dinheiro e de êxito com os artistas”.
<b>9.Perfil / Depoimento / Mulher</b>	Pág. 88 “Minha gente é de santo – Olga Francisca Regis tem 41 anos e 66 filhos, dos quais apenas oito são de seu próprio sangue. Olga é mãe de santo”.  Pág. 116: “Sou mãe	Pág. 64: “Um garoto chamado Artur” – Há um lugar onde o presidente do Brasil será sempre ‘o Arthur’: é Taquaral, onde fomos buscar a história de sua infância”.  Pág. 131 “Tenho	

	solteira e me orgulho disso – Quem afirma é uma moça carioca, de muita coragem. Ela tem apenas 20 anos, estuda Direito e sabe bem o que quer”.	câncer, não quero morrer – A moça tem 24 anos e se chama Maria. Aqui ela conta como reagiu quando soube que só tinha dois anos para viver”.	
<b>10.Jornalismo/ Imprensa / Reportagem / Pesquisa (social)/ Entrevista / Polícia</b>		Pág. 116: “Cuidado, isto é conto do vigário – Tudo começou com um português. Depois a técnica se desenvolveu tanto que, hoje, o vigarista é um grande ator”.	Pág. 30: “A história das 12 capas – Atrás de cada de revista, há uma história fascinante, onde entram viagens, espionagens, alegrias e decepções também”.  Pág. 86: “Contrabando – Embora a polícia se esforce para acabar com ele, muitos contrabandistas continuam ‘trabalhando’ incansavelmente por terra, ar e mar”. .
<b>11.Esporte / Futebol / Turfe</b>		Pág. 85: “Aqui a guerra é pela bola – Um ensaio fotográfico sobre o esporte mais popular do mundo e um artigo mostrando quem mais sofre com ele: o torcedor”.	Pág.122: “Aqui se aprende a bater – Um dia na academia de Kid Jofre, um argentino-brasileiro que dá a vida pelo boxe e ainda promete formar muitos campeões”.
<b>12.Economia / Mercado de Trabalho</b>	Pág. 110: “Dona Berta, o diretor - Começou aos 26 anos, com uma maquininha. Hoje, tem uma indústria próspera, eficiente, moderna. E é o senhor patrão”.		Pág. 96: “Como pagar menos imposto de renda – Existem várias maneiras, todas elas perfeitamente legais, de contribuir o menos possível para o imposto de renda”.
<b>13.Problema</b>	Pág. 100: “Três	Pág. 26 “O porquê dos	Pág. 76: “O triste fim de

	histórias de desquite – Uma vive como virgem. Outra sozinha com a filha de 19 anos. A terceira casou de novo, desafiando a constituição do país”.	preconceitos – Começando nos tempos de Sócrates, na velha Grécia, Carmem da Silva analisa os tabus que escravizam as sociedades.	João da Silva (que perdeu seus documentos)” – O sofrimento de um cidadão brasileiro que se atreve a reaver, sozinho, toda papelada”.
<b>14.Documento</b>	Pág. 76: “Esta mulher é livre – Ela é uma jovem artista de 24 anos, que não tem medo de dizer a verdade sobre sexo. Talvez seja a Ingrid Thulin nacional”.	Pág. 76 “É luta, é dança, é capoeira – Salvador da Bahia tem academias e mestres dessa luta que veio da África. Ela é bonita, mas ensina golpes que matam”.	Pág.134: “A revolução russa – A História da Rússia de seus tzares e da conspiração que culminou com a revolução de 1917, quando os comunistas tomaram o poder”.
<b>15.Brasil / Internacional</b>			
<b>16.Pesquisa / Tecnologia / Ciência / Medicina / Psicologia/ Astronáutica</b>	<p>Pág. 20: “O que pensam nossas mulheres – Para saber isso, uma equipe de 10 pesquisadores percorreu o Brasil inteiro, em 40 dias, fazendo 1.200 entrevistas”.</p> <p>Pág. 36: “Ela é assim – Por que uma mulher é uma mulher? O que a faz diferente dos homens? Oito páginas a cores mostrando os mistérios de um corpo de mulher”.</p> <p>Pág. 82: “consultório sentimental – Aqui se conta o drama, a ilusão e o desengano</p>	<p>Pág. 42: “Você aguentaria? – No futuro, talvez, qualquer um possa ir á Lua. Mas, por enquanto, a viagem é para os quase super homens . Aqui se diz por quê”.</p> <p>Pág. 124: “Estas máquinas só faltam falar – Os computadores estão revolucionando o mundo: lançam foguetes, contam à velocidade da luz e até compõem sinfonias”.</p>	<p>Pág. 38 “Estamos na era do átomo - Cientistas brasileiros, em São Paulo, rio e Minas Gerais, estão trabalhando sem descanso: eles querem o domínio do átomo”.</p> <p>Pág. 108 “Brincadeira cura criança - Enquanto a a criança brinca, os psicólogos a observam. A ludoterapia ajuda a resolver muitos problemas emocionais infantis”.</p>

	das que vivem esperando que lhes caia do céu uma saída para suas vidas”.		
<b>17.Bebida / Carnaval</b>		Pág. 35: “Esta é a festa de todos nós – E, nela, é preciso cantar. Esta é a história das músicas que fazem o povo pular quatro notes e três dias por ano”.	
	<b>Nº 13 – Abril / 1967</b>  <b>Tiragem: 455.000</b>	<b>Nº 14 – Maio / 1967</b>  <b>Tiragem: 455.000</b>	<b>Nº 15 – Junho / 1967</b>  <b>Tiragem: 455.000</b>
<b>1.Capa</b>	“Tio Sam, agredido e surpreso, simboliza os sentimentos antiamericanos pesquisados e analisados neste número. A fotografia é de Roger Bester”.	“O homem da capa não é um viciado. Mas viveu com eles o tempo suficiente para mostrar como é o instante terrível da picada. O homem da capa é o repórter Narciso Kalil. A foto é de Roger Bester”.	“A criança não sai do ovo. Mas se assim está representado um nascimento, é para mostrar que o parto pode ser um ato vido sem dor nem sofrimento”.
<b>2.Política</b>			Pág. 26: “Há um novo tempero no poder – Juscelino era alegria; Janio, bicho-papão; Jango, indeciso; Castelo, severo. Costa e Silva procura outros caminhos”.
<b>3.Religião / Mistério</b>	Pág. 92: “Yokaanam		

	é um profeta – História de um homem, e de sua cidade estranha, cujo lema é a boa vontade e que, dizem, recebe a vista de discos voadores”		
<b>4.Educação</b>			
<b>5.Polêmica</b>			
<b>6.Ensaio Fotográfico / Aventura</b>		Pág. 27: “O leopardo – Faminto, o grande gato africano sai para caçar. O fotógrafo John Dominis o surpreende utilizando toda sua força, astúcia e crueldade”.	
<b>7.Cinema / Teatro / Música / Arte / Literatura / Humor/ Ficção</b>	<p>Pág. 36: “As desventuras de Laudelino, o gordo – Quando bebê, gorducho, era um amor. Depois a beleza se foi e a gordura ficou. E com ele uma fome crescente”.</p> <p>Pág. 56: “Lendas de amor – Iracema, Iara, Moema, Marabá, Lindóia: pela pureza e intensidade, os romances dessas índias se integraram ao nosso folclore”.</p>	<p>Pág. 52: “Um fotógrafo ilustre, e desconhecido – as melhores fotografias – verdadeiras obras de arte – de um fotógrafo amador premiado no mundo inteiro”.</p> <p>Pág. 146: “Este homem é louco? – Muita gente diz que sim. Roberto Freire, repórter e psicanalista, viveu com Fontenelle vários dias para fazer o exame do paciente”.</p>	
<b>8.Gente / Juventude / Comportamento</b>	Pág. 125: “Gente famosa fala de gente famosa – Dez pessoas conhecidas no país inteiro falam umas das outras,		



	terminando com Dercy Gonçalves, que fala dela mesma”.		
<b>9.Perfil / Depoimento/ Mulher</b>	<p>Pág. 28: “Dona Yolanda, a presidenta – a mulher mais importante do Brasil, esposa do presidente da República, tinha um sonho bem simples: ser cabeleireira”.</p> <p>Pág. 86: “O pequeno Otelo – Ele bebe desde criança, se diz mau, não acredita nas pessoas, mas quer deixar alguma coisa plantada: confissões de Grande Otelo”.</p>	<p>Pág. 72: “A boa alma dos Vilas Boas – Eles eram três irmãos que resolveram proteger e cuidar dos índios. Um morreu. Os outros continuam sua luta no Xingu”.</p> <p>Pág. 120: “Que moça é essa Julie? – Uma atriz que odeia a fama, o dinheiro e não gosta de ninguém se intrometendo em sua vida. A entrevista é de Oriana Fallaci”.</p>	
<b>10.Jornalismo / Imprensa / Reportagem / Pesquisa (social) / Polícia</b>	Pág. 44: “O Piauí existe – Para provar isto, dois repórteres percorreram campos e caatingas, sentindo os problemas e esperanças de um povo que não se abate”.		
<b>11.Esporte / Futebol / Turfe</b>	Pág. 102: “No suave caminho do judô – Arte marcial japonesa, luta de defesa pessoal, o judô tem hoje no Brasil centenas de academias e milhares de aprendizes”.	Pág. 92: “Mengo tu és o maior – Gol do Flamengo! Um grito de alegria sacode o Maracanã”. Toda a história do time de futebol que tem a maior torcida do Brasil”.	Pág. 36: “O esporte de ninguém – De mil brasileiros, sete praticam algum esporte. Só se pensa em futebol, por isso nossos campeões aparecem por acidente”.
<b>12.Economia</b>			

<b>/Mercado de Trabalho</b>	Pág. 137: “Onde aplicar seu dinheiro – Ainda se pode guardar o dinheiro no colchão, mas existem muitas alternativas mais inteligentes, seguras e... lucrativas”.		
<b>13.Problema</b>	Pág. 66: “O que fazer com tanto café? – Há muitas respostas. Dede arrancar os cafezais, até brigar pelos preços no mercado mundial. Quem tem razão”?	Pág. 108: “O Brasil não tem onde morar – Sete milhões de família esperam sua casa própria. O governo tenta resolver o problema, enquanto a fila aumenta”.	
<b>14.Documento</b>	Pág. 78: “Esta cidade é uma criança – Gente que viu Brasília nascer e cresceu com ela, conta como é hoje a vida na mais controvertida das nossas cidades”.	Pág. 16: “No mundo do vício – Durante 30 dias um repórter viveu entre criminosos e marginais para porque existem homens viciados em drogas”.	
<b>15.Brasil / Internacional</b>		Pág. 84: “Russos e americanos contra a bomba (dos outros) – os fatos comprovam a aliança das duas potências contra as pretensões atômicas de países menores”.	Pág. 44: “Viagem ao país do medo – Enganando a feroz polícia, do ditador Duvalier, dois repórteres mostram a miséria e o terror em que vive o povo do Haiti”.
<b>16.Pesquisa / Tecnologia / Ciência / Medicina/ Psicologia/ Astronáutica</b>	Pág. 18: “Afimal, o que o povo pensa do Tio Sam? Pesquisa nacional para medir o antiamericanismo no Brasil, acompanhada de uma análise de Carlos Lacerda”.	Pág. 40: “Senhoras e senhores, à saúde – Uma viagem a o Rio Grande do Sul, para descobrir onde se fabricam e como se deve tomar os melhores vinhos brasileiros”.	



	perto aos menos desenvolvidos. Nenhum brasileiro pode ignorar a 'Populorum Progressio'".		
<b>4.Educação</b>	Pág. 128: "Atenção, eles estão em aula – Psicólogos e professores provam com testes e fatos que a criança precisa amadurecer antes de começar a ler e escrever".	Pág. 52: "Estas contas estão certas – Antigamente parecia piada dizer que 5 mais 2 dá 52. Para a matemática moderna está certo: o que importa é o raciocínio".	
<b>5.Polêmica</b>			
<b>6.Ensaio / Aventura</b>	Pág. 38: "Poesia Negra – Fotos e versos falam da beleza da mulher negra. As fotografias são de George Love e os versos são do poeta Solano Trindade".	Pág. 106: "Duda dá a aula – Aqui, como lá fora, ela é Duda, a atriz que, por enquanto, acha que ainda precisa aprender muito para ser mulher. Eis a sua lição".	Pág. 148: "Primeiro amor – O assunto é o namoro: as fotografias de Cláudia Andujar não precisam de texto".  Pág. "124: "O recruta – Cem mil brasileiros, todo ano, recebem uma farda e vivem uma lição inesquecível".
<b>7.Cinema / Teatro / Música / Artes / Literatura / Humor</b>	Pág. 58: "Guimarães Rosa segundo terceiros – Até hoje, o maior escritor brasileiro jamais deu uma entrevista: para conhecê-lo, só entrevistando os amigos".	Pág. 37: "Que arte é esta? – As tendências são muitas, e no entanto, em 1967 ninguém sabe ainda qual o estilo do século 20. Cubismo? Op-Art? Pop-Art?"  Pág. 64: "Então nasceu o samba – foi há 50 anos. Mas antes que 'Pelo telefone' fosse gravado em 1917, houve muita história de amor, de batuque e	

		de escravos”.	
<b>8.Gente / Juventude / Comportamento</b>	Pág. 100: “O colecionador – As coisas que persegue podem não dizer nada para a maioria das pessoas. Mas ele é capaz de qualquer sacrifício para obtê-las”.	Pág. 100: “A história de um pequeno herói – Um japonês, hoje com 85 anos, criou o império da juta no Amazonas. Mas a juta está condenada, e seu império no fim”.	Pág. 31: “Eis o mundo deles – As camisas coloridas, as manias, a moda, as danças, os gestos, tudo é novo”.
<b>9.Perfil / Depoimento / Mulher</b>	<p>Pág. 148: “Um operário em construção – Famoso e conhecido como um dos maiores arquitetos do mundo, Oscar Niemayer é simples, humilde e sem mistérios”.</p> <p>Pág. 88: “‘Meu Chaplin é um monstro’ - Lita Grey, a segunda mulher de Carlitos, descreve á Oriana Fallaci um Chaplin inculto triste, medroso, e sem humor”.</p>		Pág. 138: “Estes são os fazedores – Os que estão pesquisando, trabalhando, fazendo coisas muito importantes”.
<b>10.Jornalismo / Imprensa / Reportagem / Pesquisa (social)/ Entrevista / Polícia</b>		<p>Pág. 76: “Porque ele é um cassado – Respeitado no mundo todo, considerado um grande economista, o brasileiro Celso Furtado só poderá voltar ao país em 1974”.</p> <p>Pág. 152: “Um assunto de jornal – Para que o homem de imprensa possa hoje levar seu jornal às bancas,</p>	Pág. 18: “A juventude brasileira hoje – Uma pesquisa nacional que mostra o que pensam nossos jovens”.

		<p>muíto se lutou, no Brasil, pela liberdade de expressão”.</p>	
<b>11.Esporte / Futebol / Turfe</b>	<p>Pág. 64: “A isto se chama religião – As histórias das glórias e das derrotas de um time de futebol, que teve sempre a maior , mais fanática e mais fiel torcida”.</p>	<p>Pág. 52: “Estas contas estão certas – Antigamente parecia piada dizer que 5 mais 2 dá 52. Para a matemática moderna está certo: o que importa é o raciocínio”.</p>	
<b>12.Economia / Mercado de Trabalho</b>		<p>Pág. 128: “Hoje não há carne – O Brasil é o único país do mundo que tem mais boi do que gente. No entanto, o brasileiro só come 50 gramas de carne por dia”.</p>	<p>Pág. 159: O que você quer ser? – Nem todos podem ir para a universidade, precisam trabalhar. Mas em quê?”.</p>
<b>13.Problema</b>	<p>Pág. 44: “Por que nosso trem não anda? – No Brasil, o trem dá prejuízo. E em cem anos não evoluiu quase nada. Por isso, o caminhão vai acabar transportando quase tudo”.</p>	<p>Pág. 24: “Os meninos do Recife – O problema do menor, na capital brasileira onde ele é mais acentuado. A história de dois jovens que tentavam salvar s meninos”.</p>	<p>Pág. 44: “O conflito de gerações – Com a primeira tribo surgiu a briga que veio até hoje e existirá sempre”.</p>
<b>14.Documento</b>		<p>Pág. 90: “Pobre diabo – Ele aterrorizou a humanidade durante séculos Com o tempo, porém, se desmoralizou. agora, até as crianças contam anedotas sobre ele”.</p>	<p>Pág. 55: “Eu fui um simples operário – Hamilton Ribeiro foi trabalhar numa fábrica e morar numa velha pensão”.</p> <p>Pág. 69: “Eu aprendi a dirigir uma grande empresa – Henrique Carban viu como são os futuros</p>

			<p>administradores”.</p> <p>Pág. 81: “Eu vivi numa república de estudantes – Alberto Libâneo conviveu com universitários em Minas Gerais”.</p> <p>Pág. 93: “Eu entrei na turma – Luiz Fernando Mercadante ando 30 dias com os jovens de cidades do interior”.</p> <p>Pág. 105: “Eu encontrei um mundo bem comportado – Lana Nowikow foi recepcionista em um banco de São Paulo”.</p> <p>Pág. “Eu senti a dura vida do campo – Narciso Kalili foi trabalhar com camponeses numa fazenda da Bahia”.</p>
<b>15. Brasil / Internacional</b>	<p>Pág. 28: “Nosso rico, violento e confuso vizinho – Venezuela, 29 partidos estão às vésperas das eleições, num clima perturbado pelas guerrilhas e boatos de golpe”.</p>		
<b>16. Pesquisa / Tecnologia / Ciência / Medicina/ Psicologia/ Astronáutica</b>	<p>Pág. 78: “Dente por dente – Com medo do dentista, que hoje já não devia assustar mais ninguém, o homem continua se arriscando a doenças que nem imagina”.</p>	<p>Pág. 116: “A nossa mente – O que nos leva a bocejar, levantar um braço ou amar? A luta mais difícil que o homem já enfrentou: decifrar seu comportamento”.</p> <p>Pág. 142: “Zero! –</p>	

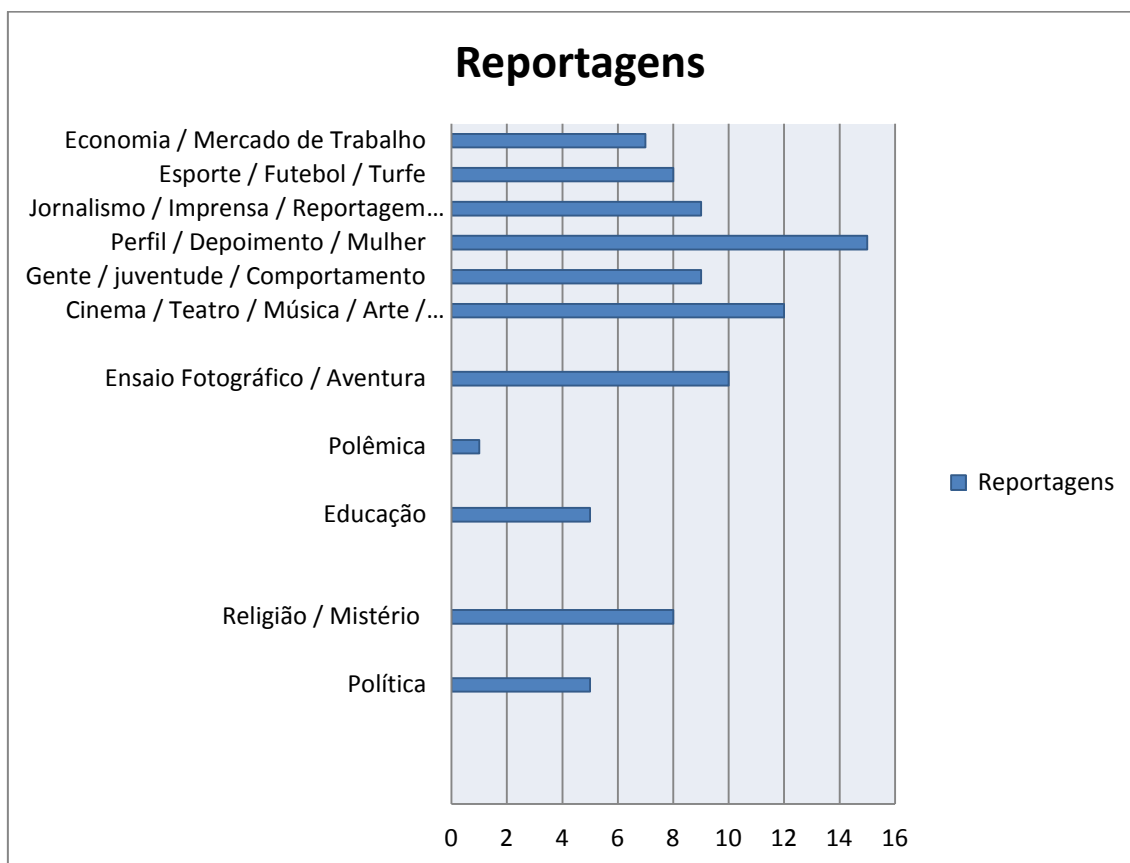
		Cada vez que se houve esse grito, mais um foguete é lançado da Barreira do Inferno, no Nordeste. O Brasil começa a viver a era espacial”.	
<b>17.Bebida / Carnaval</b>			



## APÊNDICE C

### Quadro das Seções e Reportagens - Síntese do Sumário Edições: 07 a 18

Seções	Reportagens	Observações
Capas	12	03 temas religiosos; 02 personalidades; 02 edições especiais (pesquisas); 02 educação (escola e sexualidade); 02 comportamento (Tio Sam e viciado); 01 festa popular (carnaval)
Política	05	01 presidentes; 01 governadores; 01 deputados; 01 advogado político; 01 prefeito
Religião / Mistério	08	02 assuntos relacionados à Fé; 06 sobre catolicismo
Educação	05	01 sobre adultos; 01 sobre sexualidade para crianças (comportamento); 01 matemática moderna; 01 pedagogia e 01 psicologia
Polêmica	01	Edição 10 (apreendida)
Ensaio Fotográfico / Aventura	10	02 na seção Aventura; 08 com temas variados
Cinema / Teatro / Música / Arte / Literatura / Humor	12	04 reportagens apenas na edição 08; 02 na edição 13 e 02 na 16; 02 personalidades e 02 sobre comportamento (moda jovem e obesidade). 01 Ensaio e Poesia
Gente / juventude / Comportamento	09	05 reportagens com personalidades, 02 desconhecidos; 01 comportamento (Paulistas X Cariocas) e 01 sobre objetos de coleção
Perfil / Depoimento / Mulher	15	01 Ensaio Fotográfico na seção Mulher; 09 reportagens com personalidades, entre elas a ex-esposa de Chaplin; 04 sobre comportamento e 01 sobre a Hungria
Jornalismo / Imprensa / Reportagem / Pesquisa / Entrevista / Polícia	09	03 sobre imprensa; 03 de ordem policial; 01 personalidade; 01 problema brasileiro (Piauí)
Esporte / Futebol / Turfe	08	01 Turfe; 01 Ensaio Fotográfico (Estádio); 01 boxe; 01 judô e 04 futebol
Economia / Mercado de Trabalho	07	03 sobre finanças; 03 sobre profissões; 01 problema nacional (Carne)
Problema	09	03 sobre comportamento; 05 sobre problemas de ordem nacional (Café, habitação, ferrovias, Recife e conflito de gerações, que também entende-se como comportamento) e 01 sobre estrangeiros no Brasil
Documento	08	01 entrevista com atriz sobre "comportamento sexual"; 01 reportagem sobre esporte (capoeira); 01 reportagem sobre fé (diabo, matéria de capa) e mais 05 da edição especial Nº18.
Brasil / Internacional	05	Das 05 reportagens, 04 são sobre outros países, 01 sobre bomba atômica
Pesquisa / Tecnologia / Ciência / medicina / Psicologia	11	03 sobre comportamento; 02 sobre saúde; 03 sobre tecnologia; 02 psicologia e 01 sobre vinho
Bebida / Carnaval	02	01 para cada seção

**APÊNDICE D****Gráfico das Reportagens – Edições: 07 a 18**

## APÊNDICE E

### Seção de Cartas do Leitor - Edições: 07a 18

**Edição 07: Outubro/1966**

Total de exemplares: 485.700

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 34

Comentários Favoráveis (F): 24

Comentários Não Favoráveis (NF): 08

Comentários Indiferentes (CI): 02

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
"A juventude diante do sexo"	"Não posso deixar de reconhecer ao doutor Alberto Cavalcanti de Gusmão, Juiz de Menores da Guanabara, o direito que lhe assiste de impedir a publicação da segunda parte da reportagem 'A juventude diante do sexo', em defesa do decoro da família brasileira. É de se notar que num lar qualquer, seja ele modesto ou luxuoso, nem todos são adultos, nem cultos: há as crianças e há as mocinhas".	Paulo Sarto, Ribeirão Preto / SP	NF	
"A juventude diante do sexo"	"Consideramos um artigo desse quilate como ultraje ao pudor e desrespeito à igreja".	Antonio Carvalho, Alto Paraguai / MT	NF	
"A juventude diante do sexo"	"Estava colecionando Realidade. Agora, porém, não mais me interessa, e os exemplares que possuo irão para o fogo".	R. Ferraz Sales, São Paulo / SP	NF	
"A juventude diante do sexo"	"Estou de acordo com o deputado Pedro Zimmermann, que, da tribuna da Câmara Federal, disse não acreditar que Realidade realmente entrevistou nossos jovens para a reportagem sobre sexo".	M. Pereira, Brasília / DF	NF	"Os mil questionários, com 116 mil respostas, estão à disposição do leitor e do deputado, na redação de Realidade".
"A juventude diante do sexo"	"Estou solidário com o leitor H. Barroto quando diz que a sua revista é caso de Polícia".	Bonifácio Contante Pereira, Niterói / RJ	NF	
"A juventude diante do sexo"	"Felizmente pude notar que o senhor H. Barroto - deveria se chamar H. Barroco, pelo atraso de suas ideias - ficou só, quando opinava que a Realidade de agosto 'não deveria mesmo		F	

	circular, pois é caso de polícia'. Faço votos para que a sua revista consiga derrotar aqueles que, imbuídos de preconceitos mesquinhos – e às vezes fazendo uso da prepotência – tentam impedir seu esforço para esclarecer o povo deste país”.			
“A juventude diante do sexo”	“Com pesar, vi, à porta de uma Igreja Católica – religião que eu pratico – uma coleta de assinaturas de protesto contra a reportagem de Realidade sobre o comportamento sexual da juventude. Se não fosse o alto valor do trabalho, nada teria a objetar. Mas o que a sua revista vem fazendo é dar verdadeiras aulas, demonstrando a exclusiva intenção de auxiliar e esclarecer os leitores. Talvez quieram, os patrocinadores do mencionado protesto, que permaneçamos todos em estado de indefinível ignorância”.	Scobar Neto, Londrina / PR	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“O Ministério da Educação precisa inserir, urgentemente, no currículo escolar, uma cadeira de educação sexual, suprimindo, assim, as falhas da educação doméstica. Os senhores devem levar a diante a reportagem e concluir a publicação de ‘A juventude diante do sexo’”.	Nilsa Maria Evangelista, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“O encaminhamento seguro do problema sexual é base da família. Digo da família, porque a maioria dos desajustamentos tem origem nesse problema. Sua reportagem é um serviço”.	Prof. José Carlos de Oliveira, Pato Branco / PR	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Faz-se mister uma grande revolução nas relações sociais entre pais e filhos. Considero um insulto pessoal a proibição do artigo da Realidade. Não devemos querer que os nossos filhos se assemelhem às crianças da Idade Média. Será que o próprio juiz de Menores da Guanabara esqueceu-se das suas interrogações de jovem?”	Senhora Capitão Nonato dos Santos, Rio / GB	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Ficamos chocados com a proibição da segunda parte da grande pesquisa sobre sexo. O juiz deveria ser o primeiro a se interessar pela divulgação, pois só com artigos assim acabaremos com o tabu que tanto mal faz a todos”.	Fernando Antonio Malogutti (e mais 25 assinaturas), Regente Feijó / SP	<b>F</b>	

“A juventude diante do sexo”	“Que ‘outros’ considerem a reportagem obscena e chocante, vá lá. Mas um Juiz – homem que, pelo menos, deveria ter noção do ridículo? É o fim”!	Walmor Giotto (e mais 03 assinaturas), Curitiba / PR	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Um Estado que tem como titular do Juizado de Menores pessoa da mentalidade do dr. Alberto Cavalcanti Gusmão não pode ironizar os atrasos da ‘Tradicional Família Mineira’”.	Sancho ribas Filho, Pirapora / MG	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Parabéns sobre a reportagem sobre a juventude e sexo. Tenho 29 anos, sou casada, mesmo assim aprendi muita coisa lendo-a. Esse dr. Gusmão não tem imaginação. Ou tem muita”.	Cleonice R. Ferreira, Rio / GB	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Estamos decepcionados com o Juiz de Menores da Guanabara. Felicito a juventude brasileira que foi de uma clareza e honestidade sem par – e peço-lhe transmitir minhas condolências à juventude carioca, que tem o privilégio de possuir um Juiz de Menores tão atualizado e tão inteligente”.	Amador Cintra do Prado Filho, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Quero protestar contra o Juiz que ameaçou a Realidade de apreensão. Acho que nem os cariocas aprovaram tal decisão”.	Paulo Cesar Fonseca, Pati de Alferes / RJ	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Da minha parte, aqui vai meu muito obrigada pela primeira parte da pesquisa. Minha mãe é psicóloga, meu pai é psiquiatra, ambos esclarecidíssimos. Mesmo assim aprendi muito com a reportagem. Não tenho palavras para expressar o que eu sinto contra esse juiz”.	Marcia G. Gomes, Rio / GB	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Envio, anexo a esta carta, uma dirigida ao Juiz de Menores da Guanabara. Peço-lhes que a enviem ao próprio e também que continuem na linha de verdade que escolheram. Na carta ao juiz, eu digo que se um homem sente-se chocado seja pelo que for, será sempre pela coisa em que mais está interessado. Porque como diz A. S. Neill, em seu livro “Liberdade sem medo” que diz: ‘o homem que afeta virtude é o libertino sem coragem para enfrentar a nudez da própria alma’”.	Silvia Batista, Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	“Realidade enviou a carta de Silvia ao Juiz de Menores da Guanabara. Com ela, remetemos fotocópias de centenas de cartas dos leitores que protestam contra a proibição. E também a única carta a favor da medida. Ao mesmo tempo, junto aos Tribunais competentes, Realidade continua

				lutando para que a ameaça de apreensão seja afastada e se possa concluir a reportagem”.
“Obrigado, Sr. Zingg”	“Fiquei surpreso e alegre ao ver as fotos e ler o texto de David Zingg. Nunca pensei que um estrangeiro pudesse gostar tanto do Brasil e dos brasileiros. O Sr. Zingg continuará fotografando para Realidade”?	E. Cuha, São Paulo / SP	<b>F</b>	“Continuará. Veja as páginas 44 a 52”.
“Enxugue a lágrima”	“A lágrima no rosto da capa de setembro é tão perfeita que vi uma garotinha tentando enxugá-la”.	B. C. Jackson, Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	
“Revisão versus Willys”	“Li na última Realidade que a Willys pode desaparecer. Não acredito que seja verdade”.	M. R. Dantas, São Bernardo / SP	<b>NF</b>	“E não é verdade mesmo. No artigo ‘Nosso automóvel tem futuro’, houve um erro de revisão. O texto era este: ‘A Willys, já ligada à Renault na área europeia, buscará apoio na American Motors ou até mesmo na Chrysler ou qualquer outra empresa na área americana”.
“O padre e o casamento”	“Li o artigo do sacerdote americano que abre o debate sobre o celibato sacerdotal. Julgo, eu que já ouvi de dezenas de colegas depoimentos tão dramáticos como o de Stephen Nash, que o tema tem nuances jamais suspeitadas. O mundo de hoje é diferente do mundo em que os Papas proibiram os padres de amar. Realidade deveria voltar ao assunto”.	Padre André Navarro Xavier, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“O padre e o casamento”	“Não acredito, quando Realidade afirma que vários padres, consultados pela revista, foram unânimes em sugerir a publicação da carta do padre Stephen Nash. Li diversas vezes o depoimento e observo que se um padre de 39 anos de idade e 14 de sacerdócio acha sua vida vazia é porque ainda não descobriu Deus na religião, nas criaturas, no trabalho, e em toda parte”.	I.B., São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“O padre e o casamento”	“Somos universitários e enviamos votos para que Realidade	Ilido M. Lima (e	<b>F</b>	

	continue seu trabalho de esclarecimento, de grande valor para todos nós. Como católicos e interessados em tudo o que ocorre no seio da igreja, gostamos do artigo 'Sou padre e quero casar', especialmente pela grande franqueza".	mais 02 assinaturas), Curitiba / PR		
"O padre e o casamento"	"Por um imperativo de consciência, tive a coragem de romper conceitos e leis já ultrapassados e abandonar as fileiras do sacerdócio. Gostei muito de ver Realidade abrir o diálogo sobre o assunto".	Prof. João Carlos Vilella, Varginha / MG	<b>F</b>	
"Oferta e procura"	"É com pesar que comunico: aqui em Natal aproveitando a grande procura, algumas bancas entregam a revista Realidade a garotos jornalheiros que cobram dois mil cruzeiros o exemplar. Não é um abuso"?	Prof. Iron Idalino, Natal / RN	<b>CI</b>	"É. E já foram tomadas providências junto ao distribuidor".
"Ainda os poemas"	"Com profundo pesar, e com o máximo respeito – que é o meu dever de católica para com os meus superiores religiosos – tenho que ir contra os poemas de Michel Quoist, que são diabólicos".	Rosaly Sombrio, Blumenau / SC	<b>NF</b>	"Sem pesar, mas também com o máximo respeito, acrescente-se que assim não pensa o frade que traduziu os poemas".
"Homem de teatro"	"Quero agradecer a belíssima reportagem 'Este é um homem de teatro' principalmente pelo que ela representa de divulgação da arte teatral brasileira, do assunto teatro no Brasil e de contribuição à melhoria do nível cultural e artístico do nosso país".	Paulo Autran, Rio / GB	<b>F</b>	
"A Madre e Realidade"	"Solicito números atrasados da revista, pois tenho uma irmã freira, e a Madre Geral do Convento achou Realidade muito instrutiva para as noviças".	Gilberto Caldeiras, São Paulo / SP	<b>F</b>	"Infelizmente os números 1, 2 e 3 da revista estão esgotados".
"Parabéns ao repórter"	"Parabéns ao repórter Roberto Freire, que escreveu o trabalho sobre psicanálise. Sandra, a personagem que ele usou, é um magnífico exemplo. E a simples leitura da reportagem pode encaminhar a solução de muitos problemas".	G.C.M. Niterói / RJ	<b>F</b>	
"Resposta a mil perguntas"	"Finalmente apareceu uma revista capaz de responder a mil perguntas dos milhões de brasileiros em todos os campos. Acabo de ler o número seis, que está uma gostosura. Especialmente o artigo assinado por Luiz Fernando Mercadante sob o título 'Há liberdade no Brasil'?"	Raul Guilherm e Urbano, Joinville / SC	<b>F</b>	

“Casamento Experimental”	“A professora Y. Mendes, de São Paulo, disse em carta publicada que é ‘a favor do casamento experimental por 02 anos’. Respeitamos a opinião da professora, mas a ideia me parece revoltante”.	Manoel Pinheiro (e mais uma assinatura), Pelotas / RS	<b>CI</b>	
“Que fábula”	“Achei uma fábula as fotos e os textos das parábolas. Gostei tanto que comprei três revistas: uma para a coleção, e as duas outras para recortar as fotos e emoldurá-las”.	Iracema R. Costa, Recife / PE	<b>F</b>	
“Governador em destaque”	“Realidade está mesmo uma brasa. Entre as suas reportagens, destaco aquela sobre o nosso governador, Paulo Pimentel”.	Dino de Almeida, Curitiba / PR	<b>F</b>	

**Edição 08: Novembro/1966**

Total de exemplares: 485.700

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 28

Comentários Favoráveis (F): 20

Comentários Não Favoráveis (NF): 06

Comentários Indiferentes (CI): 02

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Prêmio Esso”	“Calorosos parabéns a Luiz Fernando Mercadante pelo prêmio Esso dado à reportagem ‘Brasileiros Go home’. Realidade não poderia mesmo ter ficado sem este reconhecimento pelo muito que tem feito pelo desenvolvimento da nossa imprensa”.	Abreu Sodré, Governador eleito em São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Prêmio Esso”	“Recebam meu abraço caloroso pela grande notícia da concessão do Prêmio Esso ao repórter Luiz Fernando Mercadante. Essa distinção traduz o reconhecimento do talento jornalístico de quem é honesta e vigorosa expressão de homem de imprensa da nova geração”.	Paulo Pimentel, Governador, Curitiba / PR	<b>F</b>	
“Revolução na Igreja”	“Os verdadeiros católicos não devem iludir-se com as falsas pregações dos padres Dominicanos, pois eles desmoralizam a religião”.	Cássia Fernandes, Pará de Minas / MG	<b>CI</b>	
“Revolução na Igreja”	“Fico feliz em saber que a igreja se está transformando e se adaptando, procurando encarar os problemas sociais com verdadeiro realismo, como, no caso, a Ordem	Frederico Guilherme Jaeger, Belo horizonte /	<b>F</b>	



	de São Domingos”.	MG		
“A Revolta Húngara”	“Fiquei impressionado com o admirável artigo ‘A Revolta Húngara’, escrito por Alessandro Porro, no número 7 de Realidade. Estas linhas evocam com força aquele tremendo drama humano que, sem dúvida, anunciou uma nova época, o desmantelamento da tirania monolítica comunista. A importância do artigo consiste justamente na penetrante observação que o movimento húngaro de 1956 não era fascista, nem anti-socialista. Era uma verdadeira revolução popular, visando à redemocratização do país, guardando todas as reformas sociais que beneficiaram o trabalhador. Os jovens estudantes, intelectuais e operários que morreram nas ruas, nos cárceres ou na força, deram suas vidas para o livre desenvolvimento político, cultural e econômico do país”.	Kristóf kállai, Representante no Brasil do Comitê de Nova Iorque, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Tiragem de Realidade”	“Na sétima edição de Realidade, deparei com a tiragem de 485.700 exemplares. Será que vende tudo isso”?	Jairo Amarante, São Paulo / SP	<b>NF</b>	“Eis a tiragem e venda de REALIDADE nos seus primeiros seis números: Abril = 251.250 / 250.275 Maio = 281.750 / 281.517 Junho = 354.030 / 351.858 Julho = 448.992 / 404.060 Agosto = 470.030 / 430.122 Setembro = 473.230 / 440.103”.
“Realidade no Exterior”	“Acabo de receber, enviado por parentes, o número de setembro de Realidade. Nessa revista, encontrei a resposta à minha procura de reportagens e notícias sobre a atualidade brasileira, tão difíceis de se conseguir por aqui. Gosto da linha clara, completa e imparcial adotada nos seus artigos”.	Nilton G. Gimenez, Chanute Air Force Base, Illinois / EUA	<b>F</b>	
“Realidade no Exterior”	“Minha senhora e eu, professores de português no The American Institute for Foreign Trade, depois de cuidadosa pesquisa, decidimos que Realidade é a atual revista brasileira que melhor retrata e informa sobre a vida e o povo brasileiro em geral, de maneira objetiva, imparcial, esclarecida e	Dr. Guilherme de Castro e Silvia, Phoenix, Arizona / EUA	<b>F</b>	

	construtiva”.			
“Realidade no Exterior”	“Um exemplar de sua magnífica revista chegou a minhas mãos, aqui no Canadá. Formidável! Quero nesta breve mensagem expressar o meu contentamento ao ver que ainda há em meu país homens que se dedicam, sem temor, corajosamente, a combater a injustiça”.	Assis Lopes, Saint-boniface, Manitoba / Canadá	<b>F</b>	
“Realidade no Exterior”	“No seu artigo ‘Altamente Secreto’, está escrito que o coronel Stig Wennerstrom suicidou-se. Não é verdade! O ex-coronel apenas tentou suicídio, mas sobreviveu e está atualmente na prisão de Langholm, em Estocolmo”.	Jorge Silva, Estocolmo / Suécia	<b>CI</b>	
“Controle de natalidade”	“A resposta do Sr. Glycon de Paiva, á pergunta ‘devemos limitar a natalidade?’, bem demonstra o tipo de economista que é. Sua fórmula é simples e eficiente: matem os pobres e o Brasil será um país de ricos”.	Walter Campagnol, Campo Mourão / PR	<b>NF</b>	
“Controle de natalidade”	“Como médico, felicito a extraordinária, objetiva e patriótica resposta dada pelo Sr. Glycon de Paiva, a favor do controle da natalidade. O Brasil não deve preencher espaços vazios com estômagos vazios”.	Dr. Sidnei Pereira Lucas, São Carlos / SC	<b>F</b>	
“Sou padre e quero casar”	“O caso particular do padre Nash, se é real (pois soa a coisa forjada), é para entristecer. Por que não aconselham esse padre torturado a deixar o ofício e se casar, se é tanta a sua ânsia”?	Joel Rolim, Fortaleza / CE	<b>NF</b>	
“Sou padre e quero casar”	“Aprovo em tudo e por tudo os conceitos e expressões de Gustavo Corção, no seu artigo publicado no jornal ‘O Estado de São Paulo’, quando condena e protesta contra o depoimento do inventado padre Stephen Nash. Por que os senhores não mencionam o nome da revista norte-americana em que tal artigo foi publicado”?	Padre Clovis M. Render, Campinas / SP	<b>NF</b>	“O depoimento do padre Nash saiu, pela primeira vez, na revista The Saturday Evening Post”.
“Sou padre e quero casar”	“O Sr. Gustavo Corção que escreveu um artigo contra a revista Realidade parou no tempo. E teima ainda em escrever com pena de pato”!	Arthur Francisco Baptista, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Sou padre e quero casar”	“O autor do artigo ‘Sou padre e quero me casar’ teve a felicidade de conseguir exprimir em palavras exatas o que sinto sobre o problema. Soube apresentar o drama do seu celibato, sem desvalorizar a grandiosidade do celibato vivido por quem recebeu	Padre José O. N., São Paulo / SP	<b>F</b>	

	de Deus esse dom. Discordo totalmente do Sr. Gustavo Corção que em seu artigo distorce as palavras de Stephen Nash”.			
“Sou padre e quero casar”	“O artigo ‘Sou padre e quero me casar’ causou-me admiração e alegria pela sinceridade e seriedade manifestadas. Graças a Deus que já temos sacerdotes sinceros sobre este assunto. A maioria dos meus paroquianos gostaram do artigo. Sugiro seja realizado um inquérito sobre o celibato eclesial entre sacerdotes e fiéis de boa vontade. Como sacerdote me realizo e amo plenamente minha vocação, mas sinto, segundo ensina a palavra de Deus, que ‘a verdade nos fará livres’ e sinto profundamente ‘o medo’ que alguns parecem ter sobre certas ‘realidades verdadeiras’”.	Padre Henry Silveira, Sete Lagoas / MG	<b>F</b>	
“Sou padre e quero casar”	“Em meu nome e no de centenas de sacerdotes com quem conversei durante viagem pela América e Europa, parabéns pelo artigo ‘Sou padre e quero me casar’. Sugiro que os senhores enviem uma separata de tal artigo a cada um dos bispos brasileiros”.	Padre J.F.	<b>F</b>	
“Sou padre e quero casar”	“O artigo do padre Stephen Nash disse quase tudo. Espero continuar a ser padre, mesmo que a igreja não permita o casamento. Deus não me faltará com suas graças, para continuar nesse heroísmo que me impuseram, para ser fiel à vocação que me deu e ser um padre bom e apostólico”.	Padre A.F.	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Confesso que fiquei profundamente chocado. Sou pai de quatro rapazes, um deles já casado. Embora meus filhos sejam homens, importo-me também com o comportamento das moças, pois não vou querer como nora uma moça que já sabe demais”,	Marinho Vidal, Belo Horizonte / MG	<b>NF</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Não queria ser aluno de professor tão mal formado como o senhor Antonio L. Gomes que elogia ‘pesquisas’ despudoradas, e gosta de poemas para rezar ilustrados com mulheres desnudas. A única realidade é que os donos de Realidade querem enriquecer, mesmo sacrificando os mais sagrados valores da civilização. Só não o fazem quando seu lucro é ameaçado por algum juiz de	João e Miguel Q. Barros, Santa Maria / RS	<b>NF</b>	

	menores cômico de seu dever. Gostaríamos de ver esta carta publicada, mas não podemos acreditar que isso aconteça”.			
“A juventude diante do sexo”	“Sua enquete ‘A juventude diante do sexo’, para usar uma expressão popular, ‘me quebrou um galho imenso’. Tenho uma filha de 17 anos e dois rapazes de 13 e 16 anos. Nunca consegui fazer-me entender com eles a respeito de problemas sexuais, pois tendo sido educado em meio a tabus convencionais de nossa sociedade, nunca pude romper com a barreira do acanhamento e abordar a questão como devia. Sua revista fez isso por mim. Todos leram e emitiram sua opinião. Fiquei sabendo o que meus filhos fazem e pensam a respeito do sexo”.	Isaltino Brigagão Neto, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“O senhor Ferraz Sales ameaça queimar os exemplares que possui de Realidade; pois bem: estou disposto a pagar o preço que o senhor citado quiser (desde que numa base lógica!) pelos números 1 e 2 de Realidade. Iria, inclusive, até São Paulo para buscá-los. Eis meu endereço: Paulino Alves Barreto, Rua Miguel Jascus, 132 – São João do Meriti – Rio de Janeiro”.	Paulino Alves Barreto, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Não consideramos obscena ou chocante a pesquisa ‘A juventude diante do sexo’. Ela nada mais é que a coleta de dados reais. Não é o assunto que é chocante e sim a vivência atual dos nossos jovens. Mas se eles assim procedem, é consequência de uma educação falha. Sugerimos que a revista faça uma enquete junto aos pais, perguntando como orientam sexualmente seus filhos”.	Sr. e Sra. Adilson Brunharo, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Há alguns dias em nossa cidade realizou-se uma conferência sobre sexo, dirigida por um cônego, e este utilizou-se das estatísticas da pesquisa ‘A juventude diante do sexo’, para explicar, debater e esclarecer assuntos de nosso interesse”.	Paulo M. Barros Filho, Arcoverde / PE	<b>F</b>	
“A juventude diante do sexo”	“Sempre que se faz algo de útil para os jovens, há algum vetusto cidadão que se compromete a defender a ‘honra e a moral da nação”.	Caio Venâncio Martins, São Caetano do Sul / SP	<b>F</b>	
“A juventude	“Sua revista vem pregando a	Lea Delba,	<b>F</b>	

diante do sexo”	humanização do povo e não a dissolução da família como li em uma das cartas enviadas à Realidade. Sem moral são os que em tudo veem algo de pecaminoso”.	Belo Horizonte / MG		
“A juventude diante do sexo”	“Tenho 23 anos, sou mineira e professora. Protesto contra o que a sra.Tereza Alkmim publicou em um dos nossos jornais em nome das mulheres mineiras contra sua pesquisa ‘A juventude diante do sexo’. O que eu admiro é que essas mulheres mineiras nunca tenham visto certas revistinhas e livrinhos imorais que seus filhos leem. Por outro lado, será que todas as mulheres mineiras estão de acordo com as afirmações dessa senhora”?	Marlene Amaral, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	

**Edição 09: Dezembro/1966**

Total de exemplares: 485.700

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 12, mais a carta do Juiz de menores da Guanabara e o texto da decisão do Juiz.

Comentários Favoráveis (F): 07

Contrários ou críticas (NF): 06

Comentários Indiferentes (CI): nenhum

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Atenção: está nascendo um líder”	“O escopo da presente é externar a v.s., responsável pelos destinos dessa revista que já conquistou o nosso grande publico leitor, os mais sinceros e calorosos agradecimentos pela distinção e honra que nos conferiu. A reportagem publicada na sua edição número 7, que representa madura técnica jornalística, prenhe de sinceridade e franqueza, representa a promoção máxima que puderam nossa pessoa e nosso governo merecer da imprensa brasileira, seja pelo conteúdo honesto do relato, seja pelo valor indubitável de uma revista que à simples citação já é simpática e benfazeja. Os nossos reconhecimentos são, ainda, extensivos a essa formidável equipe de imprensa que coleta, que redige, que compõe, que	Íris Rezende Machado, Goiânia / GO	<b>F</b>	

	imprime e que distribui para todo o Brasil as páginas que levarão a quase meio milhão de lares a mensagem do mundo traduzida nas artes e nas ciências, no comércio e na indústria, nas cidades e nos campos. À oportunidade que se nos apresenta, ressaltamos a v.s. e a essa plêiade que compõe a Realidade os nossos protestos de alta estima e consideração”.			
“Atenção: está nascendo um líder”	“A nossa administração municipal tem se mostrado tão eficiente que o povo, de hábito indiferente com as coisas públicas, colabora espontaneamente com o prefeito. Divulgando o trabalho do prefeito de Goiânia, Realidade passou a ter um lugar em nosso coração. E nós, do Clube dos Trinta, concedemos a ela, oficiosamente, o título de ‘Cidadã Goianiense’”.	Antonio Eustáquio Machado de Aguiar, Goiânia / GO	<b>F</b>	
“Atenção: está nascendo um líder”	“‘Atenção: está nascendo um líder’ se constitui numa extraordinária promoção para a nossa capital”.	Dr. Luiz Augusto Sampaio, Goiânia / GO	<b>F</b>	
“Atenção: está nascendo um líder”	“Não posso deixar de protestar contra a reportagem feita com o prefeito de Goiânia, por sua tão comentada e elogiada Realidade. Afinal, qual foi o objetivo da entrevista com o prefeito? Enaltecê-lo ou rebaixá-lo”.	Maria Teresa de Moura e Silva, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Atenção: está nascendo um líder”	“Li a respeito da reportagem ‘Atenção: está nascendo um líder’. Achei-o terrivelmente falso, desprovido de princípios. Aproveita da inocência do povo”.	M. J. Dopp, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Atenção: está nascendo um líder”	“Não compreendi a razão por que esse periódico publicasse a reportagem ‘Atenção: está nascendo um líder’. Qual a causa de dar tanto destaque ao ‘Sr. Íris’? Pela reportagem, o leitor facilmente deduz que ele é um homem como inúmeros outros que existem espalhados por este Brasil afora: inteligente, esperto, capaz de fazer qualquer coisa para se destacar dos demais e ganhar nome. (Até pagar uma grande reportagem, na revista de maior evidência no Brasil, atualmente)”.	Antonio José Nunes da Silva	<b>NF</b>	“Realidade não vende reportagens. Nem para o prefeito de Goiânia, nem para ninguém”.
“Revolução na Igreja”	“Esses dominicanos não passam de uns falsos padres que pregam a revolta social”.	Maria Anunciador Ribeiro, Uberlândia	<b>NF</b>	

		/ MG		
"Revolução na Igreja"	"Parabéns pela reportagem 'Revolução na igreja'. Muita gente precisava saber que os Dominicanos são os 'cobrões' da nossa igreja".	Clarice Salomão, Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	
"Revolução na Igreja"	"O senhor não imagina a repercussão que tiveram os artigos 'Sou padre e quero casar' e 'Revolução na igreja', sobretudo entre o clero gaúcho. Realidade é uma revista aberta que não se inclina nem tanto a terra nem tanto ao mar".	Irmão Fábio Lourenço de Jesus, da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, Porto Alegre, RS	<b>F</b>	
"Vale a pena ser brasileiro?"	"Em nome da Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados quero congratular-me com a sua revista pela interessantíssima reportagem sobre os problemas dos naturalizados no Brasil. Com referência aos '46 impedimentos' mencionados por Realidade, tomo a liberdade de chamar a sua atenção para um lapso que ocorreu com referência à atuação dos brasileiros naturalizados em empresas jornalísticas: a Constituição deixa bem claro que podem ser proprietários das mesmas".	Arnoldo Felmanas, São Paulo / SP	<b>F</b>	
"Indinho brinca de índio"	"Para desilusão e revolta minha, vejo a minha revista eleita, na sua quinta edição, pegar o filho do todo-poderoso cacique e a família do abastado Page para fazer uma reportagem sobre os índios do Xingu. Eu sei, e o senhor também deve saber, da miséria e penúria em que vivem os índios. Basta citar que, quando o vírus do sarampo ataca um membro da tribo (de qualquer tribo e em qualquer estado), a virose se prolifera dizimando centenas de guerreiros, mulheres e crianças, sem que nenhuma providência seja tomada, em tempo oportuno, pelas autoridades competentes".	João Pinto Ferreira, Goiânia / GO	<b>NF</b>	
"Indinho brinca de índio"	"A reportagem sobre os índios não é a expressão da verdade. Somos, mato-grossense e goiano, testemunhas oculares do que verdadeiramente acontece com nossos índios: elevado índice de mortalidade, grande afluência de doenças e precária	Antonio Jajah Nogueira e Antonio Floryvaldo Lima	<b>NF</b>	"Os índios brasileiros estão, realmente, sendo dizimados pela doença e pelo contato com o branco hostil. Exceto no Parque

	assistência”.			Nacional do Xingu, local da reportagem ‘Indinho brinca de índio’. Ali, há 23 anos, os irmãos Vilas Boas defendem 14 tribos (cerca de mil índios) da pressão da nossa civilização. Vejam outra reportagem sobre o Xingu a partir da pág. 37 deste número”.
“A juventude diante do sexo”	SÍNTESE: Juiz de Menores da Guanabara acusa recebimento das cópias de cartas dos leitores em protesto contra a provável apreensão da revista, mas declara ter recebido inúmeras outras cartas com manifestações de apoio, da população e de importantes órgãos institucionais como Igrejas e movimentos feministas. Ressalta que o Juizado não prega o “puritanismo, ou ideias anacrônicas”. Pede que a revista considere a idade e a capacidade de compreensão dos leitores; “como é de esperar de um moderno órgão de informação que se propõe a divulgar a realidade dos fatos sociais do nosso tempo e os esforços humanos para alcançar a verdade”.	Alberto Augusto Cavalcanti de Gusmão, Juiz de Menores, Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	Realidade publica a decisão do Juizado de Menores da Guanabara, proibindo a segunda parte da pesquisa “A Juventude diante do sexo”.

**Edição 10: Janeiro/1967**

Total de exemplares: 475.000

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 22

Comentários Favoráveis (F): 13

Comentários Não Favoráveis (NF): 07

Comentários Indiferentes (CI): 02

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“O medo da verdade”	“Acho que Realidade é muito boa, mas li um artigo em um jornal de Juiz de Fora, comentando a pesquisa sobre o divórcio e dizendo que a revista estava interessada ‘em desagregar as fibras morais mais autênticas do nosso povo’. Nós, os leitores de	Celina R. Carvalho, Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	“Realidade atribui os ataques esporádicos que tem sofrido justamente ao fato de ‘esclarecer aos brasileiros sobre problemas jamais



	Realidade não podemos deixar ser difamada uma obra que visa esclarecer os brasileiros sobre problemas jamais abordados por outras publicações”.			abordados por outras publicações’. E continua acreditando que a única maneira do Brasil resolver os seus problemas é não temer enfrentá-los”.
“Deus está morrendo”?	“Mexer com sexo, divórcio, padres, etc ainda é aceitável, mas mexer com Deus, isto já é demais! Os senhores cometeram um crime publicando o artigo ‘Deus está morrendo?’”.	Lucinha Laurindo Sampaio, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Deus está morrendo”?	“Parabéns pela magnífica reportagem ‘Deus está morrendo?’. Não é mais possível o antropomorfismo divino. Há três anos fiz um verso dando meu conceito de Deus, dedicado ao Papa Paulo VI a quem enviei. Recebi do Vaticano agradecimento e a bênção papal”.	Diana Ficher Linhares, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Capa para encadernar”	“Pretendo encadernar minha coleção da revista, mas antes quero saber se Realidade, como anunciou, colocará à venda capas para colecionadores”.	Maria Fany Silveira, Rio de Janeiro / GB	<b>CI</b>	“Foram lançadas em dezembro, somente em São Paulo, capas para encadernar os nove números de Realidade publicados em 1966. Se a experiência for bem aceita, as capas serão colocadas à venda no país inteiro”.
“São Paulo precisa parar”	“Será que a jornalista Carmem da Silva sofre algum complexo por não ser paulista? O artigo ‘São Paulo precisa parar’ é uma ofensa para o laborioso povo paulista”.	Marta Eunice Prado, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“São Paulo precisa parar”	“Congratulo-me com a senhora reportagem de Carmem da Silva, ‘São Paulo precisa parar’”.	Maria José dos Santos, Santos / SP	<b>F</b>	
“Sou padre e quero casar”	“Estou de acordo com o senhor Gustavo Corção com respeito ao padre que quer casar. O assunto pode ser resolvido facilmente: que abandone o sacerdócio”.	Lygia Sixta Nunes, Jundiaí / SP	<b>NF</b>	
“Sou padre e quero casar”	“Numa conferência em Fortaleza, o padre Quintanilha, professor universitário de São Paulo, declarou que o artigo	Luiza Mafalda Junqueira de Barros,	<b>NF</b>	“Realidade aguarda para publicação, a prova que o padre

	‘Sou padre e quero casar’ é matéria forjada por um jornalista norte-americano. Também disse que a pesquisa ‘A juventude diante do sexo’ não representa a opinião média da juventude brasileira, pois, a pesquisa foi feita somente entre jovens de São Paulo e Rio de Janeiro’.	Fortaleza / CE		Quintanilha possa ter a não veracidade do depoimento do padre Stephen Nash. E ao mesmo tempo coloca à sua disposição todas as suas centenas de cartas, escritas por rapazes do país inteiro, tomando posição a favor da reportagem ‘A juventude diante do sexo’.
“Sou padre e quero casar”	“Gostaria de ler o artigo do padre Stephen Nash no idioma original. Em que revista americana poderei encontrá-lo”?	Marina Blank, Porto Alegre / RS	<b>CI</b>	“O depoimento do padre Nash foi publicado por uma grande e responsável revista americana – o ‘ <i>Saturday Evening Post</i> ’ – no número de 12 de março de 1966, sob o título ‘ <i>I am a Priest, I want to marry</i> ’.
“A arte descobre a mulher”	“Fiquei horrorizada vendo o artigo ‘A arte descobre a mulher’. Qual é a intenção da revista ao exibir mulheres nuas”?	Johanna Halter S. Matos, Uberaba / MG	<b>NF</b>	
“A arte descobre a mulher”	“Lindas, formidáveis as reproduções de quadros no n. 08 de Realidade. Oxalá voltem a publicar mais reportagem sobre arte”.	Raquel Sampaio Barbosa, Maceió / AL	<b>F</b>	
“A arte descobre a mulher”	“Gostei da reportagem ‘A arte descobre a mulher’, tanto pela magnífica apresentação, como pelo seu conteúdo artístico”.	Silvana J. Marques, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“A arte descobre a mulher”	“Gosto de pintar e achei ótimo o artigo ‘A arte descobre a mulher’, embora ouvisse algumas pessoas dizerem que as reproduções eram indecentes: isto me surpreendeu, pois em arte não existe indecência”.	Marcelle Blanchon, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Números atrasados”	“Como professora de Língua Portuguesa, vi em Realidade um conjunto de artigos verdadeiros que não devem escapar das mãos. Atualmente, possuidora apenas do nº 1, presenteie os	Plácida Aparecida Campos de Assis, São José do Rio Preto / SP	<b>F</b>	“Os números 1, 2 e 3 estão esgotados. Os demais podem ser obtidos, adquirindo um

	demais, desejo revê-los”.			cheque comprado ou visado no valor de Cr\$843 (porte incluído) por exemplar. O cheque deve ser remetido à Distribuidora Abril S/A – Caixa Postal 7901 – São Paulo, acompanhada de carta explicativa”.
“Números atrasados”	“Na edição nº 8 de Realidade, li que a tiragem do primeiro número (abril de 1966) foi de 251.250 exemplares e a venda de 250.775. Onde estão os 475 exemplares restantes? Quis pedir o número atrasado, mas me responderam que estava esgotado”.	Antoninha Pinto Barreto, Aracaju / SE	<b>F</b>	“E está mesmo. Os poucos exemplares que voltaram já foram remetidos para leitores que os solicitaram”.
“Brasileiros querem o divórcio”	“Causa repulsa ao mais superficial observador o resultado publicado por Realidade sobre o que pensam os brasileiros do divórcio. Responderam apenas 14.611 leitores dos quais 11.547 deram opinião favorável, e a revista publica em manchete ‘Brasileiros querem o divórcio’. Conclusão correta está com as 1.042.359 assinaturas antidivorcionistas recolhidas em 15 estados e no Distrito Federal pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Isto sim, louvado seja Deus, convence qualquer brasileiro que use a cabeça”.	Haydee Galli, São Carlos / SP	<b>NF</b>	“Veja resultados da pesquisa nacional realizada pelo INESE e que publicamos a partir da página 18 desta edição: eles confirmam os totais colhidos pela enquete de Realidade sobre desquite e divórcio”.
“Brasileiros querem o divórcio”	“Como advogada, acredito que um plebiscito seria o ideal para se saber o que os brasileiros pensam do divórcio. Porém não se deve olvidar que indecisos e inexperientes (não de casamento, mas de vivência) não ficariam imunes à campanha dos antidivorcionistas. Melhor então a repetição de enquetes como esta, garantindo-se a liberdade de opinião, que, afinal, dariam ao legislador uma ideia do que pretende, neste sentido, a maioria dos brasileiros”.	Marialice S. M. Figueiredo, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Brasileiros querem o divórcio”	“Nunca vi tanta falta de solidariedade feminina como a da senhora F. C., de Curitiba,	Vilma S. Dracenas, Brasília /	<b>F</b>	

	que, na reportagem 'O que os brasileiros pensam do divórcio', declara que as mulheres divorciadas e desquitadas são volúveis e inconstantes. Há oito anos fi abandonada por meu marido e há quatro anos que obtive o desquite: nem por isso deixei de ser uma mulher honesta e uma mãe digna que soube educar seus filhos".	DF		
"Revolução na Igreja"	"Embora tudo tenda a se modernizar, não aprovo a teoria dos padres dominicanos. Por que não abandonam o sacerdócio e entram na política"?	Janice Bia Louvreiro, São Paulo / SP	NF	
"Revolução na Igreja"	"Não compreendo porque ainda existem católicos que combatem a renovação da Igreja ou falam mal de uma ordem – que talvez nem conhecem - , como a dos Dominicanos, que é a elite da igreja".	Lúcia Cordeiro, São Paulo / SP	F	
"Revolução na Igreja"	"Achei fabulosa a reportagem 'Revolução na igreja'. Fico contente em saber que homens jovens de espírito lideram nossa religião".	Maria Izaltina Bezerra Nunes, Santos / SP	F	
"Cartas"	"Gosto de ler a seção 'cartas'. Acho interessantes as polêmicas entre os leitores, mas uma professora me disse que as cartas são inventadas".	Paulina Presht, São Paulo / SP	F	"Todas as cartas publicadas nesta seção encontram-se arquivadas e estão à disposição de qualquer leitor".

**Edição 11: Fevereiro/1967**

Total de exemplares: 505.300

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 20

Comentários Favoráveis (F): 18

Contrários Não Favoráveis (NF): 02

Comentários Indiferentes (CI): nenhum

OBS: "Não podendo publicar as centenas de cartas que chegaram a esta redação, Realidade agradece a todos os leitores que enviaram palavras de solidariedade e incentivo". Texto publicado ao final da seção, pelo editor da revista Realidade.

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
"Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje"	"Os senhores podem esperar o prêmio que estão procurando, pois quem semeia a prostituição e o adultério no seio das famílias honestas e no coração das mocinhas puras, terá de receber	Luiz Andrês Jr., São Paulo / SP	NF	

	resposta à altura, e eu tenho certeza de que o povo brasileiro saberá separar o joio do trigo, para lançar tudo o que é repulsivo e imoral ao fogo sagrado da justiça e da verdade”.			
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Estão vendendo pornografia, mas isto vai acabar. Palmas para os senhores juizes de Menores que saíram em defesa da Moral brasileira”.	Clementina Soares Mintori, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	Escrevo-lhe cheio de profunda tristeza pela apreensão da edição de janeiro desta revista. Pretendia estender-me a respeito, porém acho mais eloquente transcrever as palavras de um pai: Meus filhos leem comigo Realidade, pois creio que o ‘meio conhecimento’ em assuntos de educação sexual é o verdadeiro perigo. Autorizo a publicação desta e peço a Deus que esclareça as autoridades a respeito das diferenças entre obscenidade, sociologia e educação sexual. Pergunto ainda por que apreendem uma obra-prima e permitem a livre venda de livros pornográficos”.	Nicola Labate, São José dos Campos / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Tive a oportunidade de ler o exemplar de Realidade número 10 e achei-o apenas digno de elogios. Portanto, quero dar um voto de confiança e uma palavra de incentivo para que Realidade continue abordando qualquer assunto, com a mesma com a mesma coragem que tem demonstrado até agora”.	Eunice Aparecida Romão, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Com satisfação li num jornal desta capital, que o número 10 de Realidade foi lido num colégio de freiras com o consentimento da Madre Superiora. Estabelecer o diálogo é coisa importantíssima na educação da juventude e qualquer assunto, sem exceção, deve ser discutido e esclarecido para que as gerações de amanhã possam conduzir o Brasil para um futuro mais feliz”.	Hernani L. Furtado, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“A revista Realidade é, sem favor algum, a melhor revista brasileira. Na condição de assíduos leitores e admiradores incondicionais deste magnífico trabalho, tanto jornalístico quanto humano, sentimo-nos no direito de fazer algumas observações:	Osmar Sette (e mais cinco assinaturas), São Paulo / SP	<b>F</b>	

	<p>acreditamos que a intenção dos senhores foi criar uma revista capaz de despertar o pensamento dos brasileiros, abordando com honestidade assuntos de vital interesse e norteando-se sempre por critérios científicos. Isto dentro da estrutura arcaica em que vivemos é um avanço considerável. Assim é com pesar que afirmamos, como meros observadores, que os objetivos de vanguarda a que esta revista se propõe atingir, tais como, esclarecer, educar e orientar o leitor, estão, infelizmente, sendo mal compreendidos por alguns juizes de Menores. Há ainda neste país pessoas que se sentem duramente atingidas pela verdade, porque toda sua personalidade se baseia em valores estéreis de uma fictícia moral, impregnada ódio e intolerância. Sabemos que Realidade, se quiser continuar nos mesmos que até agora manteve, terá caminhos espinhosos e repletos de incompreensão. Congratulamo-nos com os senhores, que souberam manter bem alto o nome desta revista, não transigindo diante das dificuldades e ameaças”.</p>			
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	<p>“Se o juizado de Menores considera a mulher, o corpo da mulher e o parto como coisas obscenas então não há qualificativo para defini-la, pois homens que consideram a maneira como vieram ao mundo como coisa obscena, não devem sentir respeito por nenhuma mulher. Sou casado e tenho quatro filhos, sendo uma deles menina quase moça e jamais deixei de levar Realidade para o meu próprio lar. Inclusive a edição de Janeiro”.</p>	Henrique Fernando S. Cruz, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	<p>“Abraham Lincoln nos disse: ‘podeis enganar alguns por muito tempo, podeis enganar muitos por algum tempo, mas não podeis enganar muitos por muito tempo’. A campanha que ora se faz contra essa revista não tem sentido, pois o que ela nos conta é apenas a realidade”.</p>	Cleide Zimmermann, São Vicente / SP	<b>F</b>	
“Realidade	“As reportagens feitas pela	Geraldo		

N. 10: A mulher brasileira, hoje”	equipe de Realidade, se olhadas pelo prisma educativo, são de imenso valor. Pessoas ignorantes, que às vezes têm até preguiça de ler, quando criticam a revista é porque não tem possibilidade de entender suas mensagens. Por que Realidade não faz uma pesquisa entre seus leitores para conhecer o número de pessoas que a situam no nível de revista educativa e informativa e o número das que a condenam? Eu gostaria de ver esta enquete para saber qual é o Estado que mais negaria Realidade. Este será, ao meu ver, o mais atrasado”.	Goulart, Rio de Janeiro / GB		
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Lamento sinceramente estes últimos episódios encenados pelo Juizado de Menores. Antes ele tentasse recolher os milhares de ‘livrinhos obscenos’ que proliferam por todas as cidades”.	Reinaldo N. Takahashi, Campinas / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Será que a verdade apresentada nas páginas dessa revista ofendeu os brios dos nossos falsos moralistas? Por que então não recolher também certos jornais que quase todos os dias mostram em suas primeiras páginas fotos realmente obscenas”?	Romeu Rossi, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Fui assistente social durante quatro anos e, mais de uma vez, nos Juizados de Menores, vi criancinhas recém-nascidas abandonadas por mães solteiras (nem sempre pobres), que não tinham coragem de enfrentar a sociedade. Quem é mais digna? Aquela que luta contra tudo e todos para criar seu filho ou aquela que é capaz de praticar o crime do abandono para salvar as aparências”?	Aurélia B. Sivo, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Publicações diárias e semanais apresentam continuamente mulheres seminuas, em atitudes de franca sensualidade, aos olhos do público que transita pelas ruas das capitais. Entre esse público, há crianças e adolescentes, mas nesse caso ninguém protesta, nem o senhor Juiz de Menores. Mas um artigo, depoimentos dignos de serem lidos e estudados por tratar de assuntos verdadeiros, são apreendidos para salvar a inocência do	Carlos Antonio Barone, Rio de Janeiro, GB	<b>F</b>	

	nosso povo! Onde está o raciocínio equilibrado”?			
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	<p>“Por minha formação cristã, sempre pensei e penso que se cada um de nós, mortais, enfrentasse a vida com um pouco mais de indulgência em relação ao próximo, as coisas iriam bem melhor. Quero dizer que podemos aprovar ou não o modo de comportar-se de uma pessoa, mas nem por isso apelar ao escândalo, caso não concordemos com esse modo de viver. Achei interessantes as histórias da jovem mãe solteira e da atriz: elas agiram como sentiam que deviam agir. Nem por isso eu vou fazer a mesma coisa, pois eu tenho a minha personalidade e o meu modo de ver as coisas. Quanto a história do parto, tudo é tão natural, para não dizer corriqueiro, que não consegui entender por que foi censurada. Se é por causa das fotografias, todos nós nascemos desta maneira e é até comovente ver uma vida chegar ao nosso mundo tão encrencado. Este nosso mundo, para progredir, necessita de muita, mas muita indulgência mesmo. Será que o senhor e sua equipe conseguirão explicar o que é indulgência para aqueles que só sabem criticar e difamar”?</p>	Maria Lúcia Tibério de Andrade, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	<p>“Às nossas mãos, por intermédio de uma pessoa amiga, veio ter o exemplar que no rio de Janeiro foi confiscado, ato que – diga-se para bem da cultura brasileira – é uma ignomínia, no qual lemos e lemos e apreciamos as ilustrações da reportagem ‘Assista a um parto até o fim’, sendo que o conteúdo desta, nada mais é que um resumo instrutivo ao alcance das mentalidades de níveis médio e superior, tão necessário à formação do povo brasileiro. Nosso pensamento, queremos crer, representa grande parcela do pensamento de nossos concidadãos brasileiros e, por isso, renovamos nossos protestos diante de atitude tão falsa e hipócrita das autoridades que presidiram tal ato”.</p>	José Carlos Branco (e mais 03 assinaturas)	<b>F</b>	



“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Tenho acompanhado – entre perplexo e profundamente envergonhado – as declarações do Juizado de Menores em suas ‘justificativas’ para a apreensão de Realidade de janeiro. Lamentamos as arbitrariedades que vêm se realizando quase sem chances de reação. Posso imaginar como estão se sentindo todos aqueles que veem na sua revista uma das poucas expressões de inteligência neste país”.	Roberto Dualibi, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Como mulher atualizada – que sofreu os erros de uma educação excessivamente controlada, onde tudo era feio, e o ‘feio’ não era explicado -, venho levantar o meu protesto pela maneira de pensar retrograda dessas pessoas que fizeram arrancar das bancas um tão importante número de Realidade. Se existem pessoas de mentalidade tão atrasada, elas em absoluto não representam a maioria! Sou casada, mãe de quatro filhos sendo a mais velha uma menina de sete anos; e foi exatamente pensando nos meus filhos, que resolvi colecionar esta revista. Por que achar o parto uma coisa imoral? O parto faz parte da criação humana e precisa ser visto como é, e nunca como uma ficção com histórias sem sentido e obsoletas, como é costume contar às crianças”.	Alda Mesquita Steinberger, Niterói / RJ	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Em reunião do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Agências de Propaganda de São Paulo, realizada em 4 de janeiro, por proposta do signatário, foi consignado um voto de solidariedade desta Associação a vossa senhoria, pela incompreensão de algumas autoridades, em relação à revista”.	Julio Cosi Jr, Presidente. São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Realidade exhibe a realidade dos fatos. E tudo o que é realidade deve ser exposto e discutido”.	Walter Thien, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Realidade N. 10: A mulher brasileira, hoje”	“Gostei imensamente da honestidade que Realidade teve em publicar as opiniões da mulher brasileira sobre todos os assuntos da última pesquisa. Que medo têm certas pessoas de ler a	Tereza Monfort, São Paulo / SP	<b>F</b>	

	<p>verdade! Fiquei emocionada com a reportagem 'Nasceu!'. A foto tirada com o papai feliz carregando pela primeira vez seu filhinho é de uma força de expressão formidável. A fisionomia do rapaz é de ternura e orgulho. A foto tirada na hora H é também ótima, e servirá para eu responder à pergunta que não deve tardar dos meus dois meninos: de que jeito nasce um bebê?"</p>			
--	--	--	--	--

**Edição 12: Março/1967**

Total de exemplares: 455.000

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 25

Comentários Favoráveis (F): 20

Comentários Não Favoráveis (NF): 04

Comentários Indiferentes (CI): 01

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
"A apreensão do número 10"	"É verdade que estamos numa época de plena evolução material e moral, mas por que pregar o materialismo desta maneira? A ingenuidade é uma das mais belas virtudes, e o Sr. Juiz de Menores fez muito bem em apreender a edição dedicada à mulher brasileira".	Jeferson Mateus Ollero, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
"A apreensão do número 10"	"É de estranhar que Realidade só tenha recebido duas cartinhas protestando contra a sua maneira sueca de levar a todos os lares e aos brasileiros de todas as idades o depoimento libertino de uma mulher livre e o depoimento de uma mulher universitária que é mãe solteira e se orgulha disso".	Everton P. Vieira, Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	"As cartas publicadas nesta seção são proporcionais à quantidade recebida sobre cada assunto. E toda nossa correspondência está à disposição dos interessados".
"A apreensão do número 10"	"Lamento profundamente ter sido apreendida a Realidade N. 10 pois foi muito bem preparada, com conteúdo sadio e assunto deveras interessante. Tabu? Por que, sr. diretor? Tudo o que Realidade mostrou existe! Não podemos ignorar!"	Ana Santos, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
"A apreensão do número 10"	"Acompanhando meu protesto, achei por bem enviar-lhe o recorte do jornal Tribuna do Norte, de Natal de 15 de janeiro	Ivan Melo, Natal / RN	<b>F</b>	

	de 1967, onde saiu um artigo do Padre José Luiz, residente em Natal, que também protesta contra a apreensão da revista. O fato é digno de registro, por tratar-se de um sacerdote”.			
“A apreensão do número 10”	“Notei, após ter lido a reportagem feita nas primeiras páginas da edição de fevereiro, cujo título se lê “A edição proibida: acusação e defesa”, que a defesa suplantou a acusação com méritos indiscutíveis. Após estas explicações necessárias, Realidade provou mais uma vez, que continua no caminho do bem e da verdade”.	Wanderlei Lara Leo, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A apreensão do número 10”	“Uns concordam e outros discordam quanto à apreensão do Nº 10. Também há os que são pró e os que são contra a ousadia de Realidade em publicar assuntos de importância com a simplicidade e a seriedade com que o fez até agora. Mas não há dúvida de que todos concordam em discutir o problema. É a grande vitória de Realidade”.	Geni Jardineiro, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A apreensão do número 10”	“Protesto contra a atitude do Juizado de Menores. Uma revista que tão bem esclarece a opinião pública, sobre fatos verdadeiramente reais, não merece esta injustiça”.	Silvio Augusto Neves, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A apreensão do número 10”	“Quanto a apreensão da sua revista efetuada pelo Juizado de Menores, acredito que o ponto de vista defendido por aquela autoridade reflete apenas a mentalidade de uma minoria da população urbana brasileira. Seria um desestímulo para a geração nova e progressista de hoje, admitir que o futuro do Brasil está enfeixado na mão desses sinceros, mas desatualizados defensores da moral e dos bons costumes”.	Douglas Carrara, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“A apreensão do número 10”	“Adquiri o N.11 de Realidade. Nele, pude constatar o porquê da apreensão do N.10, que não chegou até Anápolis, para desconsolo de seus inúmeros leitores e admiradores. Pelo que pude observar, através do relato da acusação e da defesa, firmei ainda mais o meu ponto de vista sobre essa revista: ela é, de	Sergio Gonzaga Jaime, Anápolis / GO	<b>F</b>	

	fato, a fonte noticiosa e informativa mais credenciada do nosso país”.			
“A apreensão do número 10”	“Sendo de grande interesse de uso científico a aquisição de Realidade N.10, solicitamos-lhe enviar-nos um exemplar pelo reembolso postal”.	Padre Bernardo Thus SVD, Barra Mansa, RJ	<b>F</b>	“Todos os exemplares de Realidade 10 postos à venda estão esgotados. Os que se encontram em depósito, apreendidos, somente poderão ser vendidos após decisão da justiça, caso Realidade veja aceita a defesa apresentada por seus advogados”.
“Visita do Governador do Paraná”	“Não esquecerei minha recente visita feita à Editora Abril e as atenções recebidas da parte de seus diretores, possibilitando-me uma visão de conjunto dos empreendimentos que estão sendo comandados por esse admirável e dinâmico homem de empresa que é Victor Civita. Pude ver, funcionando em sua plenitude, um grande parque gráfico, responsável pelo lançamento de vitoriosas publicações que conquistaram o mercado editorial do país, graças a alta qualificação técnica e profissional de seu pessoal e ao elevado padrão jornalístico que mantêm, suscitando uma competição sadia e um surto de renovação na imprensa brasileira”.	Paulo Paimentel, Governador do Paraná	<b>F</b>	
“Tenho câncer e não quero morrer”	“Criatura admirável a moça que se deixou entrevistar para reportagem ‘tenho câncer e não quero morrer’. Até faz a gente se sentir bem pequenina e mesquinha ao lado dela”.	Mercedes Quintana, João Pessoa / PB	<b>F</b>	
“Tenho câncer e não quero morrer”	“A protagonista da reportagem ‘tenho câncer e não quero morrer’ é digna de respeito e admiração e nunca de piedade. Chega-se até a ter inveja de um espírito tão superior”.	Mário Franco, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“A escola do futuro já existe”	“Achei magnífica a reportagem sobre os ginásios vocacionais”.	Prof. Waldir dos Santos, Orientador Educacional do G.V. João XXIII,	<b>F</b>	

		Americana / SP		
“A escola do futuro já existe”	“O futuro do nosso país estará salvo quando houver mais escolas vocacionais no Brasil”.	Olga Abreu Leme, Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	
“As máquinas que quase falam”	“Lamento que, na reportagem sobre computadores, só tivessem sido feitas das ligeiras menções à IBM, a maior firma do mundo, no gênero”.	Ebréia de Castro Alves, Rio de Janeiro / GB	<b>CI</b>	
“As máquinas que quase falam”	“A reportagem sobre o computador mostrou-me ser ele uma máquina simples. A falta de divulgação sobre o fato o havia transformado num mistério, numa coisa que só os deuses são capazes de produzir e operar”.	Antonio Viana Xavier, Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“Preconceito: o bicho papão”	“Permita-me fazer um trocadilho: Carmem da Silva é igual à Amélia de Ataulfo Alves: é uma mulher de verdade. Seu artigo ‘Preconceito: o bicho papão’ é uma verdadeira demonstração de cultura e de equilíbrio emocional: é assim que deverá ser a mulher brasileira de amanhã”.	Justina Lotuso Magelli, Juiz de Fora / MG	<b>F</b>	
“Preconceito: o bicho papão”	“Parabéns a toda a equipe e em particular a Carmem da Silva que escreveu o artigo ‘Preconceito: o bicho papão’”.	Manuel Nascimento dos Santos, Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Eles devem saber a verdade”	“Informar a uma criança de três anos o segredo do nascimento é ignomínia. E sobretudo quando se fala que essa informação é para evitar neurose. Eu e todos de minha geração vivemos, crescemos, casamo-nos não ficamos e nem somos neuróticos. E para isso não foi preciso que nossos pais nos falassem do modo como nos geraram. Esses tais psicólogos parecem que não têm o que fazer na vida”.	Cremilton Silva Oliveira, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Eles devem saber a verdade”	“A reportagem ‘Eles devem saber a verdade’ é uma verdadeira aula de psicologia. Não devemos ter vergonha de falar de coisas que Deus não teve vergonha de criar”.	José Fuovo, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Eles devem saber a verdade”	“Parabéns pela esplêndida reportagem sobre a educação sexual da criança. Espero que continue nos brindando com assuntos tão importantes para o	Teresa Siqueira, Salvador / BA	<b>F</b>	

	futuro dos nossos filhos”.			
“Eles devem saber a verdade”	“Li com atenção o artigo ‘A educação sexual da criança’. Apreciei demais as fotografias, os exemplos concretos e as deliciosas respostas que muitas crianças ouvirão – de hoje em diante. Mas o articulista ignorou totalmente dois terços da realidade – os pais e a sociedade. Como podemos nós, com a nenhuma ou com a péssima educação que tivemos e a má prática que conhecemos, ser ‘naturais, francos, diretos e simples com as crianças’? Só se elas - as crianças - no-lo ensinarem. Pode alguém dar o que não tem? Pode ter o que não recebeu? Que tal repartir com elas a tarefa? Diríamos: olhe meu filho, eu sei como é, mas fico atrapalhado falando isso com você. Todos dizemos que é natural e bonito, mas para mim nunca foi uma coisa nem outra...dizemos a verdade sexual e a verdade sobre nosso embaraço...”.	Dr. José A. Gaiarsa, São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Deus está morrendo”?	“Refiro-me ao artigo ‘Deus está morrendo’? – edição N.9 de dezembro de 1966. O articulista deve ser um desses modernos engajados, segundo suas próprias palavras, no ateísmo militante. O tema em si não é inabordável. Entretanto, não se pode admitir que uma revista de tal envergadura, venha tratar de um assunto, de tamanha complexidade, trazendo para os seus leitores, apenas a opinião de filósofos materialistas convencionais e de estudantes incipientes que nem sequer saber o que significa Teologia. Uma pergunta: por que omitiram a opinião dos espíritas”?	J. Pereira de Araújo, São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Deus está morrendo”?	“Comprei vários exemplares da edição de dezembro, para os rapazes da minha paróquia, a fim de que leiam e discutam o artigo ‘Deus está morrendo’?, trabalho objetivo e realista”.	Monsenhor Paulo Teodor Schroeder, Poté / MG	<b>F</b>	

**Edição 13: Abril/1967**

Total de exemplares: 455.000

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 10

Comentários Favoráveis: 10

Comentários Não Favoráveis (NF): nenhum

Comentários Indiferentes (CI): nenhum

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Quem era o Homem Jesus”?	“Se Deus, Jesus, os apóstolos e os santos deixarem de ser mitos, não haverá mais religião. Realidade é uma publicação culta e avançada demais para um povo tão pouco esclarecido como o nosso”.	Dr. Vladimir Medeiros – Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Quem era o Homem Jesus”?	“No meu entender, “Quem era o Homem Jesus”? e “Deus está morrendo”? são os dois trabalhos sobre temas religiosos de maior fôlego, publicados nos últimos anos”.	Getúlio Targino Lima – Anápolis / GO	<b>F</b>	
“Quem era o Homem Jesus”?	“Se todos os homens do mundo procurassem parecer-se com o “Homem Jesus” e não pensassem nele como mito, a fé universal seria bem mais profunda e maior, já que a bondade de Jesus era infinita, embora fosse homem”.	Altamiro Lomanto – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Ensino vocacional”	“Não poderíamos deixar passar esta oportunidade para agradecer a excelente reportagem “Já existe a escola de amanhã”, publicada no número 11 da revista. O ensino vocacional foi descrito de forma objetiva e agradável, despertando a atenção dos leitores. Reportagem desse gabarito tornaram Realidade a maior e a mais lida revista do país”.	Arnaldo de S. Negreiros, Serviço do Ensino Vocacional - São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Ensino vocacional”	“considero excelente a reportagem “Já existe a escola de amanhã”. A experiência dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo merece aplausos de todos os educadores, pois representa um esforço planejado e objetivo no sentido de modernizar o ensino secundário e integrá-lo nos objetivos de promoção social do povo brasileiro”.	Prof. Jacinto Guerra, Diretor do Ginásio Industrial Estadual - Bom Despacho / MG	<b>F</b>	
“A igreja se renova”	“Encontrei no nº 11 da sua conceituada revista uma imprecisão bastante	Frei Paulo Telleger – Uberaba /	<b>F</b>	

	<p>desagradável, na reportagem sobre a renovação da igreja, especialmente na Holanda. Nas fotografias das páginas 58 e 59, não se trata de uma ceia eucarística com consagração e comunhão, como o texto sugere, mas de uma ceia ecumênica, de católicos e protestantes, onde habitualmente nenhum sacerdote está presente. Durante esta ceia, há cantos, orações e leituras, mas trata-se de uma refeição, não de uma nova forma de missa. Eu mesmo, que sou holandês, já participei de uma dessas ceias. Aproveito a oportunidade para dizer que considero ridícula a acusação ao nº 10 de Realidade, que alguns taxaram de “obsceno”. É o cúmulo do farisaísmo e de total falta de realismo.”</p>	MG		
“Magarefes: eles vivem de matar”	<p>“Depois de ter lido a reportagem “Magarefes: eles vivem de matar”, cada vez que eu for comer um bife, não poderei deixar de pensar no sofrimento do gado, em Feira de Santana, Bahia. Nunca pensei que no meu país existissem tais horrores. Somos ou não civilizados? Não existe no Brasil uma Associação Internacional de Proteção aos Animais? Que está fazendo? Por que não toma providência? E os Juizados de Menores? Apreendem uma edição de Realidade sob pretexto de que é “obscena” e inadequada para menores, mas permitem que crianças de 12 anos participem dessas matanças”.</p>	João Soler – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Magarefes: eles vivem de matar”	<p>Sem qualquer culpa da revista, o artigo “Eles vivem de matar” é simplesmente horrível, nojento, desumano e patológico. Sabemos que há muita maldade humana neste planeta de Deus, mas isso não justifica a nossa apatia diante de cenas vis, deprimentes e ofensivas. Que interesse podemos ter pela nossa pátria e por nós próprios se nem ao menos sabemos respeitar os últimos instantes de vida de um pobre ser indefeso”?</p>	Haroldo S. F. Geribello – São Paulo / SP	<b>F</b>	



“Magarefes: eles vivem de matar”	Já que não é possível pedir que não matem os animais, coisa que seria considerada uma fantasia, os senhores não poderiam sugerir que os matem adequadamente”?	Hilda Hist – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Aniversário de Realidade”	No momento em que Realidade completa seu primeiro aniversário de circulação nacional, enviamos ao ilustre jornalista nossas congratulações, esperando ter o apoio deste conceituado órgão para a promoção e o desenvolvimento do Nordeste”.	Miguel Vita, Presidente da Federação das Indústrias – Recife / PE	<b>F</b>	

#### Edição 14: Maio/1967

Total de exemplares: 455.000

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 24

Comentários Favoráveis (F): 18

Comentários Não Favoráveis (NF): 05

Comentários Indiferentes (CI): 01

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Quem era o Homem Jesus”	“Não tenho adjetivo para qualificar a reportagem “Quem era o Homem Jesus”. É lamentável que haja uma revista aparentemente tida como culta, e instrutiva, e que desça tanto ao abordar um tema para o qual não esteja capacitada”.	Gilson Faustino Maia – Angra dos Reis / RJ	<b>NF</b>	
“Quem era o Homem Jesus”	Excelente o artigo “Quem era o Homem Jesus”. Trabalho de fôlego de Roberto Coughlan e magistral adaptação de Duarte Pacheco”.	Antonio Chamorro – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Quem era o Homem Jesus”	“O artigo não somente blasfemou do ponto de vista cristão, senão também do ponto de vista histórico-científico”.		<b>NF</b>	
“Quem era o Homem Jesus”	“Formidável o estudo sobre a grande interrogação, apropriada para os dias atuais em que a fé exige provas e fatos inegáveis”.	José Faustino – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Estamos na era do átomo”	“Venho cumprimentá-los pela reportagem e fazer um esclarecimento: as experiências de aplicação de radioisótopos na agricultura foram conduzidas pela cadeira de Bioquímica da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queirós, e não Instituto	Walter Soboll, Presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queirós – Piracicaba /	<b>CI</b>	

	Luiz de Queirós como consta no referido trabalho”.	SP		
“Café em debate”	“Num assunto tão controvertido – o problema do café no Brasil – é com satisfação que lemos matéria do tipo da inserida em Realidade do mês de Abril. A divulgação, feita com a maior honestidade e equilíbrio, das críticas, das novas ideias e das intenções do governo sobre o nosso produto-chave, só pode ser útil ao encaminhamento da solução adequada. A reportagem colocou muito bem todos os aspectos do problema, destacando inclusive a ameaça que paira sobre o país se ocorrer um colapso da cafeicultura, determinada pelo desemprego em massa na lavoura e seus reflexos terríveis no abastecimento das cidades. Realidade está de parabéns. Prestou um grande serviço ao país”.	Lineu Carlos de Sousa Dias, Chefe da Seção do Café da Sociedade Rural Brasileira, ex-diretor do ICB e conselheiro da Cooperativa Agrícola de Cotia – (não informado o local)	<b>F</b>	
“Café em debate”	“Convidado a conceder entrevista a Realidade sobre assuntos a meu setor no IBC , acedi prazerosamente, na convicção de que assim prestaria um serviço necessário à opinião pública e aos cafeicultores em particular. Estranho agora, ao ler o número de abril, não ter sido correta a reprodução de minhas palavras e as minhas ideias, parecendo haver mesmo o propósito de desfigurá-las. Tão inexata é a matéria nessa parte que, pela presente, desautorizo as declarações que me foram atribuídas”.	José Alcindo Rittes, Chefe do Departamento de Assistência e à Cafeicultura do IBC – (não informado o local)	<b>NF</b>	“O jornalista José Hamilton Ribeiro insiste que reproduziu fielmente as declarações do sr. Rittes. E Realidade acredita no seu repórter”
“O Piauí existe”	“Na qualidade de piauiense, filha de Oieras, fiquei revoltada com a reportagem sobre o pequeno Estado, publicada no nº 13 dessa revista. Venho lançar meu protesto, pois reportagem dessa natureza eu jamais gostaria de ler e acredito que nenhum piauiense”.	Maria Benedita – Goiânia / GO	<b>NF</b>	
“O Piauí existe”	“É digna de encômios a reportagem “O Piauí existe”. Muito contribuiu para arrancar o Estado do ostracismo”.	Lindomar Oliveira – Brasília / DF	<b>F</b>	
“O Piauí existe”	“Através desta carta queremos protestar contra um artigo publicado nesta já altamente	José Nunes Mendes de Carvalho;	<b>NF</b>	“A reportagem “O Piauí existe” provocou uma

	conceituada revista intitulado “O Piauí existe”, pois é considerado por nós pejorativo, solerte e insidioso. Precisamos é de ajuda, de compreensão e não de basófias ridicularizantes”.	José Gornstejn; José Dutra de Melo Filho – Rio de Janeiro / GB		onda de manifestações. Tanto de apoio quanto de protesto. Sendo que estes não partiram dos que não compreenderam o tom emotivo, humano e participante com que o repórter Carlos Azevedo manifestou a ternura com que viu e sentiu os problemas e as peculiaridades do Piauí. Mas felizmente a maioria sentiu que a matéria inteira é uma tomada de posição em defesa do homem e da terra piauiense”.
“O Piauí existe”	“É para nós motivo de júbilo possuímos uma revista como é Realidade. Considero excelente a reportagem “O Piauí existe”, pois é o retrato fiel e autêntico daquela gente e daquele Estado que conheço muito bem”.	Arsênio Barbosa de Araújo – Rielma / GO	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Desejo felicitá-lo pelo transcurso do primeiro aniversário. Na Guanabara, a revista é lida e apreciada como se fora publicação de cariocas para cariocas”.	Negrão de Lima – Governador da Guanabara	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Leitor assíduo, sinto-me feliz em congratular-me com todos que fazem de Realidade o que ela é: uma revista adulta, atual, de vanguarda, que honra o jornalismo do nosso Estado e do nosso país”.	Abreu Sodré – Governador de São Paulo	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Cumprimentos pelo transcurso do primeiro aniversário, fazendo votos de novos sucessos à publicação que veio enriquecer o panorama da imprensa brasileira”.	Israel Pinheiro – Governador de Minas Gerais	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Ela é uma revista que nasceu adulta. Que continue dignificando a imprensa brasileira”.	Faria Lima – Prefeito de São Paulo	<b>F</b>	
“O resultado	“Sinto-a como alguma coisa que	Luiz de	<b>F</b>	

de um ano de trabalho”	deve existir, mesmo porque o seu nome é, já de si, um sinal de que ela precisa estar permanentemente presente”.	Sousa Lima – Prefeito de Belo Horizonte / MG		
“O resultado de um ano de trabalho”	“Congratulações primeiro aniversário revista grande serviço prestado inteligência país vg incorporada patrimônio cultural brasileiro” pt	Antonio Carlos Magalhães – Prefeito de Salvador / BA	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Realidade rivaliza com as maiores revistas feitas no mundo... Sacudindo a opinião coletiva, descrevendo a mente média do público e desafiando carunchosos preconceitos e tabus, dentro de uma linha de corajosa honestidade, Realidade, em apenas doze meses, apressou o processo de maturação psicológica de um povo ainda adolescente”.	Carlos Alberto Moro – Secretário da Educação e Cultura do Estado do Paraná	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Estou certo de que Realidade continuará prestando valioso serviço à sociedade brasileira”.	Paulo do Rangel Moreira, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Adotando uma linha de conduta ética das mais elogiáveis, Realidade dá um exemplo de como se deve fazer imprensa no Brasil”.	Aristofanes de Andrade – Presidente da câmara Municipal de Recife / PE	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Ao ensejo do primeiro aniversário de Realidade, apraz-me enviar meus cumprimentos e os melhores votos de positiva contribuição para o aprimoramento cultural da nossa gente, na fiel retratação da realidade brasileira”.	Dr. Carlos Santos – Presidente da Assembleia Legislativa de Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Cumprimos a equipe a ensejo do primeiro aniversário da revista. Sua moderna feição gráfica, seus cuidados e planejamento são de molde a merecer aplauso e admiração”.	Carlos Regius – Presidente da Associação Riograndense de Propaganda	<b>F</b>	

“O resultado de um ano de trabalho”	“Cremos que os doze meses de existência de Realidade são uma constante confirmação dos propósitos – informar, estimular, divertir e servir – que deram vida à revista”.	José Aloísio Filho – Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“O resultado de um ano de trabalho”	“Venho felicitá-lo pela passagem do primeiro aniversário de Realidade, e lembrar suas mais emocionantes reportagens: o depoimento de Ingrid Thulin (número 1); o perfil do ex-presidente Castelo Branco (nº 3); o esclarecimento com que dirigiram a pesquisa “Nossa juventude diante do sexo” (nº 5); a religiosidade ecumênica do artigo “Histórias cheias de fé” (nº 6); o esplêndido ensaio fotográfico “O Sol” (nº 7); o problema econômico que eu antes nunca tinha compreendia e que encararam tão firmemente em ‘O que é inflação’ (nº 8); a matéria ‘Deus está morrendo?’ (nº 9) nos traz um problema real, sempre evitado; conhecer a mulher é bem difícil, mas vocês souberam escolher um caminho para essa compreensão na edição de janeiro (que felizmente eu obtive); o ideal de educação, mesmo existente no Brasil, nunca eu tinha dele tido conhecimento, e Realidade me mostrou em “Já existe a escola de amanhã” (nº 11); os desníveis de cultura e civilização do Brasil aparecem em “Este boi é meu” (nº 12); finalmente, a genial pesquisa de “Afim, o que o povo pensa do Tio Sam?” Assim transmito minha gratidão a vocês, pelo que me têm transmitido”.	Juarez de Figueiredo Neto – Brasília / DF	<b>F</b>	

**Edição 15: Junho/1967**

Total de exemplares: 455.000

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 33

Comentários Favoráveis (F): 21

Comentários Não Favoráveis (NF): 11

Comentários Indiferentes (CI): 01

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
"Papo furado"	"Parabéns pela vendagem e popularidade que a revista Realidade teve quando resolveu, num artigo de mau gosto, publicar irrealidades a respeito do livro de Roberto Carlos. Vocês podem ter certeza que não conseguiram derrubá-lo, pois quanto mais o criticam mais nós gostamos dele".	Maria Helena – São Paulo / SP	NF	
"Papo furado"	"Na qualidade de grande admiradora de Roberto Carlos quero expressar o meu protesto pelo artigo publicado em Realidade nº 14, "Roberto Carlos é papo furado". Ele não é poeta e leem os seus livros os jovens que o compreendem e o querem".	Maria da Conceição de O. Nunes – Niterói / RJ	NF	
"Papo furado"	"Ao ler a crítica que fizeram a Roberto Carlos, senti meu coração ferido, muito triste mesmo. Vocês julgaram as partes piores do livro. Espero e desejo mesmo que vocês se arrependam".	Cyntia Maria – São Paulo / SP	NF	
"Papo furado"	"Quem deveria congratular-se com Realidade pela reportagem "Roberto Carlos é papo furado" era a Academia Brasileira de Letras. Não só congratular-se, mas dar combate a este e muitos outros falsos escritores".	Eduardo Braga – São Paulo / SP	F	
"Papo furado"	"Pode ser que Roberto Carlos não seja poeta, mas é um grande cantor, símbolo da nossa juventude".	Beatriz S. Simões – Rio de Janeiro / GB	F	"Realidade concorda: Roberto Carlos é um grande cantor".
"Tóxicos X ié-ié"	"'Ele é um viciado' previne a sociedade brasileira, que só pensa em ié-ié-ié, ambiente propício para gerar novos viciados em entorpecentes. É óbvio que se encontram raríssimas e honrosas exceções".	Antonio Bonicelli – São Carlos / SP	F	
"Tóxicos X ié-ié"	"Com satisfação se vê que essa revista desperta a opinião pública para problemas realmente graves. A reportagem "Ele é um viciado" faz a gente pensar se cada um de nós não tem um pouco de responsabilidade"!.	Giovanni Barrera – Sorocaba / SP	F	
"Tóxicos X ié-ié"	"Sou estudante ginásial. A reportagem "Ele é um viciado"	Roberto Ramos –	F	

	alertou-me sobre coisas que jamais sonhara. Como todo jovem, para mostrar superioridade ou virilidade, eu poderia estar exposto, um dia, ao vício. Graças a Deus isso não acontecerá, pois estou agora 'por dentro da onda'".	São Paulo / SP		
"Tóxicos, sim; ficção, não"	"Parabéns à Realidade pela corajosa reportagem sobre tóxicos. Quanto à reportagem ficção 'Sete dias de maio, 1977', discordo do autor! Acho que em 1977 ainda estaremos às voltas com problemas como analfabetismo, reforma agrária (que de uns tempos pra cá virou tabu) e coisas desse gênero, em vez de energia atômica e armas nucleares".	P. L. C. Brengel – São Paulo / SP	<b>F</b>	
"Tóxicos, sim"	"Sete dias de maio, 1977" é a melhor descrição fictícia que já saiu na imprensa brasileira".	Paulo César de Oliveira – Belo horizonte / MG	<b>F</b>	
"Tóxicos, sim"	"Aproveito a oportunidade para levar ao repórter Luiz Fernando Mercadante um abraço pela espetacular reportagem-ficção "Sete dias de maio, 1977".	Rafael Souza Silva – Santos / SP	<b>F</b>	
"Tóxicos, sim"	"O trabalho "Sete dias de maio, 1977" é muito pessimista, pois demonstra que não teremos evolução política: os políticos seriam os mesmos de hoje, todos eles culpados pela situação em que vivemos. Felizmente é uma ficção, e não passará disso".	Antonio Augusto dos Santos – São Domingos do Prata / MG	<b>F</b>	
"Uma fera com excesso de peso"	"É sabido que o peso dos grandes leopardos não ultrapassa os 85 quilos. Em média esse animal não chega a 70 quilos. Somente os grandes tigres da Manchúria alcançam e mesmo superam o peso de 250 quilos que Realidade atribui àquele felino".	José Duarte – São Paulo / SP	<b>CI</b>	
"Uma fera com excesso de peso"	"Fiquei satisfeito com o número 14 dessa revista, que trouxe, ao meu ver, um dos melhores ensaios fotográficos já publicados: "O leopardo".	Humberto Viana Guimarães – Belo Horizonte / MG	<b>F</b>	
"Uma fera com excesso de peso"	"Parabéns por Realidade de maio. O ensaio sobre o Leopardo é sensacional, é obra-prima de reportagem e fotografia".	José Alexandre Correa – Belo Horizonte /	<b>F</b>	

		MG		
“Pró-americanista, pró-cultura”	“Tenho lido alguns artigos de Realidade, notei que a revista trai ideologicamente nossa pátria a favor de uma nação estrangeira, ajudando-a assim a conquistar o brasileiro e consequentemente o Brasil. Tenho certeza que todos os leitores dessa revista estão alertados das intenções de seus artigos e já leem com espírito crítico, e especialmente a juventude brasileira, que é o alvo principal desses artigos”.	Clayton Roberto Santos – Recife / PE	<b>NF</b>	
“Pró-americanista, pró-cultura”	“Antes do surgimento de Realidade, notava-se que as demais revistas chegavam a menosprezar o público brasileiro, público este ávido por cultura. Depois de Realidade, porém, as coisas mudaram. É para nós grande satisfação cumprimentar a todos vocês da revista, que estão contribuindo para o desenvolvimento sociocultural do povo brasileiro”.	Mario Siilva – Curitiba / PR	<b>F</b>	
“Pró-americanista, pró-cultura”	“Vocês sabem que a palavra ‘sexo’ para a maioria do nosso povo é tabu; faz pensar em coisas proibidas e descrições audaciosas, o que indiretamente aumenta as vendas. Infelizmente, para vocês, parece que o tiro saiu pela culatra. Nota-se que desde o número 10 não há mais preocupação de ‘educar a população’, o que demonstra que as medidas do juizado de Menores surtiram efeito”.	Marcelo de Paiva – Santos / SP	<b>NF</b>	
“Pró-americanista, pró-cultura”	“O que essa revista revela, é a realidade de que necessitamos. Isso contraria a muitos, que se escondem sob preconceitos. Espero que Realidade continue firme e maravilhosa como tem sido, pois é chegada a hora de nosso povo, dando-lhe informações para poder opinar sobre todos os assuntos”.	Diúlia HekeraBelluzzo – Campinas / SP	<b>F</b>	
“Cumprimento de Vereadores”	“Anexo cópia do requerimento, aprovado em sessão plenária de 29 de março último da Câmara de Vereadores do Município de São Paulo, de um voto de júbilo e congratulações pela passagem e comemoração do primeiro aniversário da revista Realidade, por se tratar de uma	João Lemos – Vereador da Câmara Municipal de São Paulo / SP	<b>F</b>	



	publicação que contribui para a elevação do nível cultural de nosso povo. Mais uma vez, meus parabéns e a expressão sincera de minha admiração”.			
“Boa alma no inferno verde”	“A boa alma dos Villa Boas’ é um grito de alerta para a humanidade que se destrói a si mesma. Mostra que nas profundezas do ‘inferno verde’ existem homens com H maiúsculo, homens que representam a máxima de Cristo: ‘amai-vos uns aos outros’”.	Tenente Eliud Gonçalves Pereira – Goiânia / GO	<b>F</b>	
“Boa alma no inferno verde”	“A boa alma dos Villa Boas’ faltava em suas páginas. A coragem dos nossos pioneiros anda sufocada e esquecida”.	Roberto de Melo Lemos – Lins / SP	<b>F</b>	
“Homenagem ao desconhecido”	“Venho congratular-me com a formidável reportagem intitulada ‘Um fotógrafo ilustre e desconhecido’”.	Roberto Soares Gomes – Juiz de fora – MG	<b>F</b>	
“Homenagem ao desconhecido”	“A reportagem sobre Herros Cappello é antes de mais nada uma eloquente homenagem à arte fotográfica nacional”.	A Vasques, Secretário da Academia Santista de Fotografia – Santos / SP	<b>F</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“Não sei se vocês tem coragem de publicar o artigo do jornalista piauiense J. Miguel de Matos, publicado em ‘O Dia’, de 19/04/1967, órgão da imprensa de Teresina. Diz o jornalista Miguel de Matos (...) ‘não li o número ultrajante da ultrajada revista Realidade. (...) O repórter Carlos Azevedo, aviltando o Piauí, cometeu outro crime: lançou o Ceará contra o Piauí, fato que, salvo melhor juízo, constitui crime contra a segurança nacional (...)”.	Maria do Socorro Mendes; Antonia Lima; Francisca Teresa C. Mendes; Antonia Araújo; Maria C. A. Rodrigues – Teresina / PI	<b>NF</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“Li atentamente a reportagem ‘O Piauí existe’ e, sinceramente, como piauiense que sou, encontrei na citada reportagem não um deboche, como querem dizer, mas uma crítica construtiva, um alerta aos homens públicos daquele Estado. Acredito que muitos conterrâneos meus esclarecidos e cômicos saberão reconhecer, como eu, que o Piauí ainda não é um Estado de destaque no	Oslo Memória de Araújo – Fortaleza / CE	<b>NF</b>	

	cenário brasileiro , e isso deve-se única e exclusivamente aos seus representantes perante o governo federal”.			
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“Temos certeza que o repórter errou o alvo, porque o povo sofrido do interior do Piauí é simplesmente vítima duma estrutura feudal e de privilégios restritivos que a reportagem não teve coragem de atacar. Afinal, o povo foi injuriado e exige uma reatuação”.	José R. de Oliveira – Guanabara / GB	<b>NF</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“Li a reportagem ‘O Piauí existe’ e gostei bastante. O que lucraremos em esconder a realidade, apenas para que os outros Estados não vejam a nossa miséria? Não! Está na hora de deixar de lado os orgulhos pessoais e encarar a coisa como realmente ela é. Espero que os governantes do país levem a sério a reportagem e façam alguma coisa para amenizar o sofrimento daquela gente”.	Francisco José de Souza – São José dos Campos / SP	<b>F</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“A reportagem ‘O Piauí existe’ constitui-se numa verdadeira farsa ao valoroso Estado. O Piauí não é só miséria. Sua capital, Teresina, oferece belíssimos panoramas, com suas retilíneas e bem traçadas, majestosas avenidas e praças ajardinadas. A reportagem é falsa e mentirosa. Efetivamente, o Piauí é o Estado mais pobre do Nordeste, mas não tão miserável e macabro como diz a reportagem”.	Samuel Brasileiro de Oliveira – Juazeiro do Norte / CE	<b>NF</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei’”	“A propósito da reportagem ‘O Piauí existe’ gostaria que vocês tomassem conhecimento do discurso que fez dia 09 de maio, na Câmara dos Deputados, o deputado Fausto Gaioso (Arena-Piauí). Disse ele, referindo-se à reportagem, depois de contar que estudantes piauienses queimaram na rua números de Realidade: ‘Excesso de universitários? Não, pois essa foi a forma de protesto que lhes pareceu mais justa, em nome de um Estado abandonado. Exagero da revista? Não, porque eram verdadeiros os números de uma realidade que	Antonio P. Vignoni – São Paulo / SP	<b>F</b>	

	nela se mostrou, crua e aterradora, mas infelizmente exata”.			
“Piauí: ‘não li, e não gostei”	“A reportagem ‘O Piauí existe’ é uma verdadeira pilhéria jornalística, além de ser um amontoado de inverdades, as mais tristes. Foi escrito num estilo de mofa, gozação, atitudes imperdoáveis daqueles que se dizem jornalistas”.	Francisco Rodrigues de Freitas – Juazeiro do Norte / CE	<b>NF</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei”	“ ‘O Piauí existe’, reportagem palpitante, comovedora, realista, que não pode ser desmentida porque ninguém ousaria fazê-lo. A revista Realidade prestou ao Piauí e aos seus filhos um grande serviço”.	Francisco Costa dos Santos – Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Piauí: ‘não li, e não gostei”	“Não é possível imaginar o quanto repercutiu negativamente a reportagem sobre o Piauí. Naquele Estado existe muita coisa sendo feita sem alarde e o progresso vem surgindo naturalmente, dentro dos limites e dos índices que lhe são peculiares. Sem a menor intenção de ameaça e sem querer provocar quem quer que seja, quero apenas lembrar aqui algumas palavras de Otávio Mangabeira: ‘Violência gera violência e só o amor constrói para a eternidade”.	José Augusto de Araújo Rezende – Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	“Realidade prefere uma outra afirmação de Otávio mangabeira: ‘Quem tem medo da verdade não tem amor nem coragem para enfrentar a vida”.

**Edição 16: Agosto/1967**

Total de exemplares: 465.900

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 28

Comentários Favoráveis (F): 16

Comentários Não Favoráveis (NF): 08

Comentários Indiferentes (CI): 04

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Menotti sem aposentadoria”	“Quero agradecer o carinho com que solicitaram e inseriram na Realidade a nota do 50º aniversário do meu Juca Mulato. Mas o simpático moço escalado para falar comigo decretou minha ‘aposentadoria’ como poeta confundindo o tabelião em recesso com o escritor e poeta ainda presente”.	Menotti Del Picchia – São Paulo / SP	<b>CI</b>	

“Nenhuma ligação”	“Possui Realidade algum convênio com grupos norte-americanos, tal como a junta Time-Life”?	Armando Correa Parente – Viçosa / MG	<b>CI</b>	“A Editora Abril e Realidade só mantém um tipo de negócio com empresas jornalísticas estrangeiras: compra e venda de reportagens”.
“Nossos Anúncios”	“Sou grande admirador de Realidade mas ela está ficando mais uma revista de propaganda do que de pesquisas e fatos. No número 15 há 46% do espaço das 164 páginas com anúncios. Espero, em nome de todos os admiradores dessa revista, que os senhores tomem providências”.	Divino Eurípedes Gondim – Catalão / GO	<b>NF</b>	
“Nossos Anúncios”	“Para que Realidade seja revista do povo, e não só de intelectuais, deve aparecer nas bancas por um preço à altura das posses do povo. Não interessa tanto a beleza das gravuras ou o luxo comprovado em suas páginas, que já estão empesteadas de propagandas. A maioria das cartas publicadas são de intelectuais, industriais, padres, governadores – em suma, de gentona, para amostrar o gabarito da revista. E Realidade tem uma linha duvidosa, indefinida. Procura agradar o capitalismo e os contrários a ele. A verdade é a verdade mesmo. Não adianta querer tapear. Realidade não se define para poder ganhar mais. Por que não se definir? Vocês tem medo de que ou de quem? Escrevi uma carta há três meses. Não a publicaram por não terem recebido ou por que o conteúdo foi realista e crítico, ou tiveram medo de expor minhas opiniões”?	Afonso Barbosa de Carvalho – Recife / PE	<b>NF</b>	“O número de reportagens permanece o mesmo, desde o primeiro número de Realidade. Convidamos os leitores a comparar, proporcionalmente, o espaço de anúncios de Realidade com o de qualquer outra revista brasileira. Não podemos publicar todas as cartas e nosso critério é o interesse que elas possam despertar nos leitores. Realidade definiu-se política e jornalisticamente quando apareceu ao público, e continua definindo-se – isto é, confirmando-se – a cada número que sai”.
“Nós e os vícios”	“A reportagem ‘Ele é um viciado’ foi uma das maiores advertências que a juventude brasileira pôde receber”.	José Carlos Ferreira – João Neiva / ES	<b>F</b>	
“Nós e os vícios”	“A reportagem ‘Ele é um viciado’, provocou em mim, adolescente, e creio que em toda juventude brasileira, uma	Walmor Medeiros – Pombal / MG	<b>F</b>	

	verdadeira lição, bem explícita, que expõe as consequências drásticas provocadas por esse mal”.			
“Nós e os vícios”	“Quer felicitá-lo pela reportagem ‘Ele é um viciado’, pela linguagem simples e esclarecedora. Creio que ela desanimou milhares de pretendentes a ingerir tóxicos”.	Perácio Antonio de F. Faria – Furnas / MG	<b>F</b>	
“Nós e os vícios”	“Não pude conter-me ao ler a reportagem ‘Ele é um viciado’: veio logo a vontade de escrever-lhes. Considero essa reportagem importantíssima, foi mais um meio empregado por Realidade para orientar os jovens que marcham para o abismo”.	Jeremias Macário de Andrade – Amargosa / BA	<b>F</b>	
“Nós e os vícios”	“Vocês usaram muitas palavras de gíria na reportagem ‘Ele é um viciado’. Muitas pessoas, como eu, não as conhecem. Numa reportagem tão bem feita como essa, deveria haver no final uma ‘tradução’ dessas palavras”.	Milton Pedro Guimarães – Batatais / SP	<b>NF</b>	
“Nós e os vícios”	“Excelente a reportagem ‘Ele é um viciado’. Serve de advertência a muitos jovens”.	Denevaldo Sousa Cobe – Vilha Velha / ES	<b>F</b>	
“Censura: valeu?”	“Cheguei a dar pulos de alegria quando li em Realidade de junho a reportagem ‘Isto é proibido’. Talvez a partir de agora possamos assistir aos filmes sem tanta censura”.	Maurício Alves – Brasília / DF	<b>F</b>	
“Haiti sem segredos”	“O ponto culminante do exemplar número 15 foi, sem dúvida, a reportagem ‘Viagem ao país do medo’. Parabéns à redação”.	Vicenzo Bellizzi – Nova Iguaçu / RJ	<b>F</b>	
“Haiti sem segredos”	“Parece-me que, atualmente, vocês são os únicos que se prestam a dizer a verdade ao nosso tão ludibriado povo. Como prova disso, aí foi a reportagem sobre o Haiti”.	João rocha de Souza – Santos / SP	<b>F</b>	
“Parto: mensagem de paz”	“O número 15 me deixou pensando muito. E um dos motivos foi a reportagem ‘A dor do parto não existe’. Que bela reportagem, que mensagem de paz vocês levaram às milhares de futuras mães brasileiras”!	José Carlos P. Junqueira – Uberlândia / MG	<b>F</b>	
“Parto: mensagem de	“Queria fazer uma crítica ao artigo ‘Parto sem dor’, por	Ernesto Scatti Jr. –	<b>NF</b>	

paz”	mais de uma vez publicado. Parece que os senhores não tem outro assunto mais inédito a não ser crianças, partos, maternidades”.	São Paulo / SP		
“Parto: mensagem de paz”	“Minhas congratulações pela estupenda reportagem ‘Parto sem dor’, muito útil e instrutiva, que me ajudou a dissipar dúvidas que ainda tinha”.	Mara Pagnossim – Tietê / SP	<b>F</b>	
“Parto: mensagem de paz”	“Parto sem medo, sim; sem dor, não exagerem! Ela pode estar ausente mas demorará muito tempo para que todas as mulheres sejam descondicionadas”.	Júlia Guimarães - São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Parto: mensagem de paz”	“Quero externar-lhe minha satisfação pela excelente disposição didática de Carlos Azevedo na reportagem ‘Parto sem dor’, que muito favorecerá meus alunos em aulas de psicologia pré-natal - posto que é bem acessível aos que só agora se familiarizaram com os princípios gerais da teoria”.	Profª Lannoy Dorin – Araçatuba / SP	<b>F</b>	
“Arigó, esperança”	“Corajosa, sem dúvida, a atitude do médico-repórter Roberto Freire, que contou brilhantemente o que viu em Congonhas do Campo, sem se incomodar com a caturrice e os preconceitos”.	Antonio S. de Padua Soares – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Arigó, esperança”	“Na reportagem sobre Arigó notei na página 71, entre um quadro de Jesus e o de Arigó, uma figura semi-apagada, quase imperceptível, do rosto de Jesus. Existe algum desenho na parede? Ou qual é a explicação do fotógrafo para essa aparição?”	Massao Sominaka – Dracena / SP	<b>CI</b>	Existe um desenho na parede.
“À saúde, senhores”	“Excelente a reportagem sobre o vinho no rio Grande do Sul. A par dos ensinamentos de como se deve escolher um vinho adequado, a reportagem orienta o consumidor sobre os tipos próprios para cada ocasião. Presta ainda um enorme serviço à viticultura brasileira. Nossos parabéns”.	Carlos Correa Oliveira, Cia. Vinícola Rio-Grandense – Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“À saúde, senhores”	“Leitores e entusiastas de Realidade, surpreendemo-nos com a omissão do nome Mosele na reportagem sobre a indústria vinícola, no número 14. Para atestar o que afirmamos, basta observarem	Rui Martinho Toniato – Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	

	as pesquisas do IBOPE, onde o champanha Mosele está em primeiro lugar na preferência do público, há muito tempo”.			
“À saúde, senhores”	“Interpretando o sentimento de todos os viticultores de Caxias do Sul, sede na Festa da Uva, apresento ao repórter José Carlos Marão os agradecimentos pela brilhante reportagem sobre vinhos gaúchos: foi uma contribuição direta e eficiente par melhorar a vida de 300 mil brasileiros que vivem da viticultura”.	Hermes J. Webber, Prefeito – Caxias do Sul / RS	<b>F</b>	
“À saúde, senhores”	“Pelos magníficos trabalhos de reportagem e fotografia sobre o vinho gaúcho, queremos testemunhar nossos melhores agradecimentos”.	Moisés Luiz Michelin, Presidente da Festa Nacional do vinho – Bento Gonçalves / RS	<b>F</b>	
“À saúde, senhores”	“Na reportagem ‘Senhoras e Senhores, à saúde’, número 14 de Realidade, o repórter José Carlos Marão fez equivocada ao suposto caráter genérico de Champagne, afirmando textualmente que ele ‘virou nome genérico para todos os espumantes’ (pág. 49). Ora, Champagne é uma indicação de proveniência bem definida no Código de Propriedade Industrial de 1945, artigos 100 e 101. Este último diz que ‘ninguém tem o direito de utilizar o nome correspondente ao lugar de fabricação ou produção para designar um produto artificial ou natural, fabricado ou proveniente de lugar diverso”.	Carlos Henrique C. Fróes, Depto. Jurídico de Mamsem, Leonardos & Cia. – Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	
“Não disseram nada”	“Na revista Realidade nº 12, página 10, foi publicada uma entrevista com o pianista João Carlos Martins onde o entrevistado diz, a certa altura, que ele ‘foi chamado de impostor e ignorante em música’ por pessoas ligadas à nossa cidade. Isso não é verdade, e como prova anexamos ao presente a publicação do jornal O Progresso de Tatuí de 12/02/1967 onde estão todas as nossas afirmações”.	Luiz da Silva vieira, Presidente da Associação Cultural Pró-Música de Tatuí / SP	<b>CI</b>	

“Repúdio e aplauso”	“É vergonhoso possuírem revista dessa natureza, pois de Criciúma, de verdade nada foi escrito. O repúdio é geral contra tão baixa revista”.	João Aderbal, Vereador – Criciúma / SC	<b>NF</b>	
“Repúdio e aplauso”	“A reportagem sobre os mineiros de carvão atesta a caótica situação do país, exceto nos poucos grandes centros. Realidade deve continuar espalhando essas verdades”.	Rubens Riccioli – São Paulo / SP	<b>F</b>	

**Edição 17: Agosto/1967**

Total de exemplares: 465.900

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 34

Comentários Favoráveis (F): 23

Comentários Não Favoráveis (NF): 08

Comentários Indiferentes (CI): 03

<b>TEMA</b>	<b>TRECHO PUBLICADO</b>	<b>NOME, CIDADE, ESTADO</b>	<b>F/NF/CI</b>	<b>RESPOSTA</b>
“Guimarães Rosa”	“O primeiro papel e caneta ao meu alcance. Quatro páginas de Guimarães Rosa. Eu. Minha mãe. O vizinho. Todos gostaram. Guimarães expoente, Realidade excelente. Sagarana!”	Universitário Gaspar – Sorocaba / SP	<b>F</b>	
“TV com defeito”	“A reportagem ‘Nossa televisão está com defeito’ é um grito de alerta para aqueles que dela se servem para fins única e exclusivamente comerciais”.	José da Silva Nunes – Paraíba do sul / RJ	<b>F</b>	
“TV com defeito”	“Ótima a reportagem sobre a TV brasileira. Já era tempo de um grande veículo de comunicações denunciar a mediocridade que ali reina”.	Alberoni lemos Filho – Brasília / DF	<b>F</b>	
“Imprensa”	“‘Nosso jornal está em perigo’ encerra uma tão somente dialética que procura justificar a velhice da imprensa brasileira. A sua afirmação de que ‘para vender, os jornais tem que se dirigir a um mercado capaz de consumi-lo’ é verdadeira. Caberia nela, todavia, a complementação de que devem ser parcimoniosos na doutrinação da sua política administrativa e se preocupar em oferecer melhores atrativos aos seus leitores. O repórter brasileiro, via de regra, mal pago e sem personalidade, atrela-se ,	Carlos Lúcio Menezes – Brasília / DF	<b>CI</b>	



	por necessidade de subsistência, à ganância de seus patrões e prepostos, transformando-se assim, insensivelmente, em brinquedo de suas paixões pessoais, dilacerando os requícios de esperança que os leitores tem na nossa imprensa”.			
“Terra em Transe”	“Lendo a reportagem ‘Crítica não é charada’, fiquei muito chocado, pois esperava uma explicação para o filme ‘Terra em Transe’”. Sendo assim, tanto as críticas dos jornalistas quanto as de Realidade continuam sendo uma charada para mim”.	João Clovis Soares – São Paulo SP	<b>NF</b>	
“Terra em Transe”	“Gostei da reportagem ‘Crítica não é charada’, pois fui assistir ao filme ‘Terra em Transe’ e não entendi nada. Sua reportagem me esclareceu bastante”.	Vicente Peixoto – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Magarefes”	“Com referência à reportagem ‘Magarefes – eles vivem de matar’, publicada no nº 12 de Realidade, e às diversas cartas de protesto editadas em seu número de abril, a Associação de Amparo aos Animais em São Paulo leva ao conhecimento do público estar ciente dos problemas no setor de abate, e não tem medido esforços para melhorar a situação. A AAA já teve oportunidade de demonstrar perante os órgãos do Dpto. De Produção Animal em São Paulo e órgãos do Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro, uma arma de percussão mecânica própria para a insensibilização imediata e indolor do animal, previamente à sangria. A indústria nacional já está pronta para produzir esta arma, se houver uma regulamentação que obrigue a sua utilização. Por outro lado o Ministério da Agricultura não se decide a abolir os métodos antigos, tornando a arma de percussão mecânica obrigatória. A AAA gostaria de saber a quem apelar para resolver o impasse”!	Yolanda de Faria Lima – President e da AAA – São Paulo / SP	<b>CI</b>	
“Opiniões”	“Considerava a revista Realidade a melhor do Brasil. Mas, após granjear a simpatia de milhares de leitores, tornou-se mais um ‘Encadeamento de Propagandas’ muito comum na imprensa brasileira. Continuando assim,	Gastão Mendes e Silva – Curitiba / PR	<b>NF</b>	

	essa revista cairá na mediocridade e perderá sua expressividade, caindo no conceito dos demais leitores assim caiu ao meu”.			
“Opiniões”	“Até hoje Realidade teve ombridade suficiente para enfrentar o tabu do sexo. Depois que virem a obra cultural que Realidade divulga, todos os seus acusadores se arrependerão”.	Franco Cristaldi – Olinda / PE	<b>F</b>	
“Opiniões”	“Gostei de ver a coragem de Realidade em focalizar o maior tabu que possuímos com a pergunta ‘Existe racismo no Brasil?’ Sou professor, bacharel e negro. Lamento discordar do mal. João Batista de Matos: pode ele citar outros marechais brigadeiros ou almirantes negros? Será que os demais negros não tem a capacidade, ou nunca puderam tentar? Quantos cientistas, quantos deputados, quantos senadores, governadores, ministros negros temos nós? Quantos negros há no Itamarati, nos tribunais? Quantos catedráticos ou cientistas”?	Antonio Vieira – Salvador / BA	<b>F</b>	
“Opiniões”	“Uma revista que nos orienta sobre como educar as crianças sexualmente e que nos mostra a realidade da vida com tanta educação e sem a menor malícia, é tirada de circulação (o nº 10 de Realidade). Não compreendo. Deve ser interesse em que o gigante continue para sempre adormecido e deitado em berço esplêndido”.	Yone Molinori – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Atenção, eles estão em aula”!	“Acabo de ler a magnífica reportagem que trata do ensino pré-primário. Entretanto, devo assinalar que estranhei a ausência do trabalho realizado em São Paulo, pelos Parques, Recantos e Recreios ligados ao Departamento de Educação , Assistência e Recreio, da Prefeitura Municipal de São Paulo, na pesquisa em questão. Como antiga dirigente do R.I. de São João Clímaco, com capacidade para 60 recreandos por período, devo dizer da atividade anônima e dedicada dessas centenas de educadoras jardineiras e recreacionistas através dos anos. Que na maioria das unidades, a	Anna Herrero Sanchez – São Paulo / SP	<b>NF</b>	

	preocupação de atualização é uma constante. Em minha própria equipe, tivemos a oportunidade de desenvolver um programa baseado no método Montessori-Lubienska, com resultados mais do que satisfatórios”.			
“Atenção, eles estão em aula”!	“Quero congratular-me com vocês pela magnífica reportagem ‘A nova escola’ que muito veio colaborar para o despertar das mentalidades sobre o magno problema da educação”.	José Eurípedes Miranda – Uberlândia / MG	<b>F</b>	
“Dente por dente”	“Nossas congratulações pela estupenda reportagem ‘Dente por dente’ que muito nos auxiliará nas próximas palestras em ‘Grupos de Mães’ da nossa entidade”.	Jair Ferreira de Toledo, Diretor do Centro Social São José do Jardim D’Abril – Osasco / SP	<b>F</b>	
“Dente por dente”	“Como estudante de Odontologia e futuro profissional, fiquei entusiasmado com a reportagem ‘Dente por dente’. A iniciativa de Realidade esclarecendo seus leitores cientificamente sobre os problemas dentários eleva e dignifica a profissão. Parabéns, e continuem realizando reportagens semelhantes. Estarão colaborando para a educação dos brasileiros”.	Sergio Paulo de Poli Bersano – Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“Dente por dente”	“Divulgações científicas dessa natureza, abordados com objetividade, sem fugir, entretanto, do entendimento do grande público leigo, muito contribuem para uma maior cultura do nosso povo”.	Dr. Sylvio Alves de Aguiar – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Dente por dente”	“A classe odontológica agradece pela reportagem ‘Dente por dente’, pelo esclarecimento ao leigo quanto ao valor do tratamento preventivo das doenças bucais, e pela demonstração dos meios modernos com que contam os dentistas atualmente”.	Alaor de Carvalho Moura – Alfenas / MG	<b>F</b>	
“Carvão ainda em foco”	“Lendo o artigo ‘Eles vivem embaixo da terra’, os que desconhecem aquela admirável Criciúma são levados a crer que apenas os 8.000 mineiros trabalham, e que os demais são	Luiz Oswaldo da Silva Leite – São Paulo /	<b>NF</b>	

	vadios, e... o restante é prostituição. Essa bomba que Realidade apresentou em junho e que não passa de simples traque de festejos juninos, que o brincalhão repórter deve ter desejado publicar a 1º de abril...”	SP		
“Carvão ainda em foco”	“Entre outros notáveis artigos de Realidade nº 15, o que mais me prendeu a atenção foi ‘Eles vivem embaixo da terra’, que mostrou como nós, mineiros, vivemos na capital do carvão, Criciúma, SC. Achei notável a reportagem porque expressa realmente a verdade sobre a promiscuidade em que vivem os ‘mineiros’ de Santa Catarina”.	Mário Emídio – Criciúma / SC	<b>F</b>	
“Carvão ainda em foco”	“Meus sinceros cumprimentos pela magnífica reportagem sobre a situação social dos mineiros de Criciúma. Muito estranhei que um vereador dessa comuna tenha feito severas e irresponsáveis críticas á Realidade. Tenho a impressão que o referido vereador, pelas palavras ásperas como se dirigiu, em nada representa os sentimentos do povo que o elegeu”.	Sidney Iguatemi da Silveira – Florianópolis / SC	<b>F</b>	
“Haiti: violência e miséria”	“Sendo um filho do Haiti, venho a tão realística ‘Viagem ao país do medo’, que mostra o quanto sofre um haitiano, mergulhado na pobreza, miséria e mais perfeita desolação”.	A C. Beltrão – Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“Haiti: violência e miséria”	“Assombrosa a reportagem ‘Viagem ao país do medo’. Artigo eletrizante que mostrou os horrores praticados naquela ‘República’”.	Luiz Benedito C. Pereira – Cáceres / MT	<b>F</b>	
“O time das massas”	“A Diretoria do Sport Club Corinthians Paulista congratula-se com Realidade por este extraordinário trabalho ‘A isso se chama religião’”.	Elmo Franchini, Secretário Geral – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“O time das massas”	A reportagem ‘A isso se chama religião’ mostra muito bem o que é a fé e o amor no maior time do mundo. Só não gostei da maneira como vocês escrevem ‘Corinthians’. O correto é ‘Corinthians’”.	Octaviano Stillar Lima – Bauru / SP	<b>NF</b>	“Realidade não faz mais que usar a grafia consagrada por toda imprensa brasileira”.
“O time das massas”	“A isso se chama religião’ está realmente colossal. Por reportagens como esta, nunca deixo de adquirir um exemplar de Realidade”.	Janete Tieppo – São Paulo / SP	<b>FI</b>	

“Ao extraordinário Niemayer”	“Quero cumprimentar sua equipe pela reportagem ‘Um operário em construção’. Mais uma vez Realidade mostra ao grande público que homens da estirpe de Oscar Niemayer tem elevado o nome do nosso país no conceito internacional. A reportagem sobre o extraordinário arquiteto é um apelo aos governos que não dão condições e, muitas vezes, impossibilitam a permanência, no Brasil, de muitos brasileiros que se destacam nos vários campos da cultura”.	Franklin Tormin – Brasília / DF	<b>F</b>	
“Ao extraordinário Niemayer”	“Há muito tempo que Oscar Niemayer deveria ter sido homenageado com uma reportagem. Só senti o pouco relato sobre Juscelino Kubistchek que ao meu ver foi o maior estadista brasileiro deste nosso século”.	Nívio Mirales Lário – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“O esporte de ninguém”	“É inconcebível que se passem os governos e cada dia mais nós vejamos o descaso com que é tratado o esporte no Brasil, quando, realmente ‘o esporte é um problema de segurança nacional’. Parabéns, Realidade”!	Profª Marlene Esteves; Prof. José Mário Walter; Profª Diva Righini Borges – Novo Horizonte / SP	<b>F</b>	
“O esporte de ninguém”	“Como Diretor Geral do Departamento de Esportes do Estado do Rio Grande do Sul, aplaudo o artigo ‘O esporte de ninguém’, que aborda a figura do atleta do Jundiaí Clube, Nelson Prudêncio, emotivo de satisfação para os jundiaenses. Infelizmente, porém, no contexto da história do atleta, o redator não foi fiel à realidade dos fatos. Não foi por acaso que surgiu a equipe em Jundiaí. Muito antes de Nelson Prudêncio, surgiram grandes atletas jundiaenses que ainda estão na ativa”.	Gilberto Sudatti; Waldisney Soares; Edivar de Campos; Nelson Camargo; Teruo Iwami; Jurandir Aparecido Moreira – Jundiaí / SP	<b>NF</b>	
“O esporte de ninguém”	“A respeito de esportes pelo Norte do Brasil, vocês estão muito atrasados, o que é de lamentar. Existe uma piscina olímpica em Belém do Pará, que maior volume de água comporta no Brasil, e pertence à Tuna luso-brasileira”.	Aloyr Queiroz de Araújo, Diretor da Escola de Educação Física da Universidade	<b>NF</b>	

		Federal do Espírito Santo		
“O esporte de ninguém”	“Esperamos sinceramente que a excelente reportagem ‘O esporte de ninguém’ alcance o seu real objetivo, que é mostrar ao público e, principalmente, aos altos poderes da Nação, o estado lastimável em que se encontra o esporte brasileiro”.	Wilson Reeberg, Secretário da Federação Metropolitana de Remo – Rio de Janeiro / GB	<b>F</b>	
“O esporte de ninguém”	“É preciso que as autoridades governamentais resolvam este problema de esportes criando Centros de Educação Física e Esportes tanto nas grandes cidades como nas pequenas, principalmente nos estados desfavorecidos, para a formação de professores especializados”.	Renato Coutinho – Olinda / PE	<b>F</b>	
“Isto é proibido”	“Perversão e atos sexuais, como também mensagens ideológicas nunca foram espetáculo de diversão, quanto mais para se constituírem como cenas de cinema para serem exibidas livremente. Por isso, aplaudo a equipe de censores brasileiros”.	Armi Passos – Rio de Janeiro / GB	<b>NF</b>	
“Isto é proibido”	“Quero levar ao senhor Pedro J. Chediak os meus protestos contra a frase que salientou na reportagem ‘Isto é proibido’. O que não podemos entender é como pode existir proibição de filmes para menores de 21 anos, se um brasileiro com 18 anos pode ser até censor”.	Francisco Manuel Gama Oliveira – Fortaleza / CE	<b>CI</b>	

**Edição 18: Setembro/1967**

Total de exemplares: 465.900

Total de cartas dos leitores publicadas nesta seção: 19

Comentários Favoráveis (F): 16

Comentários Não Favoráveis (NF): 02

Comentários Indiferentes (CI): 01

**OBS:** Para esta seção, os editores selecionaram somente cartas de jovens por se tratar de uma edição especial, com foco na juventude brasileira.

TEMA	TRECHO PUBLICADO	NOME, CIDADE, ESTADO	F/NF/CI	RESPOSTA
“Queremos compreensão e auxílio”	“Não somos e nem pretendemos ser hostis à ‘velha guarda’: sabemos respeitar as clãs, sem dúvida. Mas estamos firmes em nossos ideais, que se resumem nestas palavras: participar ativamente na vida do nosso país. Não queremos ir de encontro às tradições, mas temos audácia suficiente para lutar contra os obstáculos que se nos antepõem, como temos coragem de ir às ruas, denunciar os erros, os abusos e os ‘acordos educacionais’, tão perigosos quanto a ameaça vermelha. A compreensão e o auxílio é que solucionarão os problemas dos jovens”.	Luiz Ismaelino Valente, 19 anos – Belém / PA	F	
“Queremos compreensão e auxílio”	“Se vocês querem realmente saber o que os jovens querem, eles querem viver, mas viver com V maiúsculo, isto é, com autenticidade. Encontrar apoio nos adultos, oportunidade na sociedade. O que vocês podem fazer por nós? Isto que estão fazendo é um primeiro passo, dos quilômetros que devem ser dados: oferecer oportunidade para que os jovens demonstrem que não são adultos em miniatura, crianças crescidas, mas simples pessoas com ideias, força e vigor para ação”.	Maria Aparecida Sé, 19 anos – São Paulo / SP	F	
“Queremos compreensão e auxílio”	“A juventude de Ibitinga é vítima, pois na maioria é acomodada. Os jovens dessa cidade têm planos, mas estão sós na luta. A esperança é que, um dia, jovens e adultos se entendam. Aqueles, tomando consciência da sua posição por dias melhores; estes, compreendendo e dando condições aos jovens”.	Luiz Augusto Milanesi, 19 anos – Ibitinga / SP	F	
“Queremos compreensão e auxílio”	“Eu lhe pediria apenas que através das páginas maravilhosas de sua revista o senhor ajudasse o jovem a chegar mais perto do seu Criador. Não é só de calças justas e modernas, cabelos bem penteados, guitarras eletrizantes e canções excitantes que o jovem necessita: o jovem brasileiro precisa procurar Deus	Maria Rita Munhós, 19 anos – São Paulo / SP	F	

	para erguer seu país, pois só Ele poderá fazer isso”.			
“Queremos compreensão e auxílio”	“Agora, de nós só se ouvem palavras. Mas muitos ainda verão o que nós faremos para que o Brasil seja muito mais Brasil do que hoje ele é”.	José Carlos de Souza, 17 anos – São Paulo / SP	<b>F</b>	
“Queremos compreensão e auxílio”	“Não é entregando-nos às festas e excessos de qualquer natureza, às greves e passeatas que conseguiremos vencer os problemas que nos afligem. Por quê? A resposta aí está: essa tática de passeatas e greves não nos parece nova. E qual o resultado? Somos duramente castigados e criticados. O tempo que passamos presos, poderíamos aproveitar melhor se estivéssemos nos colégios e universidades estudando”.	Luiz Eugênio Fonseca Miranda, 17 anos – Salvador / BA	<b>F</b>	
“Queremos compreensão e auxílio”	“Ao responder o questionário, deu-me uma vontade louca de colocar meu sobrenome, para que vocês ficassem certos de que existo, que sou jovem e penso assim (contrariando meio mundo de coroas), mas depois pensei: papai é um deles, mamãe, outra... e fiquei pela metade; tive medo que vocês publicassem meu nome completo e eles uma síncope. Porém, uma coisa lhes garanto: como eu, há centenas de jovens nordestinos que vivem revoltados com essa situação brasileira. Onde irá parar tudo isso? Quem será que vai dirigir o Brasil daqui há 16 ou 20 anos? Será que ainda serão os mesmos de hoje? Ou será que esta juventude que estuda, mas não tem direito de participar da vida sociopolítica do meu Brasil”?	Sonia Maria, 18 anos – Recife / PE	<b>F</b>	
“Queremos compreensão e auxílio”	“Vamos adotar em nosso dicionário as palavras seriedade, responsabilidade e pudor. Vamos estudar muito, pensar no dia de amanhã, sem ligar para o de ontem, vamos tomar atitudes e decisões de homens, pois amanhã as rédeas da nação estarão em nossas mãos. Para todos os jovens brasileiros, lembro a frase de Kennedy: ‘não pergunteis o que o vosso país pode fazer por vós, e sim o que podeis fazer por	José Seccon Barros, 21 anos – Porto Alegre / RS	<b>F</b>	



	ele”.			
“Sexo, um problema”	“Moro numa favela e vejo a cada instante pessoas com as quais convivo se degradarem, não por falta de vergonha, mas por falta de educação sexual e intelectual. Não deem ouvidos a comentários maldosos de que a revista tem cunho impudico. Se há tão grande número de mães solteiras aqui, é por falta de educação sexual. Continuem esclarecendo e educando o povo, porque é disso que o Brasil precisa”.	Valdete B. Santos, 22 anos – Guanabara / GB	<b>F</b>	
“Sexo, um problema”	“Dois são os grandes problemas da juventude brasileira: 1) a vontade de fazer, de criar, de ser reconhecido de alguma maneira; 2) o sexo. As garotas não sabem se dão ou não ‘o tal passo’. Os rapazes enfrentam um problema muito mais amplo: a relação é encarada como obrigação. Os que não tem facilidade enfrentam os ambientes mais sórdidos e promíscuos. E há os que não tem relações sexuais, que não são afeminados e escondem esse fato, porque sabem que serão olhados com desconfiança. Afinal, o que devemos fazer”?	Wilson Saião Filho, 18 anos, Rio de Janeiro / GB	<b>CI</b>	
“Esta juventude tem consciência”	“Há tempos que eu queria uma oportunidade dessas: por aos ventos o meu protesto. Acusam as estatísticas que apenas 1% que se matriculam no curso primário chegam às universidades. Sabem por quê? Eu sei, pois estou incluído nos 99% que não chegam a elas, apesar de ter científico completo. Não posso contar com o auxílio financeiro de ninguém, pois minha família é pobre e os bancos só financiam casas, carros, mas não podem atender aos estudantes. Bolsas de estudo no Brasil é ‘manga de colete’. Mas ainda assim não perco as esperanças: talvez eu chegue a ver um país como eu sonho, que não dependa só de futebol e dos cafezinhos tomados no mundo”.	J.B., 19 anos – Caçador / SC	<b>F</b>	
“Esta juventude tem	“É preciso que se demonstre ao governo, aos pais, aos mestres,	Renato Freire, 25	<b>F</b>	

consciência”	ao povo em geral, que nem todos os jovens são delinquentes, que a maioria trabalha, estuda, colabora, com a grandeza do gigante adormecido há 400 anos. Esta juventude tem consciência”.	anos – São Paulo / SP		
“Esta juventude tem consciência”	“Sou estudante, prestes a findar o curso universitário: portanto pertenço a uma classe que, segundo os fatos, se assemelha aos párias indianos. Por que, ao invés de aplicar recursos estratégicos e financeiros contra estudantes, as autoridades não aplicam sua pouca visão em facilitar o ensino no Brasil? Realidade retrata a realidade verdadeira ou retrata pseudorealidade, forjada por pressões de autoridades tacanhas, medievais? Pois vai aí mais esta sugestão, em forma de desafio: retratem os massacres estudantis no Brasil sem temer a ‘gestapo’ brasileira – a DOPS”.	Magnus Machado, 23 anos – Itajubá / MG	<b>F</b>	
“Gregos e troianos”	“Realidade é uma revista incontestavelmente de influência americana. O melhor seria combater essa odiosa influência em nossa cultura”.	José da Silva, 16 anos / Fortaleza CE	<b>NF</b>	
“Gregos e troianos”	“Estou no 2º científico. Antes do mês de junho do ano passado eu era o pior aluno em português, em particular no que se refere às redações. Porém, depois que comecei a ler Realidade comecei a melhorar em tudo. As minhas redações ficavam melhores, mais completas, com assuntos mais desenvolvidos e os meus erros de grafia diminuía constantemente. Mais para o fim do ano consegui um ‘ótimo’ em redação. Tudo isso devo à Realidade”.	Dilmar Divantier, 17 anos – Pelotas / RS	<b>F</b>	
“Gregos e troianos”	“A título de comentário, devo acrescentar que com um leitor pernambucano que acha que Realidade não se definiu, e que procura agradar a gregos e troianos. Também acho isso, Realidade puxa para os dois lados. Se isso é necessário para a sobrevivência da revista, não o sei, nem me interessa saber. E, apesar dos pesares, aconselho a vocês a	Carlos Augusto Junqueira de Siqueira, 16 anos – São Paulo / SP	<b>F</b>	

	continuarem assim mesmo, pois essa não definição é a maior garantia que nós, os leitores, temos de poder ler Realidade por mais tempo”.			
“Gregos e troianos”	“Com Realidade estou aprendendo a conhecer mais o Brasil. Oxalá Realidade continue em sua linha: uma revista simples, ao alcance de todos, com reportagens relevantes e que exprimem a verdade”.	Rolfo Evaldo Fallfater, 20 anos – Porto Alegre / RS	<b>F</b>	
“Gregos e troianos”	“Permito-me observar que a pesquisa feita por Realidade não foi fruto de elaboração paciente de uma equipe especializada, mas, ao contrário, foi redigida mais ou menos às pressas sem a preocupação de fazer um estudo de maior profundidade. Dessa forma, concluo que a juventude que vai ser analisada é apenas uma parte, ou melhor, um certo tipo dela. Sei que a maioria das respostas consistirá em ser contra o governo, que democracia só é possível dentro do socialismo, que fidelidade é essencial para ambos os sexos e coisas desse gênero. É a pequena burguesia, os da classe média estabilizada, os universitários alienados, as menininhas burguesas, aqueles que, por um motivo ou outro compram uma boa revista para outorgarem-se o título de emancipados intelectualmente. Os da ‘festiva’ também fazem questão de protestar contra alguma coisa. Está na moda ser inconformista”.	Paulo Roberto de Almeida, 17 anos – São Paulo / SP	<b>NF</b>	
“Gregos e troianos”	“Embora fora do meu país há quase dois anos, sinto-me interessado por ele. Por isso resolvi responder à pesquisa de Realidade. Não o teria feito, porém, se não reconhecesse a seriedade e sinceridade da revista”.	Lima Barbosa, 20 anos – Paris / França	<b>F</b>	

## APÊNDICE F

### Porcentagens Referentes à Seção Cartas do Leitor – Edições 07 a 18

<b>Edição</b>	<b>Total de Comentários</b>	<b>Favoráveis (F)</b>	<b>Não Favoráveis (NF)</b>	<b>Comentários Indiferentes (CI)</b>
7	34	70,58% (23)	23,52 (8)	5,9% (2)
8	28	71% (20)	22% (6)	7% (2)
9	13	53,8% (7)	46,2% (6)	0
10	22	59% (13)	32% (7)	9% (2)
11	20	90% (18)	10% (2)	0
12	25	80% (20)	16% (4)	4% (1)
13	10	100% (10)	0	0
14	24	75% (19)	20,8% (5)	4,2%
15	33	63,7% (16)	33,3% (8)	3% (4)
16	28	57% (23)	29% (8)	14% (3)
17	34	68%	23%	9%
18	19	84,2% (16)	10,5% (2)	5,3% (1)

**Total de comentários:** 289

**Favoráveis (F):** 206 (71,28%)

**Não Favoráveis (NF):** 67 (23,19%)

**Comentários Indiferentes ou outros assuntos (CI):** 16 (5,53%)

**Reportagem mais comentada:** “A juventude diante do sexo” (9,68%)

**Assunto mais comentado:** “Realidade nº 10: a mulher brasileira hoje” (10,38%),  
sobre a apreensão da revista.

**Edição com maior número de trechos de cartas publicadas:** 07 e 17

**Edição com menor número de trechos de cartas publicadas:** 13

**Publicações de respostas dos editores:** 10%

## APÊNDICE G

### Síntese da Edição Especial Nº 18 – A Juventude Brasileira, Hoje

A partir da página 55 da edição Nº 18, os jovens repórteres da revista Realidade passam a descrever como foi sua experiência junto aos mais diferentes grupos representativos da juventude brasileiros da sua época. Sintetizamos, a seguir, o relato de cada um.

O primeiro deles, Hamilton Ribeiro, deixou tudo e foi morar numa pensão, na periferia paulista. Teve de procurar emprego e já se deparou com a primeira dificuldade: são poucas empresas que estão contratando, e que sem especialização é bem difícil conseguir uma oportunidade de trabalho.

Consegue vaga de bombeiro civil, vai cuidar dos extintores, lidar com operários, bater cartão às 7 horas da manhã. A função lhe permite circular livremente pelas seções, encontrando e conhecendo muita gente. Uma das primeiras impressões do repórter é que ninguém se informa lendo jornais. Quem lê e comenta as notícias diárias é seu Pedro, de 60 anos, que lida com 120 pessoas na sua seção. Na hora do almoço, ele explica, dá sua opinião, fala e gesticula a um grupo de jovens atentos ao que ele tem a dizer.

Um dos operários lhe indica uma pensão para morar. Descreve seu quarto como uma garagem de fundos, com porta de aço, quatro beliches e dois guarda-roupas quebrados. Ali encontra nos moradores novos colegas, alguns trabalham com ele na fábrica, e assim passa a observá-los tanto de dia, no trabalho, como à noite, na pensão.

Numa linguagem ao estilo literário, Hamilton Ribeiro descreve momentos que tornam sua reportagem uma história rica em detalhes ao passar sua visão, suas observações, seus sentimentos, comentando sobre as pessoas, seus sonhos, desejos, gestos e manias. Uma delas é o pessoal dar apelidos aos outros. Hamilton logo no primeiro dia recebeu dois: espanador de estrelas (por limpar os extintores do alto) e investigador da fábrica (por seu jeito calado e observador misterioso). Depois percebe os arranjos que os operários dão para sobreviver. Alguém lhe oferece vender vale-refeição pela metade do preço: leva marmita no almoço e não precisa do vale. A maioria dos operários é formada por jovens que vieram do interior, sem muito estudo ou qualificação.

Na pensão, quando puxa papo sobre alguma notícia de jornal, logo desconversam voltando o assunto para casamento, mulheres, e então o repórter aproveita para perguntar se algum deles se casaria com moça que não fosse virgem.

Tabu à prova, a resposta é negativa, todos esperam por uma moça virgem para casar e ter filhos. Ninguém afirma que usaria preservativos para evitá-los, ao contrário, um deles diz que filhos são dados por Deus e cada um tem que aceitar o que vier. Todos concordam. Em outra ocasião o assunto são as mulheres da vida, ou melhor, o grupo vai pessoalmente à chamada área do lixo, no centro de São Paulo, à procura de diversão sexual. Mas apenas um deles acaba disposto a pagar o preço estabelecido. Enquanto os outros esperam na mesa de um bar, depois de tomar “meio copo de coragem”, ele vai e volta logo em seguida pedindo para não contarem nada lá na pensão.

O comportamento dos colegas operários é diferente na fala e na ação. Nas conversas em que revelam seus desejos, a vontade era de estar com aquelas mulheres, mas na prática se contentam apenas em caminhar pelas ruas imaginando o que encontrariam dentro dos estabelecimentos. Depois de olhar vitrines, tomar algumas cervejas, comer pastéis, pegam o ônibus de volta para a pensão.

Entre uma conversa e outra, Hamilton Ribeiro nota a ansiedade de alguns em manter o emprego, juntar algum dinheiro para visitar a família no interior e outras ambições. Assim se passam três semanas na vida deste repórter operário.

No Rio de Janeiro, o repórter Henrique Caban passou uma semana em contato com jovens que seriam futuros dirigentes numa grande empresa. De suas conclusões, lhe chamou a atenção, a diferença dos tempos antigos para os atuais em que os jovens que pretendem exercer funções de liderança começam muito cedo a entender do pessoal, da gestão, dos custos, de todo planejamento. Antigamente levava-se praticamente todo o tempo para conhecer tudo isso, ou seja, perto da aposentadoria alguém se tornava chefe. Com isso revela acreditar que em pouco tempo acabaria aquela tradicional imagem do “chefe de cabelos brancos”, brinca.

Sua observação se deve ao fato de ter convivido numa empresa em que há seis anos era raro que um chefe tivesse menos de 40 anos, mas deste tempo em diante a organização mudou de foco, acreditando na busca de jovens talentosos que fossem preparados desde cedo para chefiar.

Para um cargo de mando contava muito o tempo de serviço. Os jornais anunciavam: “precisa-se de gerente com experiência comprovada”. Agora, na chamada para os testes, já se anuncia apenas isto: “precisa-se de jovens inteligentes”. Antigamente, o jovem começava da estaca zero e geralmente chegava à metade do caminho de cabelos brancos. Hoje, com a nova mentalidade, ele é preparado para começar onde muitos estão após anos de experiência, aproveitando o máximo de sua juventude, e sem levar para o posto de chefia uma série de vícios que se adquire durante longos anos de trabalho (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 73).

Caban se decepçiona quando percebe que atuará primeiramente no setor de vendas pois seu objetivo era aprender com os chefes. Logo recebe a explicação de que todos passam por diversos setores e que, para chefiar, tem que conhecer bem as etapas que envolvem o suporte ao cliente, desde a venda até o cuidado com a família, se necessário for.

Como características deste grupo de convivência, o repórter destaca a religiosidade, o apego à família e a busca por estabilidade financeira comum entre os jovens, futuros chefes de carreira, que também planejam se casar para assumir a chefia de uma família. Caban notou como eles mantêm o rótulo entre as garotas de família e as de programa: numa conversa informal de almoço em que um colega convida o outro para sair no domingo, ele informa que estará com duas garotas. Ouve a pergunta: “são garotas sérias ou de programas”?

O grupo trabalha em equipe, mas no final de semana raramente se encontram, ficam em casa com sua família, com seus programas corriqueiros, como missa, namoro ou curtas viagens para descanso. Na segunda-feira voltam a se concentrar no trabalho.

Na página 81 da edição Nº 18, surge um jovem repórter que na vida real se tornou um expoente para a sociedade brasileira. Alberto Libâneo, então com 22 anos, foi convidado a participar desta série de reportagens para fazer suas descobertas quanto ao mundo universitário. Passou um mês em Minas Gerais, com a seguinte missão:

... descobrir se eles são realmente tão subversivos como os pintam, quais as suas preocupações, e o que pensam sobre política, religião, sexo, moral. Descobrir como eles se divertem, o que fazem fora das universidades, o que conversam em volta de uma mesa de chop, o que acham seus pais de suas atitudes, o que pensam suas namoradas (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 81).

Aceitou o convite e escolheu Belo Horizonte, onde aconteceria o 29º Congresso da Ex-UNE, os estudantes estariam fora do seu ritmo de vida habitual e em outro Estado haveria melhores condições de cumprir sua tarefa. Após os 30 dias

em campo e mais 03 dias trancado em seu quarto, escrevendo, apresentou suas história e suas conclusões.

Logo nos primeiros dias, muita agitação por conta do movimento estudantil que foi de âmbito nacional. A manifestação era contra o acordo chamado MEC-USAID. Um colega de Libânio comenta, em suas palavras que os americanos queriam tomar conta do ensino por aqui, mas não soube explicar exatamente o que era o tal acordo.

Depois da ação, em meio às aulas ou nas conversas de bar, cada um expressa sua opinião sobre o momento político, dividindo os que acreditam em melhorias e os que se declaram indiferentes:

Percebi que alguns estudantes estão convencidos de que não de mudar as estruturas sociais do Brasil; recorrem sempre aos livros para defender suas opiniões; citam Celso Furtado, Caio Prado. Outros, porém, só se preocupam com a própria especialização profissional comprovada por um diploma de curso superior. Não relacionam suas atividades técnico-científica com participação política (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 85).

Ainda na mesa de um bar, no intervalo das aulas, uma das estudantes puxa conversa sobre a “tradicional família mineira”, afirmando que considera uma instituição falida. O repórter pergunta se eles aceitam que ela use minissaia, como a que estava vestindo no momento, e ela disse que não. E mesmo assim usa.

De volta à aula de antropologia, o professor propõe um debate sobre certos “preconceitos e tabus”. O tema escolhido é a virgindade feminina pré-nupcial. O primeiro a dar sua opinião cita o contraste de uma juventude “voltada para o futuro, mas educada como se ainda vivesse numa cidade do interior” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 87). E todos parecem concordar – um deles diz que não entende por que o sexo ainda é um tabu. Outro salienta que os condicionamentos sociais criam uma redoma de vidro em torno da virgindade feminina; há o que pensa que o sexo é algo tão natural como se alimentar. E por que não romper com esses tais condicionamentos?

Um dos estudantes conta que tem uma amiga que fez um aborto por pressão da sociedade. Acredita que deveriam ter os mesmos direitos para os gêneros masculino e feminino quanto às experiências sexuais antes do casamento. Depois do silêncio na sala alguém sugere que este é um problema essencialmente masculino, contra a emancipação da mulher.



A fala aberta dos universitários surpreendeu o repórter, especialmente na conclusão em que demonstraram a necessidade de uma revolução social para reconstruir tudo de novo. Ao encerrar suas reflexões sobre este dia de faculdade, Libâneo destaca as palavras de um professor:

Enquanto o Brasil necessita de técnicos e cientistas, 50 % dos universitários fazem curso de Direito, Ciências Sociais, Filosofia e Letras. As poucas unidades técnicas da Universidade brasileira carecem de equipamentos modernos e o governo custa a fornecer verbas para o incentivo da pesquisa; em consequência, nos últimos 15 anos, 261 pesquisadores brasileiros foram trabalhar no exterior (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 87).

Numa ocasião em que Libâneo e alguns colegas foram almoçar no restaurante da Faculdade de Direito, havia uma mesa com um estudante que era poeta e negro. Ele aproveitou a oportunidade para sentarem juntos e perguntou sobre preconceito de cor. Entre os estudantes não se nota, mas quando ele é apresentado, sempre mencionam junto ao seu nome algum termo como “poeta”, “inteligente” ou “universitário”, o que facilita a aceitação pelos outros.

Durante a conversa no almoço, o escritor fez um pequeno poema, entregue à Libâneo: “Deus quando criou o mundo / mandou que a luz existisse / mas a minha pele continua negra / negra como o embrião da noite / negra como a incompreensão dos homens” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 87).

Em outros momentos, conversas sobre catolicismo e política. Quase sempre em volta da mesa de um bar, considerado um importante lugar na vida dos universitários, onde acontecem debates, críticas, acertos, escolhas de candidatos, comemorações de todo tipo, de uma boa nota no exame ao fracasso no amor.

A última das conversas em torno de uma mesa de bar teve por protagonista um estudante preso recentemente, acusado por provocar incêndio, ameaçar os alicerces da República e perturbar a ordem pública. Fora absolvido com mais 19 estudantes, por 12 votos a zero no Superior Tribunal Militar. Na saída, fotógrafos e cinegrafistas pediam expressão de abatimento, mas os estudantes fizeram questão de cantar sua vitória contra o sistema. Ao concluir sua narrativa, havia um grande número de pessoas em volta ouvindo atentamente.

Este jovem representa a imagem que Libâneo levou consigo dos jovens universitários brasileiros, cheios de dúvidas, incertezas, sonhos e esperanças, problemas, dramas e confiança no futuro.

A página 93 inicia a saga do repórter Luiz Fernando Mercadante, resumindo mais de cem horas de conversas com jovens, em 30 dias viajando, quando passou por 14 municípios entre São Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio. A maior preocupação desses “boas-vidas”, encontrados pelo caminho de Mercadante, é decidir se saem ou não da pacata cidade onde vivem, seguindo em busca de novas oportunidades.

A dúvida se dá não apenas por medo da novidade, saltar adiante indo para uma capital, mas em trocar o conforto e a segurança da estrutura local, por algo incerto. Enquanto se decidem, procuram se divertir nos bancos das praças, nas mesas de bilhar, nos bailes dos clubes, nas salas de cinema ou nas pistas de boliche.

Em meio a conversas de conteúdo cotidiano, a maioria demonstra pouco interesse por trabalho ou estudo. Na praça, é hora de apreciar as estudantes do normal e do científico, que passam por ali com seus livros embaixo do braço. A Rádio Clube de Caracóis toca Chico Buarque em seus alto-falantes. Mercadante ainda está conhecendo pessoas quando dois deles lhe chamam atenção: um trabalha para estudar, o outro estuda para não trabalhar. Ambos querem estudar Direito e virar juiz. Pretendem “encanar a esquadrilha da fumaça”, que na linguagem deles significam os maconheiros. Quatro ou cinco puxadores de maconha e tomadores de bolinha estão logo ali, do outro lado da praça, no final da tarde.

Na sexta-feira à noite, depois do baile dançante, um grupo segue para o posto da entrada, dizem ter umas “donas” fazendo programa por lá. No caminho, um deles comenta ter lido Dostoiêwski, e agora lê Machado de Assis. O outro gosta das pornografias de Jorge Amado, mas é corrigido imediatamente: “Aquilo não é pornografia, é arte”, aparentando ser um estudante, mas ao responder a esta indagação, o rapaz informa que não, é autodidata e um dia vai embora para São Paulo ou Rio procurar emprego de jornalista.

O posto estava vazio, de volta à praça, a noite termina com os rapazes brincando com o busto de um figurão da cidade, no qual deixaram um chapéu de palha sobre sua cabeça e outras graças do tipo. Assim foi a diversão daquele fim de semana.

Diferentemente do jovem do interior, a repórter Lana Nowikow encontrou um grupo de bancários, que trabalha duro. A recepcionista foi a sua anfitriã. Era estudante e pretendia arranjar namorado, noivar e se casar em três anos, ou seja,

até completar os 22 anos. Logo cedo queria fumar, mas tinha que ser escondido, pois às mulheres era proibido naquela agência; somente os homens é que podiam. No almoço, convite para festa na casa de um dos novos colegas. Como assunto principal, apenas rotina de trabalho. Mesmo puxando conversa sobre política, o interesse era todo para o cotidiano e seus clientes bancários.

O texto da repórter segue assim, até que para concluir, uma opinião expressiva, quando um jovem pergunta se a então recepcionista do banco tem namorado, e depois, se ela estuda, no que conclui:

...faz bem em não estudar (...) mulher não precisa estudar. Pra quê? Depois casa, tem filhos e todo tempo que ela passou na escola fica perdido. Melhor mesmo é aprender prendas domésticas. Já vi muitas mocinhas se casarem sem saber temperar feijão... o homem é que tem de ser alguém na vida, para poder sustentar a casa. A maior prova disso é a sua constituição, mais alto, mais forte, mais pesado que a mulher. Depois, a única coisa que a mulher aprende na escola a fumar e ficar arrogante (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 112).

Na Bahia, o repórter Narciso Kalili encontrou jovens camponeses, mais precisamente em Cruz das Almas, no recôncavo baiano. A maioria dos seus 50 mil habitantes, vive do fumo. A fazenda em que Kalili esteve tem mais de 600 camponeses, trabalhando em dois milhões de pés de fumo. Nos seis meses de entressafra, todos ficam sem emprego, desprovidos de salário mínimo.

O repórter era agora ajudante de agrônomo. Passava os dias entre os camponeses, tentando puxar conversa, mas não conseguia muita resposta. Pouca fala e muito trabalho pesado para os homens que lidavam com a enxada, limpando a arando a terra, para depois embarcar balaio cheio de fumo nos caminhões, rumo ao beneficiamento.

Depois de muito silêncio, se o moço estranho é fiscal. O repórter explica que está fazendo um estágio para ser auxiliar do agrônomo e pergunta o motivo de achar que é fiscal. A mulher explica que sempre aparecem por lá homens que fazem perguntas e anotam tudo no papel. Descobriram que o filho de uma comadre tinha morrido, e ela teve que devolver o salário-família. Logo consegue uma nova história. No campo existe a crença de que não é bom mandar criança pequena à escola. Tem que passar dos nove anos para não ficar de “miolo mole”.

O capataz, atento ao trabalho das mulheres, pergunta por que o balaio estava pela metade: “de manhã cedo, de barriga vazia, o balaio pesa. Pensa que cafezinho

puro sustenta”? (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág.119). Não há hora para almoçar. Durante o expediente comem farinha e carne seca, o jabá, trazido de casa. Sem intervalo para o almoço dá para sair mais cedo. Longe dos chefes, algumas mulheres contam um pouco da sua rotina fora do trabalho. Algumas sonham em ir para o sudeste, outras têm medo de sair da cidade; uma delas explica ser perigoso porque tem que ir de carro e ele pode virar na estrada.

Em visita a outra fazenda, o novo capataz o recebe de forma oposta ao primeiro, sorri, fica contente em conhecer “moço estudado”, é falante, comenta sobre a notícia que ouviu no rádio sobre a morte do presidente Castelo Branco, mas diz que não fala dos mortos, pois esses estão sossegados. Fala de Costa e Silva, que ele poderia ajudar se fosse pessoalmente ver a situação no campo; se soubesse que eles precisam de aumento, daria, mas de longe, no Sul, não dá. Falou de política, contou que pouca gente vota ali no campo, só quem sabe escrever e em quem o patrão mandar. Sem o repórter fazer perguntas, o capataz deu-lhe muitas informações.

À noite, no bar, a conversa era sobre moças. Um dos trabalhadores da fazenda conta que iria levar uma moça de família para o mangueiral. O amigo alerta que o pai dela é bravo, mesmo assim o outro insiste que não há perigo, está tudo bem planejado. Quando é perguntado como ele conseguiu convencer a moça, a resposta dada explica que foi fácil - bastou dizer que eles iam viver juntos e a moça acreditou.

No sábado, o trabalho no campo acaba cedo, às 16 horas. Depois todos vão à cidade, é dia de feira e de noite, baile. Arrasta pé, regado a sanfona, um pandeiro e um tambor de couro de cobra embalando o baião, xote e xaxado, casais dançavam agarrados, mas sem conversar. No final da música, homens de um lado, mulheres de outro. Depois, o samba de roda, com cinco pandeiros, mulheres jovens no centro da roda. Em volta, rapazes cantam e batem palma no ritmo dos músicos. No dia seguinte, futebol na roça, todos descalços e sem camisa, atrás da bola ao mesmo tempo.

Kalili encerra seu texto descrevendo a sensação de cansaço e tristeza por não encontrar diferença entre os jovens camponeses e os velhos: “todos eles aceitavam viver quase sem esperanças, embora sonhassem, algumas vezes, em conseguir seu próprio pedaço de terra, ou então trocar o campo pela cidade, a Bahia pelo Sul” (REVISTA REALIDADE, edição Nº 18, 1967, pág. 122).

Esta reportagem fecha a série que levou jovens repórteres a observar em campo a juventude atual, buscando extrair suas opiniões, ideias e sonhos, descobrindo quais eram seus medos, preocupações, sua rotina diária. E a missão foi cumprida, mostrando situações que nem sempre eram temas de reportagens ou foco de atenção tanto da imprensa como da sociedade.

Embora esta fosse uma edição especial voltada a mapear a juventude brasileira, a abrangência dos temas não enfatizou a sexualidade, como provavelmente fosse esperado pelos leitores e mesmo pela censura, já pronta a revidar em caso positivo, pronta a punir. Desta forma agiam como o que Foucault chama de instituição disciplinar, utilizando técnicas minuciosas, formas de “cobrir o corpo social inteiro” (1999, pág.120). Essas formas, ainda que indiretas, de repressão, acabavam por condicionar os autores:

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão da verdade é condicionada politicamente (FOUCAULT, 1988, pág. 11).

Ainda que não houvesse uma proibição explícita, em outubro de 1967, havia uma repressão moral e política não declarada, mas presente em forma de poder autoritário, sempre manifesta de formas variadas, comparadas ao que o autor considera disciplina, “anatomia política do detalhe” (1987, pág. 120). Para Foucault, o “discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta” (1988, pág. 11).

Caminhando para a parte final da revista, Realidade envia o repórter Hamilton Almeida e o fotógrafo Jorge Butsuem em visita a um Quartel de fronteira com o Paraguai, em Mato Grosso, e descreve a vida dos Recrutas, que chegam logo no começo de cada ano, para uma experiência de 12 meses longe de casa, recebendo ordens o tempo todo, e sendo lembrados a cada erro que nada é perdoado. Pode-se explicar, porém nada justifica.

Com texto de Norma Freire, Realidade busca os chamados “fazedores”; jovens que se dedicam a pesquisar, criar, resolver problemas. Mostra o exemplo destes realizadores. O Ensaio fotográfico é de Claudia Andujar, que captou imagens de jovens casais que por meio de imagens dizem algo sobre o romance vivido no “primeiro amor”, tema do Ensaio.

Realidade pergunta aos jovens: “o que você quer ser”? E, dentre outros conselhos alerta: nunca pegar o primeiro emprego que aparecer; as máquinas podem deixá-lo louco, aprenda a dominá-las; e incentiva ao estudo profissionalizante, lembrando que ninguém nasce pronto, é preciso preparo e paciência.

Na página 178, Realidade fecha a Edição especial Nº 18 com a seção “Brasil pergunta” lançando a seguinte questão: “Você gostaria de voltar a ter vinte anos? Quem responde que “sim” é o poeta Vinícius de Moraes, brincando que se queimava mas não “assistia viver” - “quando se vive não se sabe, e quando se sabe não se pode”! Para ele valeria a pena voltar no tempo e ter 20 anos outra vez. Já para o advogado Sobral Pinto a resposta é “não”: diz que é seu dever aceitar a idade que tem. Aos 73 anos prefere seguir em frente.

À exemplo da Edição especial Nº 10, Realidade apresenta o mapeamento da juventude brasileira passeando por temas diversos, como política, mercado de trabalho, estudos, perspectivas de futuro, mas dessa vez não foi tão radical, provavelmente porque já havia sofrido uma apreensão meses antes.

## ANEXO A

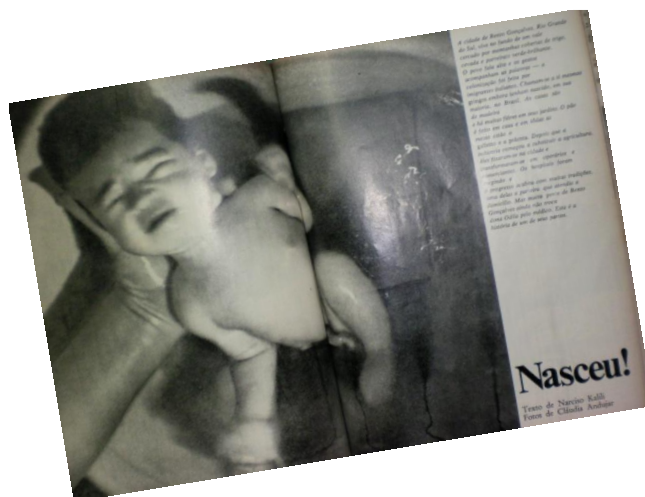
## Galeria de Fotografias e ilustrações- Revista Realidade (Edições 07 a 18)



Ilustração sobre o corpo feminino. Revista Realidade, Edição Nº 10, págs. 36, 1967



Ilustração 2 sobre o corpo feminino. Revista Realidade, Edição Nº 10, págs. 42 e 43, 1967.

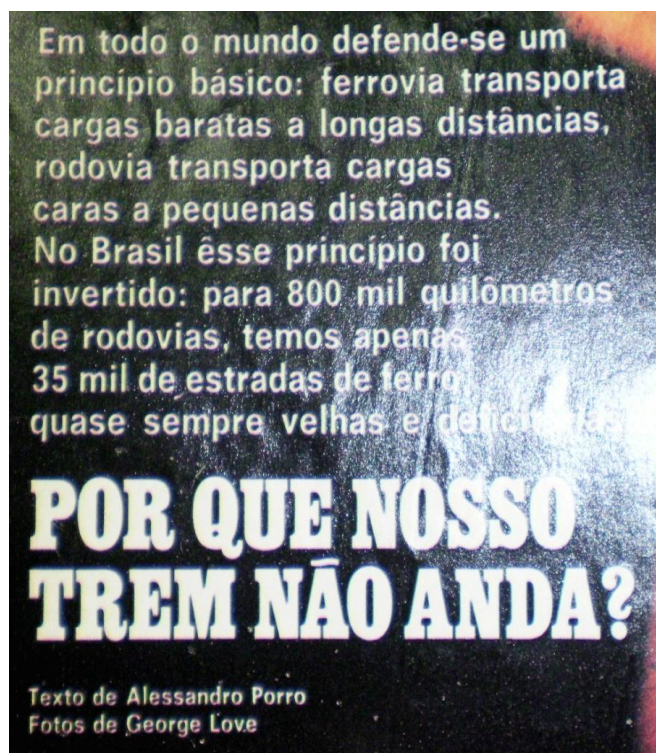


Fotografia de um recém-nascido. Revista Realidade, Edição Nº 10, págs. 68 e 69, 1967.



Ilustração 01: pesquisa sobre o divórcio. Revista Realidade, Edição Nº 10, págs. 68 e 69, 1967.





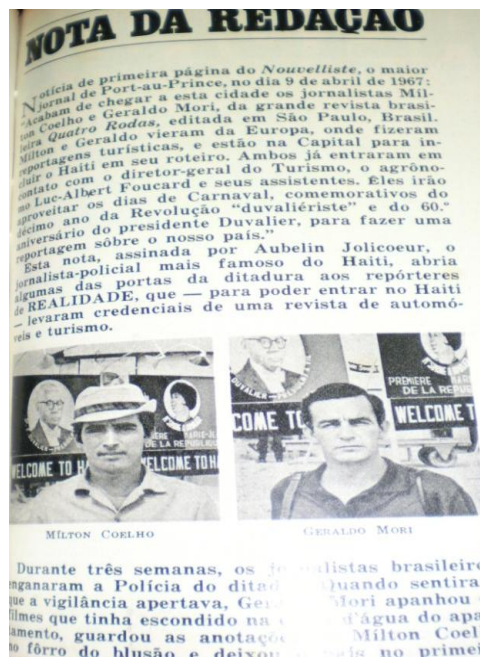
Título de reportagem. Revista Realidade, Edição Nº 16, pág.44, 1967.



Fotografia01 de piauienses. Revista Realidade, Edição Nº 13, pág.44, 1967.

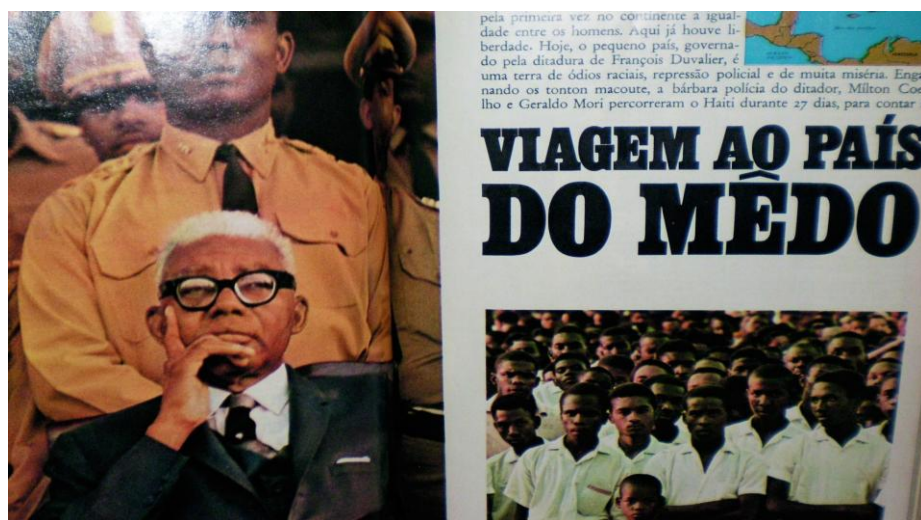


Fotografia02 de piauienses. Revista Realidade, Edição Nº 13, pág.44, 1967.



Fotografia de um editorial. Revista Realidade, Edição Nº 15, pág.03., 1967.





Título da reportagem. Revista Realidade, Edição Nº 15, pág.44, 1967.



Título da reportagem. Revista Realidade, Edição Nº 09, pág.92, 1966.



Ensaio Fotográfico. Revista Realidade, Edição Nº 07, pág.44, 1966.



Seção "Brasil Pergunta". Revista Realidade, Edição Nº 10, pág.122, 1967.



Seção de Cartas do Leitor. Revista Realidade, Edição Nº 15, pág.08, 1967.